

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

CASSIA MIRELLI MUSSOLIM OLIVARTE

**FAKE NEWS: LEITURA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA COM O GÊNERO (DES)
NOTÍCIA PARA O 7º. ANO**

**MARINGÁ
2021**

CASSIA MIRELLI MUSSOLIM OLIVARTE

**FAKE NEWS: LEITURA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA COM O GÊNERO (DES)
NOTÍCIA PARA O 7º. ANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da professora Dr^a. Lilian Cristina Buzato Ritter.

**MARINGÁ
2021**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

O48f

Olivarte, Cassia Mirelli Mussolim

Fake news : leitura em perspectiva dialógica com o gênero (des) notícia para o 7º. ano / Cassia Mirelli Mussolim Olivarte. -- Maringá, PR, 2021.

134 f.: il. color., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Cristina Buzato Ritter.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Língua Portuguesa, Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado profissional, 2021.

1. Leitura réplica. 2. Dialogismo. 3. Fake News. 4. Linguística aplicada. I. Ritter, Lilian

CDD 23.ed. 418.4

CASSIA MIRELLI MUSSOLIM OLIVARTE

**FAKE NEWS: LEITURA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA COM O GÊNERO (DES)
NOTÍCIA PARA O 7º. ANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da professora Dr^a. Lilian Cristina Buzato Ritter.



Orientadora: Prof^a. Dr^a Lilian Cristina B. Ritter
Universidade Estadual de Maringá - UEM



Prof^a. Dr^a. Cláudia Valéria Doná Hila
Universidade Estadual de Maringá - UEM



Prof^a. Dr^a. Angela Francine Fuza
Universidade Federal do Tocantins - UFT

AGRADECIMENTOS

Ser grato é humanizar-se. Reconhecer quem fez parte desse projeto é ter a certeza de que não produzimos nada sozinhos, mas que fomos sustentados, orientados e incentivados por diversas vozes, dentre as mais especiais faremos menção:

A Deus. Ebenézer!

Ao meu esposo Wendel, pelo apoio desmedido.

Aos filhos Fernando e Julia, pelo companheirismo e compreensão.

A minha mãe sempre pronta a ajudar.

Ao meu querido pai, in memória, que torcia pelo meu bom desempenho.

As minhas irmãs, pelo incentivo e colaboração.

Às amigas do PROFLETRAS, pela aprendizagem e alegria compartilhada.

A minha amiga Taíse Fabilla Amadeu, companheira de curso e de vida.

À professora Dr^a Lilian C.B. Ritter que tanto incentivou e pacientemente me orientou.

À professora Dr^a Claudia V. Doná Hila, pelas orientações e exemplos na conduta didática.

À professora Dr^a Angela Francine Fuza que prontamente aceitou participar e colaborar com a avaliação do nosso trabalho.

Ao professor Dr. Renilson Menegassi pela base teórico-prática com que contribuiu imensamente ao meu trabalho.

Obrigada.

Epígrafe

“...pois a boca fala do que o coração está cheio.”

Lucas 6:45 Bíblia (NTLH)

OLIVARTE, Cassia Mirelli Mussolim. **Fake News: Leitura em Perspectiva Dialógica com o Gênero (des) Notícia para o 7º ano**. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

RESUMO

Esta pesquisa consiste na elaboração de um Protótipo Didático (PD) de Leitura Dialógica (LD) com vistas à produção da réplica crítica para estudantes do 7º ano do EFII. A LD fundamenta-se nos pressupostos da concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 1926; BAKHTIN, 2003 [1979]; VOLÓCHINOV, 2018), em revisão de estudiosos contemporâneos no processo ensino-aprendizagem (RODRIGUES, 2001; ACOSTA PEREIRA, 2014; ROJO, 2004; MENEGASSI, 2010; BELOTI et al. 2020) que concebem a linguagem como ato histórico produzido no fluxo discursivo das relações sociais em interação. Nessa concepção, os textos-enunciados são analisados por duas perspectivas: a Dimensão Social (DS) e a Dimensão Verbo-visual (DVV). Dessas relações sociodiscursivas creditam-se valores sociais e individuais que almejam a responsividade dos interlocutores, cujo plano de leitura dialógica é investigar todos os elos possíveis de valoração e responder a eles com palavras e apreciações próprias – a leitura réplica. A pesquisa é de cunho qualitativo-interpretativa (BORTONI-RICARDO, 2008; SCHWANDT, 2006), de caráter propositivo, e natureza aplicada, e tem como objetivo geral propor um PD de leitura dialógica que possa contribuir com o desenvolvimento da leitura réplica/crítica de alunos de 7º ano. Em busca do alvo central, assentamos objetivos específicos: (a) Compreender como os aspectos sociais e ideológicos das dimensões social e verbo-visual dos enunciados podem ser contemplados no interior do PD proposto para o trabalho pedagógico da leitura dialógica em um possível processo de aprendizagem de alunos de 7º ano; (b). Caracterizar um PD de leitura dialógica, destinado a alunos dos 7º anos, visando o desenvolvimento da leitura crítica. De posse da orientação teórica produzimos o PD à luz da DS e da DVV dos enunciados no gênero fake news, proeminente no momento pandêmico do Covid-19, resultante em um produto educacional, em formato de e-book, a ser disponibilizado na plataforma educapes.capes.gov.br, como material de apoio a professores de Língua Portuguesa. Com a análise do PD obtivemos os resultados seguintes: ficou latente pela pesquisa interpretativista que a prática de leitura proposta observando a DS e a DVV dos enunciados contribui com a réplica crítica porque embasa a refração de sentidos por parte do aluno-leitor e contribui com o seu letramento midiático. Contudo, faz-se necessário domínio teórico e metodológico por parte do professor mediador para provocar a visualização dos elos dialógicos discursivos, caso contrário, corre-se o risco de respostas literais ao texto.

Palavras-chave: Dialogismo; Fake News; Leitura réplica.

OLIVARTE, Cassia Mirelli Mussolim. **Fake News: A reading on Dialogic Perspective with the (fake) News Genre for 7th grade**. Graduate Thesis (Professional Master of Arts in Language and Literature) - State University of Maringá, Maringá, 2021.

ABSTRACT

This research consists of the elaboration of a Didactic Prototype (DP) of Dialogic Reading (DR) aiming at the production of critical retort for students on the 7th grade of middle school. The DR is based on the assumptions of the dialogic conception of language (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 1926; BAKHTIN, 2003 [1979]; VOLÓCHINOV, 2018), in a review of contemporary scholars on the teaching-learning process (RODRIGUES, 2001; ACOSTA PEREIRA, 2014; ROJO, 2004; MENEGASSI, 2010; BELLOTI et al. 2020) who conceive of language as a historical act produced in the discursive flow of interacting social relations. In this conception, the text-utterances are analyzed by two perspectives: Social Dimension (SD) and the Verbal-Visual Dimension (VVD). These socio-discursive relations accredit social and individual values which long for responsivity and whose plan of dialogical reading is to investigate all possible links of valuation and answer to them with words and proper estimation - retort reading. The research is qualitative-interpretative (BORTONI-RICARDO, 2008; SCHWANDT, 2006), of a propositional character, and applied in nature, and its general objective is to propose a dialogical reading DP that can contribute to the development of retort/critical reading in 7th grade students. In search of our central target, we listed specific objectives: (a) To understand how the social and ideological aspects of the social and verbal-visual dimensions of utterances can be contemplated within the proposed DP for pedagogical work in dialogical reading in a possible learning process for 7th grade pupils; (b). To characterize a dialogical reading DP, aimed at 7th grade students, aiming at the development of critical reading. With this theoretical orientation we produced the DP in light of the SD and the DVV of utterances in the fake news genre, prominent at the pandemic times of Covid-19, resulting in an educational product in the form of an e-book, to be made available in the educapes.capes.gov.br platform, as supporting material for Portuguese Language teachers. With the analysis of the DP we obtained the following results: it became evident in the Interpretivist research that the proposed reading practice observing the SD and VVD of the utterances contributes to the critical retort, because it supports the refraction of meanings by the student-reader and contributes to their mediatic literacy. However, theoretical and methodological mastery by the mediator-teacher is necessary to provoke the visualization of discursive dialogical links. Otherwise, there is a risk of literal responses to the text.

Keywords: Dialogism; Fake News; Reader response.

Lista de figuras

Figura 1: O que responder para leitura dialógica.	44
Figura 2: Exemplo de fake news.	61
Figura 3: O percurso metodológico do protótipo didático.	82
Figura 4: Texto 1- Fake news “Vacinação encenada em Quixadá CE.”	84
Figura 5: Texto 2- Notícia “Prefeitura de Quixadá diz que vídeo com seringa vazia usada em vacinação contra Covid foi editado”	89
Figura 6: Texto 1.	94
Figura 7: Texto 2.	101
Figura 8: Texto 3.	109
Figura 9: Texto 4.	116
Figura 10: Texto sugerido para contrapalavra.....	120

Lista de Tabela

Tabela 1: Resultado da Prova Paraná – Avaliação Diagnóstica 2019	16
--	----

Lista de Quadros

Quadro 1: Características do leitor a partir do âmbito dialógico.	40
Quadro 2: Dimensões Social de análise dos textos-enunciados.....	41
Quadro 3: Dimensão verbo-visual dos textos enunciados.	42
Quadro 4: Síntese de DS e DVV de fake news.	62
Quadro 5: Sequência dos Procedimentos Metodológicos.	76
Quadro 6: Síntese da metodologia.....	80
Quadro 7: Comparação entre fake news X notícia.....	91
Quadro 8: Transcrição do texto indicado para contrapalavra.	120

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Questionário diagnóstico – questão 01.....	71
Gráfico 2 – Questionário diagnóstico – questão 02.....	72
Gráfico 3 – Questionário diagnóstico – questão 03.....	73
Gráfico 4 – Questionário diagnóstico – questão 04.....	74
Gráfico 5 – Questionário diagnóstico – questão 05.....	75

Lista de Abreviaturas e Siglas

ADD – Análise Dialógica do Discurso.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

COVID-19 – Síndrome Respiratória Aguda Grave - Sars na sigla em inglês - 2019.

DS – Dimensão Social.

DVDA – Discurso na Vida e Discurso na Arte

DVV – Dimensão Verbo-visual.

EaD – Educação a Distância.

EFI – Ensino Fundamental I.

EFII – Ensino Fundamental II.

EF07LP01 – Ensino Fundamental, sétimo ano, Língua Portuguesa, primeira habilidade.

EF09LP01 – Ensino Fundamental, nono ano, Língua Portuguesa, primeira habilidade.

EUA – Estados Unidos da América

GNL – Grupo Nova Londres.

LA – Linguística Aplicada.

LD – Leitura Dialógica.

LP – Língua Portuguesa.

MFL – Marxismo e Filosofia de Linguagem

Obs. - Observação

PD – Protótipo Didático.

PD_s – Protótipos Didáticos.

PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional.

PDF_s - Formato Portátil de Documento.

PL – Projeto de Lei

PUCRS – Pontífice Universidade Católica – Rio Grande do Sul.

Sars-Cov2 - síndrome respiratória aguda severa.

PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras

SEED-PR – Secretaria Educacional de Educação – Paraná.

TEDE – Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações.

UEM – Universidade Estadual de Maringá.

IHU – Instituto Humanista Unisinos

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

URL - Em inglês, é a sigla de Uniform Resource Locator, e em português significa Localizador Padrão de Recursos.

USP – Universidade de São Paulo.

Web — Sistema hipertextual que opera através da internet

Website — Conjunto de páginas da rede (hipertextos) acessíveis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	22
	2.1. A PRÁTICA DA LEITURA NA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LINGUAGEM .	22
	2.2. O GÊNERO DISCURSIVO FAKE NEWS.....	45
	2.3. O LETRAMENTO MIDIÁTICO E A LEITURA DE FAKE NEWS.....	63
3	METODOLOGIA.....	66
	3.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.	66
	3.2. CONTEXTO DE PESQUISA, QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO E ANÁLISE... 	69
	3.3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CRITÉRIOS DE ANÁLISE.....	76
4	O PROTÓTIPO DIDÁTICO: FAKE NEWS E AS VACINAS.....	81
	4.1. MÓDULO 1 - APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO: FAKE NEWS X NOTÍCIA	82
	4.2. MÓDULO 2 – DIMENSÃO SOCIAL E VERBO-VISUAL DA FAKE	92
	4.3. MÓDULO 3 – CONTRAPALAVRA DO ALUNO	119
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
6	REFERÊNCIAS	127
7	APÊNDICES.....	133

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como foco a prática de leitura dialógica a partir do gênero falsa notícia em circulação nas redes sociais, também chamada por nós de (des) notícia ou fake news, sob o plano de um protótipo didático¹ direcionado a alunos do 7º ano com vistas à promoção da leitura réplica²/ leitura crítica. A pesquisa está circunscrita no âmbito da Linguística Aplicada (LA), ancorada no interpretativismo, cujos pressupostos teóricos de análise, reflexões e constituição da prospecção didática orientam-se pelas reflexões do Círculo de Bakhtin.

A motivação para a realização desta pesquisa teve origem em nossas inquietações e angústias geradas no processo de ensino e aprendizagem, por percebermos a acentuada dificuldade dos alunos do Ensino Fundamental II (EFII), turmas de 6º ao 9º ano, que a cada dia chegam com mais defasagem na leitura e escrita em língua materna.

Lecionamos Língua Portuguesa (LP) nos colégios estaduais do estado do Paraná, desde 2005, e já trabalhamos com inúmeras turmas do Núcleo Regional de Educação do município de Maringá. Algumas apresentavam dificuldades de aprendizagem por fatores sociais (adolescentes em estado de vulnerabilidade social), outras por dificuldades associadas à questões fisiológicas (adolescentes com diagnósticos de distúrbios de aprendizagem), mas, a partir de 2011, com lotação fixa em um colégio da cidade, percebemos outros fatores interferentes que se acentuam de forma negativa na aprendizagem: desinteresse, baixa concentração e defasagem relacionada à aquisição da leitura e escrita. Essa questão também é percebida por colegas de trabalho que, comumente, criticam as dificuldades de leitura.

Compreendemos que as queixas realmente têm fundamentos, porém, afirmar que os problemas sejam oriundos apenas do Ensino Fundamental I é negar nossa

¹ Concebemos o termo Protótipo Didático conforme Rojo (2012) e Brandão e Gomes (2018, p. 5): Atividades didáticas que “possuem estrutura vazada, justamente por serem digitais e possibilitarem que tanto professor, a depender da necessidade da turma, quanto os alunos, possam complementar a composição didática desse tipo de material. Além disso, esses materiais possibilitam também a inserção de elementos multissemióticos, hipermediáticos e interativos em sua construção”.

² Compreendemos por leitura réplica consoante Menegassi (2010), ou seja, a leitura como manifestação de ponto de vista crítico com palavras próprias sobre o que se discute no texto. Nesta dissertação, leitura réplica é usada como sinônimo de leitura crítica.

responsabilidade enquanto educadores de áreas específicas e é no Ensino Fundamental II que a defasagem torna-se mais visível.

Podemos observar isso através de avaliações diagnósticas promovidas pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED-PR), em que alunos entre os 6º até os 9º anos destacam-se com resultados decrescentes em aspectos de leitura e interpretação como demonstrou a Prova Paraná 2019 e verificáveis apresentados na tabela a seguir com os índices de um dos colégios em que lecionamos.

Tabela 1: Resultado da Prova Paraná – Avaliação Diagnóstica 2019

Turmas	1ª edição da Prova Paraná	3ª edição da Prova Paraná	Resultado geral da Rede 1ª edição	Resultado geral da Rede 3ª edição
6º A	81 %	90%	71, 36 %	Obs: Não conseguimos visualizar o resultado geral da Rede nessa edição da Prova Paraná.
6º B	75,71 %	72%		
6º C	76,85 %	69%		
6º D	72,62 %	72%		
9º A	70,63 %	71%	64, 59%	
9º B	67 %	74%		
9º C	68,33 %	69%		

Fonte: <<http://www.provaparana.pr.gov.br/>>

A tabela apresenta dados apenas dos 6º e 9º anos por que eram essas turmas, de início e fim do ciclo do EFII que realizavam a Prova Paraná, contudo é possível observar nos resultados dessa escola que os índices de leitura e interpretação são positivos se compararmos com os resultados da média estadual da 1ª edição da prova, mas o que fica latente, e também é perceptível na prática em sala de aula, que há uma queda de desempenho do 6º para o 9º ano na leitura e na interpretação. É possível verificar isso observando que as notas maiores da 1ª e 3ª edição da prova são, em maioria, melhores nos 6º anos. Outro dado verificável é a média estadual alcançada pelos 6º anos maior que a média dos 9º anos.

Assim, por meio da observação da tabela, verificamos, ainda que superficialmente, que os rendimentos em leitura podem diminuir ao longo do EFII e questionamos os possíveis fatores interferentes nesse processo que podem influenciar a queda de desempenho escolar e como uma prática pedagógica que privilegie o pen-

samento crítico e leituras em suportes multimodais, pode contribuir com a manutenção dos bons resultados obtidos pelos 6º anos ao longo do EFII.

Todas essas observações nos levaram, como professora empenhada em contribuir para a qualidade de ensino na escola onde atuamos, a decidir pela pesquisa voltada ao eixo da leitura e em como desenvolvê-la. Nesse sentido, propomos na pesquisa a ênfase em atividades de leitura para alunos do 7º ano (ano intermediário do EFII e turma em que lecionamos com padrão fixo) para promoção e aprimoramento dessa prática, através de uma prospecção pedagógica que vislumbre apontamentos para um trabalho de leitura crítica dos quais os estudos dialógicos fizeram-se suplementar.

Assim, partimos da premissa de que a perspectiva dialógica de linguagem pode otimizar o rendimento dos alunos na leitura por conceber o texto como enunciado concreto. Portanto, estabelecemos como aporte fundante os conceitos do dialogismo primados por Bakhtin (2003 [1979]); Bakhtin/Volóchinov(1926); Volóchinov,(2018) e em alguns pesquisadores contemporâneos como Rodrigues, 2001; Acosta Pereira (2014); Brait e Pistori, (2012); Faraco (2009). Em relação à prática de leitura e ao letramento digital ancoramo-nos, por exemplo, em Rojo (2004); Rojo e Barbosa (2015); Menegassi (2010), Beloti et al. (2020); Menegassi; Angelo; Mendes-Polato e Gasparotto (2020); Coscarelli (2017) e aportes sobre fake news como gênero discursivo com base em Menger (2019) e Fante et al. (2018).

Consolidado o aspecto de análise da pesquisa no âmbito da leitura, começamos o ano letivo de 2020 com um rompimento brusco das atividades escolares presenciais pela deflagração do Coronavírus, ou Covid-19³ (Síndrome Respiratória Aguda Grave, Sars na sigla em inglês, enquanto “19” se refere a 2019, ano do surgimento da doença). Esse fato desencadeou o ensino remoto em quase todo o Brasil. Na rede estadual de educação do Paraná não foi diferente e o contato professor /aluno passou a ser por vias remotas em plataformas digitais. Dessa forma, a proposição da nossa pesquisa, que a princípio, versava pela análise em pesquisa-ação foi desconsiderada em meio ao processo pandêmico e remodelada pela vertente do interpretativismo sob protótipo didático destinado aos professores de LP em turmas do 7º ano do EFII.

3 Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em 20/01/2021.

Nesse contexto da pandemia e de estudos on-line, observamos uma crescente onda e disseminação de notícias falsas ou fake news⁴ em redes sociais, muito associada ao fenômeno da “pós-verdade” (MARCHEZAN, 2019), propagando-se e envolvendo tanto alunos como educadores com muita facilidade. Dessa forma, percebemos a necessidade de ancorar a pesquisa em leitura ao gênero falsa notícia e conscientizar os estudantes sobre os aspectos dialógicos constitutivos desse gênero visíveis em sua dimensão social (DS) e sua dimensão verbo-visual (DVV) conforme Rodrigues (2001) e Acosta Pereira (2014), a fim de formar o aluno um leitor crítico e responsivo diante dessa realidade e contribuir com a educação midiática suscitada também nas discussões do projeto de lei contra fake news (PL 2630/20)⁵ ainda em tramitação no Congresso Nacional.

Ainda, para evidenciar a importância de estudos e práticas pedagógicas que estimulem a leitura crítica sob o viés dialógico, aplicadas às notícias falsas no campo das mídias digitais, expomos que a pesquisa no banco de catálogo de teses da Capes⁶ com os termos: leitura dialógica, fake news e protótipo didático, o qual demonstrou uma carência de teses e dissertações sobre o assunto, pois encontramos apenas uma dissertação que fora significativa ao nosso trabalho.

A dissertação de Menger (2019), intitulada de “O impacto da desinformação em discursos de pós-verdade: as fake news como gênero discursivo à luz de estudos dialógicos do Círculo de Bakhtin”, desenvolvida pelo Programa Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, expõe os fenômenos da desinformação associados ao contexto da “pós-verdade” em análise pela materialidade da língua *in acto*, estabelecido com regularidades relativamente estáveis próprias do gênero. Dessa forma, ao averiguar no discurso o que é comum na divulgação das fake news, o autor contribui para a compreensão dela como gênero.

Verificamos também, na Aula 5⁷ de LP do 7º ano, veiculada remotamente pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED-PR), em meados de abril de 2020, na abordagem do gênero notícia e, paralelamente, a notícia falsa, pouco pre-

4. Nesta pesquisa, os termos falsas notícias, notícias falsas e fake news estão sendo utilizados por nós como sinônimos

5 Disponível em:

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=DE452BBAC05FB4FB1E864FDE9C1CC861.proposicoesWebExterno2?codteor=1909983&filename=PL+2630/2020. Acesso em 07/09/2020

6 Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 20/11/2020.

7 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nQdzSV1N6xl>. Acesso em: 28/04/2020.

paro dos gestores para trabalhar o último gênero, pois na atividade encaminhada aos alunos foi solicitado que produzissem fake news, deixando lacunares aspectos de leitura crítica nessa modalidade uma vez que fake news não é para ser produzida, mas, de forma crítica, ser reconhecida e analisada.

Além de reconhecer uma realidade escolar carente em práticas de leitura de fake news, certificamos que o perfil do estudante do século XXI mudou. Esse aluno, nativo digital, conforme Prensky (2001), é criado pelo mundo tecnológico repleto de leitura, informações semióticas em redes sociais e em mídias digitais. Por isso, ele deve ser estimulado à leitura crítica, na qual a concepção dialógica de linguagem é capaz de promover sua autonomia e enfrentamento consciente ao fenômeno da “pós-verdade”.

Nesse contexto, lembramos também que as orientações em documentos oficiais incentivam a prática discursiva em campos virtuais, como exposto pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC):

Todo esse quadro impõe à escola desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. (BRASIL, 2017, p. 61).

Além de que, no tópico de Língua Portuguesa, no campo jornalístico midiático, o objeto de conhecimento recomendado pela BNCC (2017, p. 162) para os 6º e 7º anos do EFII, coaduna com a leitura dialógica, pois prevê a reconstrução do contexto de produção, circulação e recepção de textos, incentivam a apreciação e réplica, o desenvolvimento de estratégia de leitura, a distinção de fato e opinião e o conhecimento sobre efeitos de sentido adquiridos pelas estratégias de valoração no enunciado.

Dessa forma, nossa pesquisa incide sobre a habilidade (EF07LP01)⁸, prevista para o 7º ano de: “Distinguir diferentes propostas editoriais – sensacionalismo, jornalismo investigativo etc. –, de forma a identificar os recursos utilizados para impactar/chocar o leitor que podem comprometer uma análise crítica da notícia e do fato

8 O primeiro par de letras indica a etapa de Ensino Fundamental. O primeiro par de números indica o ano (6º ao 9º). O segundo par de letras indica o componente curricular de Língua Portuguesa (LP). O último par de números indica a posição da habilidade na enumeração sequencial do ano ou do bloco de anos.

noticiado.” (BRASIL, 2017, p. 163). Essa competência é muito importante para reconhecimento de uma fake news e também expresso como habilidade prevista para o 9º ano e pertinente ao nosso trabalho com o 7ºano:

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc. (BRASIL, 2017, p. 177).

Assim, compreendemos ser de grande relevância o trabalho didático pedagógico que privilegie a leitura crítica sobre a falsa notícia, bem como a reflexão sobre o sensacionalismo que envolve sua divulgação, autoria, fonte etc., e permita ao educando nativo digital autonomia e consciência das suas ações em rede midiática verificada a necessidade de pesquisas nessas práticas. Por conseguinte, propomos nossa arguição e prospecção pedagógica orientada pelas reflexões dialógicas do Círculo de Bahktin, destinada ao trabalho pedagógico com estudantes do 7º ano do EFII.

Diante do exposto, deparamo-nos com a pergunta que norteia nossa pesquisa: como desenvolver a leitura crítica em alunos de 7º ano do EFII a partir do trabalho dialógico com fake news?

De posse desse questionamento, delimitamos o objetivo geral que orienta nossa prospecção pedagógica: propor um PD de leitura dialógica que possa contribuir com o desenvolvimento da leitura réplica/crítica de alunos de 7º ano.

Para alcançar nosso propósito elencamos como objetivos específicos:

- Compreender como os aspectos sociais e ideológicos das dimensões social e verbo-visual dos enunciados podem ser contemplados no interior do PD proposto para o trabalho pedagógico da leitura dialógica em um possível processo de aprendizagem de alunos de 7º ano.
- Caracterizar um protótipo didático de leitura dialógica, destinado a alunos dos 7º anos, visando o desenvolvimento da leitura crítica.

Os objetivos propostos em nossa pesquisa pressupõem que alunos de 7º ano possam desenvolver posturas de leitores mais responsivos diante de fake news e receberem mediação pautada nas reflexões sob o gênero, a partir de sua constituição social e verbo-visual, orientada pela concepção dialógica da linguagem (BAKH-

TIN, 2003 [1979] e ACOSTA PEREIRA, 2014). Para isso, ressaltamos que o papel de mediador do professor é de suma importância para nosso projeto de leitura, pois, é nessa interação entre o conhecimento prévio do aluno e o saber científico que se constrói o conhecimento pautado nas relações sociodiscursivas (BRASIL, 2013).

Para esse fim, dividimos nosso trabalho em cinco seções, incluindo esta Introdução. Na sequência, segunda seção, apresentamos o referencial teórico de nossa pesquisa. Nele, abordamos, primeiramente, a prática da leitura na concepção dialógica da linguagem, em seguida o gênero discursivo fake news e, por último, o letramento midiático.

Na seção 3, tratamos da metodologia com seus aspectos teóricos, questionário diagnóstico analítico e procedimentos metodológicos.

Na seção 4 descrevemos e analisamos o protótipo didático de leitura dialógica em fake news com aporte dos estudos dialógicos e letramento midiático.

Na seção 5 apontamos as considerações finais resultantes da interpretação do processo de suposta implementação. Na sequência apresentamos as Referências e Apêndices.

Dada à descrição estrutural da pesquisa, começemos pelas discussões teóricas que orientaram nossas análises.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresentamos as perspectivas teóricas que norteiam nossas reflexões de pesquisa sobre leitura. Abordaremos algumas das concepções do Círculo de Bakhtin referentes à linguagem, ao enunciado concreto e as suas propriedades dialógicas para compreensão de sua articulação discursiva e fornecimento de parâmetros analíticos ao nosso protótipo didático. Trazemos na sequência, alguns aspectos do gênero notícias falsas/fake news, à luz do dialogismo, e letramento midiático como constituintes para organização e avaliação do PD.

2.1. A prática da leitura na concepção dialógica de linguagem

Em vista de um projeto que visa à promoção da leitura réplica (ROJO, 2004 e MENEGASSI, 2010), para educandos do 7º ano EFII da rede pública, faz-se necessário revisitar os conceitos dialógicos de língua/linguagem, signo e palavra, enunciado concreto, tema e compreensão (responsividade, contrapalavra e réplica), valoração e cronotopo, discutidos pelo Círculo de Bakhtin a fim de recuperar as reflexões basilares do dialogismo empregadas à leitura. Considerando a abrangência e os desdobramentos da obra do Círculo, circunscrevemos nossa análise nos conceitos que consideramos mais relevantes ao nosso trabalho, com foco na inter-relação entre linguagem e ideologia, pelo panorama da valoração suscitada na sociodiscursividade da DS e da DVV empregada na leitura do gênero falsa notícia em redes sociais.

Nossa pesquisa prospecta a leitura dialógica no plano teórico da natureza da linguagem (TEZZA, 2013 [2003]), e no conjunto arquitetônico que agrega em rede os conceitos constitutivos dos movimentos dialógicos (ROJO; MELO 2017).

Sobre os pensamentos do Círculo, Tezza afirma que o dialogismo é uma categoria essencial da natureza da linguagem, pois é no evento concreto de comunicação que se instaura a significação entre, no mínimo, dois centros de valor. Dessa forma “tudo que se pensa, tudo que se diz, dirige-se a alguém, antes mesmo que haja alguém diante de nós – em suma, sem um outro não há palavra.” (TEZZA, 2013 [2003], p.23). A partir desse conceito nuclear, discorreremos sobre algumas interfaces do princípio dialógico apontadas nas obras de Bakhtin, Volóchinov e

Medviédiev que, segundo Rojo e Melo (2017), é mais do que uma base epistemológica, é uma postura dos próprios autores disposta nas nuances de autoria.

Acreditamos que os apontamentos trazidos pelo Círculo sobre a concepção de língua e linguagem são cruciais para compreender o dialogismo e, consequentemente, a leitura dialógica. Nessa linha, a língua é concebida como “um ato puramente histórico” (VOLÓCHINOV, 2018, p.199), produzida pelo fluxo discursivo e continuada dentro das relações sociais de cada época.

Na verdade, ela não é transmitida; ela é continuada, mas como um processo de formação ininterrupto. Os indivíduos não recebem em absoluto uma língua pronta; eles entram nesse fluxo da comunicação discursiva, ou mais precisamente, é nesse fluxo que a sua consciência se realiza pela primeira vez. (VOLÓCHINOV, 2018, p.198).

Assim, a língua/linguagem é compreendida como um fenômeno histórico discursivo produzido nas relações sociais como “um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes”. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 224). Para os autores do Círculo, as leis de formação da língua não são individuais nem psicológicas; elas são sociológicas em sua essência e resultado da interação discursiva, do diálogo. Dessa forma, a consciência linguística do falante e daquele que escuta e compreende é construída no sentido do conjunto de diferentes contextos possíveis em que essa forma linguística pode ser usada. Assim, a leitura em um processo de interação é empregada como atividade de co-enunciação (CURADO, 2010), como réplica (MENEGASSI, 2010; ROJO, 2004; 2009), entendida como leitura dialógica.

Geraldi (2011) esclarece que a concepção de linguagem está intimamente ligada a concepção de leitura. Para ele, se concebermos a linguagem como mero código e a compreensão como decodificação mecânica, qualquer reflexão na leitura pode ser dispensada; se entendermos a linguagem como uma sistematização aberta de recursos expressivos concretos e singulares na interação, a reflexão é uma constante no processo de produção de sentidos. Dessa forma, a concepção de língua e linguagem apresentada pelo Círculo ressignifica o conceito de leitura por evidenciar seu caráter dialógico no discurso.

Acrescenta-se à concepção da linguagem como produto da interação a compreensão da palavra como signo ideológico. Para Volóchinov (2018, p. 217) “Toda palavra é ideológica, assim como cada uso da língua implica mudanças ideológicas”.

O conceito de palavra descrito aqui não é sinônimo de vocábulo isolado, mas palavra como um signo ideológico do mundo externo, carregada de valores representativos de uma situação sociodiscursiva em constante adaptação pela interação social construindo uma consciência coletiva na qual a consciência individual é apenas uma “inquilina”.

A consciência se forma e se realiza no material sógnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência e a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade. Se privarmos a consciência do seu conteúdo sógnico ideológico, não sobrarão absolutamente nada dela (VOLÓCHINOV, 2018, p. 97, 98).

A palavra como produto/material do signo ideológico não pode ser compreendida na leitura dialógica somente como uma parte da realidade. Associada ao signo, a palavra “também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93). O autor expõe que, além do mundo natural e material que vemos, existe o mundo dos signos materializados na língua pelo tema e pela forma. Nessa prerrogativa, a consciência do falante como sujeito histórico e social, sempre vai buscar uma aproximação verbal com o signo cultural para produzir a compreensão e, nessa atividade, a palavra é revalorada através da retomada de um signo conhecido com um outro signo sobreposto pelos valores sociais vigentes, produzindo um elo sógnico ininterrupto.

Para os filósofos do Círculo, a palavra sógnica é um ato bilateral, pois sempre é empregada em vista do seu interlocutor, por isso pode-se afirmar que o enunciado concreto é co-produzido.

Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205).

Sobre isso, Tezza esclarece que o signo social não é propriedade da cabeça do falante, nem da cabeça do ouvinte, “mas na fronteira entre eles; toda palavra é

inelutavelmente dupla e todo significado é inelutavelmente social” (TEZZA, 2013 [2003], p.23).

Esse conceito de palavra sígnica, em fluxo no discurso, faz pensar a leitura para além da decifração de códigos e análises morfossintáticas como as escolas trabalharam (ou ainda trabalham) evidenciadas pelos estudos de Menegassi (2009) e Ângelo e Menegassi (2007). Em uma proposta interativa de linguagem, a leitura dialógica considera o contexto dos interlocutores e instiga o leitor a observar os elos que compõe o processo discursivo como num processo de co-produção de sentido levando em consideração os elementos extralinguísticos. Curado esclarece essa compreensão: “O contexto confere mobilidade ao signo (por isso ele é dialético, vivo, variável, flexível) (...) Enquanto signo, a palavra implica uma concepção de leitura como atividade, ação entre interlocutores, dialogicidade” (CURADO, 2010, p.146). Com essa composição dialogizada e valorada, a leitura dialógica se propõe como ato de ler o todo, verbal e extraverbal.

É importante destacar que a linguagem como interação social repleta de signos ideológicos, nunca propõe um ato de leitura padronizado, seja na réplica (MENEGASSI, 2010; ROJO, 2004; 2009), ou nos aspectos didáticos de encaminhamentos metodológicos, dada sua essência dinâmica de constituição. Pelo contrário, as discussões sobre as relações entre leitura e signo, estabelecem a leitura como um ato de construir refrações da realidade. Volóchinov (2018, p.93) afirma que “O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade”.

Faraco (2009, p.51) explica que a refração é uma característica inerente ao signo na concepção do Círculo, uma vez que “as significações não estão dadas no signo em si, (...) mas são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, (...) e confrontos de valorações e interesses sociais”. Angelo e Menegassi (2014) explicam que com os signos, não apenas refletimos ou fazemos uma representação do mundo, mas refratamos o mundo através das diversas interpretações desse ambiente, a partir das múltiplas experiências históricas e socioculturais em que estamos inseridos. Os autores afirmam que a refração é uma das características da leitura réplica, dialógica e esclarecem:

Assim, ao ler, o leitor não apenas espelha ou descreve o mundo que se inscreve nas palavras, mas realiza reflexões, constrói refrações acerca do modo como se revelam nos textos a multiplicidade e as contradições oriundas das experiências históricas das sociedades humanas. (ANGELO; MENE-GASSI, 2014, p.666).

Para Volóchinov, os signos são produzidos sobre objetos de valor de interesse coletivo de premissa socioeconômica, pois “somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se” (VOLÓCHINOV, 2018, p.111). Dessa forma, compreendemos que a reflexão e a refração são componentes do signo como fenômeno social da língua atrelado ao “cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sógnica, isto é, a luta de classes” (VOLÓCHINOV, 2018, p.112). Portanto, uma proposta de leitura pelo viés dialógico principia valores do marxismo filosófico e permite a análise da linguagem como aspecto de crítica social e pode fornecer aos estudantes condições de refração que assegurem seus direitos como cidadãos.

Em suma, o signo revitalizado pelo contexto do objeto ideológico de valor de cada época e pelos movimentos de reflexo e refração no fluxo discursivo social, atribui à leitura esse caráter dialógico imprescindível à compreensão, “visto que a compreensão não se reduz ao reconhecimento/identificação de uma forma linguística utilizada pelo outro, mas se trata de compreender a sua significação numa enunciação particular”, (ANGELO; MENEGASSI, 2011, p. 203).

Para os filósofos do Círculo, assimilamos a linguagem e os valores sógnicos pelo contexto de uso dos enunciados concretos e não o contrário. Assim, a língua é viva e social e só existe nos enunciados, pois, “aprender a falar significa aprender a construir enunciados porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.283). Da mesma forma, a leitura dialógica analisa o contexto e propósitos dos enunciados e não palavras isoladas, por que o ato de ler um texto, no dialogismo, é tão dinâmico quanto o ato da fala, do diálogo, pois ambos representam a linguagem em interação viva em elos de significação ininterruptos com o extraverbal.

Portanto, a língua, a palavra só pode ser compreendida em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, utilizados pelos indivíduos em diversos campos da atividade humana. Os enunciados refletem finalidades e condições específicas de cada campo social em que o diálogo vai se constituir; seu conteúdo temático (tema), seu estilo da linguagem (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos

e gramaticais da língua) e a sua construção composicional. Essas finalidades e condições específicas conferem regularidades aos enunciados, caracterizando-os como gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003 [1979]). Portanto, a leitura em perspectiva dialógica principia a análise da língua e da palavra dentro de um campo discursivo histórico e social, pois, o enunciado não é uma unidade convencional da língua, mas uma unidade real, delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a projeção da palavra ao outro e aguarda responsividade ou interação.

A responsividade é um elo do enunciado concreto que remonta a diversas minúcias essenciais da compreensão ativa interferentes na produção da “minha palavra” (contrapalavra) esclarecida por Volóchinov (2018, p.184) em “Todo enunciado (...) responde a algo e orienta-se para uma resposta”. Dessa constatação, a leitura no dialogismo deve presumir o movimento dialógico em discursividade no já dito e pré-figurado ,estabelecendo elos entre signos/valores alicerçados sobre a base de posição de autoria de um enunciado e a posição do interlocutor desse discurso para a construção de sentido.

Diante do exposto, cabe esclarecer que cada enunciado de um indivíduo é único, mas também reflexo dos elos de linguagem sócio-social estabelecida nos campos de enunciação dos quais lhes conferem formas discursivas relativamente estáveis. Nesse sentido, a notícia falsa/fake news já se estabelece com algumas regularidades amparadas no estilo conforme explica Bakhtin (2003 [1979], p. 268): “Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero”. Logo, a fake news, principalmente em redes sociais “soa” como notícia por apresentar objetivos no campo da informação, porém, a frequência com que embala temas polêmicos, expõe informação sem provas concretas, embarralha fato e opinião, utiliza-se de retórica apelativa, informação curta e superficial, fonte e autoria duvidosa etc., evidenciam-na como um gênero paralelo: a falsa notícia. Esta, põe em dúvida a confiabilidade do gênero notícia e alavanca o processo da desinformação.

Outro elemento a ser considerado na leitura dialógica refere-se à compreensão de tema. Bakhtin (2003 [1979]) afirma que o conteúdo semântico-objetal (tema), é um elemento “estabilizante” do enunciado. Em outras palavras, os assuntos discursivos, juntamente com o estilo, orientam a relativa estabilidade composicional do gênero. Não é por acaso que as falsas notícias abordam temas polêmicos e de inte-

resse socioeconômico, caso contrário, ela não subsistiria, não angariaria auditório social (VOLÓCHINOV, 2018).

Volóchinov (2018) expõe que o objeto de valor sógnico (objeto de premissa socioeconômica) vira tema no signo e se torna responsável pelo sentido total do enunciado. O autor explica que tema é o significado em contexto sócio-histórico, por isso, assim como o enunciado, ele é singular:

O tema deve ser único, caso contrário não teremos nenhum fundamento para falar sobre um enunciado. Em sua essência, o tema deste é individual e irrepetível como o próprio enunciado. Ele expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado (VOLÓCHINOV, 2018, p. 228).

Como significado em contexto, o tema do enunciado não é definido apenas pelas formas linguísticas que o compõem como palavras, formas morfológicas, sintáticas e fonéticas, mas pelos aspectos extraverbais da situação, ou seja, pelas condições de produção, circulação e recepção estabelecidas no momento concreto do enunciado. Já a significação, o filósofo atribui àqueles aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos em sua forma convencional em todas as ocorrências. É claro, que os limites entre tema e significação são tênues, pois um depende do outro e expõe:

(...) não é possível nem mostrar a significação de alguma palavra isolada (por exemplo, no processo de ensino de uma língua estrangeira a outra pessoa) sem torná-la um elemento do tema, isto é, sem construir um enunciado - "exemplo". Por outro lado, o tema deve apoiar-se em alguma significação estável, caso contrário ele perderá a sua conexão com aquilo que veio antes e que veio depois, ou seja, perderá totalmente o seu sentido. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 229).

Desta maneira, Volóchinov demonstra a diferença entre tema e significação e reitera que a significação contextual da palavra só pode ser produzida em um enunciado concreto. Isso faz oposição clara à leitura de compreensão unívoca proposta pelos linguistas estruturalistas e evidencia que a leitura só pode ser efetiva pela análise e interação da significação contextual.

O estudo da significação de um elemento linguístico, de acordo com a definição dada por nós, pode se desenvolver em duas direções: em direção ao limite superior, ao tema - porém, nesse caso teremos o estudo da significação contextual da palavra nas condições de um enunciado concreto; ou ele pode tender ao limite inferior, ao limite da significação. Neste caso, será o estudo da significação da palavra no sistema da língua, ou, em outros termos, da palavra dicionarizada. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 231).

As discussões promovidas pelo Círculo de Bakhtin no início do século XX sobre língua/linguagem em suas características multiformes, continuada no fluxo da inter-relação sócio discursiva, fazem pensar a leitura para além da decifração de um código/sinal estanque, monológico e dicionarizado. No ponto de vista dialético, a linguagem como produto da interação social, implica uma leitura voltada para o contexto do discurso, à análise do enunciado em questão, à observação ao possível ponto de vista dos interlocutores, à valoração semântica utilizada etc.

A falta de entendimento sobre essa conjuntura dinâmica da produção da linguagem em interação e na diferença entre tema e significação resulta, segundo Volóchinov (2018), no problema de compreensão. Para o autor toda compreensão é dialógica, pois a verdadeira significação de uma palavra está localizada entre dois falantes em determinado espaço e tempo, por isso responde ao enunciado, assim como uma réplica opõe-se no contexto do diálogo. A compreensão ativa busca uma “antipalavra” à palavra do falante, logo, a ausência de contrapalavra/ “antipalavra” é um indicativo de falta de compreensão.

(...) toda verdadeira compreensão é ativa e possui um embrião de resposta. Apenas a compreensão ativa é capaz de dominar o tema, (...) Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. (VOLÓCHINOV, 2018, p.232).

Dessa forma, a compreensão ativa na leitura é capaz de reconhecer o contexto do enunciado e apropriar-se dele acrescentando camadas de palavras responsivas próprias. O filósofo explica que quanto mais palavras “minhas” posso acrescentar sobre a palavra do outro, mais compreensão foi alcançada. Aplicando o aspecto de compreensão ativa à leitura, entendemos que só é possível realizá-la pela conjectura enunciativa e responsiva da linguagem, pois, esses apontamentos caracterizam-na como produtora de compreensão e, conseqüentemente, a detentora de uma contrapalavra (BAKHTIN, 2003 [1979]).

Volóchinov (2018, p. 233) ironiza a compreensão de quem despreza o tema (significado em contexto extraverbal do enunciado) e tenta realizar a compreensão apenas pelos significados dicionarizados da língua à comparação de tentar “acender uma lâmpada desligando-a da corrente elétrica”, ou seja, é estudo de língua morta e

estranque, concepção que, por anos sustentou os estudos de linguagem e propôs a leitura como decifração de código desconectada da realidade.

Bakhtin (2003 [1979]) afirma que toda compreensão plena real é ativamente responsiva e o próprio falante almeja essa compreensão, seja de concordância ou discordância, mas que provoque a engrenagem da linguagem e o fluxo discursivo. Nesta orientação discursiva, entre locutor e interlocutor em um enunciado escrito, em que o autor projeta-se linguisticamente em função do seu leitor, e este em função do outro com a contrapalavra requisitada pelo contexto de compreensão, se instaura a relação dialógica. Em outras palavras, haverá leitura réplica se houver compreensão ativa. Haverá compreensão ativa se houver compreensão do contexto extraverbal principalmente no que tange aos elos bilaterais da palavra e seus valores axiológicos.

Desta forma, Bakhtin (2003 [1979]) amplia a compreensão de enunciado à questão da alteridade e da construção de sentidos a partir dos enunciados de outros e expõe: “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (...) toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.271). O ouvinte, ao perceber e compreender o propósito do discurso ocupa em relação a ele uma posição responsiva: concorda, discorda, completa-o, aplica-o, prepara-se para assimilá-lo etc., essa posição responsiva do ouvinte forma-se nos primeiros atos de vida e de linguagem, e deve ser o elemento resultante da leitura compreensiva-ativa promovido nas aulas de língua materna pelo viés dialógico.

Em outras palavras, para os autores do Círculo, toda compreensão plena, real na linguagem discursiva é ativamente responsiva e todo falante é por si mesmo um respondente porque não é o primeiro falante, não apenas pela incorporação da língua, mas pela propagação de alguns enunciados antecedentes e alheios com os quais estabelece relações formando elos na cadeia comunicativa, elos que dialogam e constituem a primeira peculiaridade do enunciado. Esses elos refletem valores axiológicos e dialogam com refrações também valorativas que devem ser observadas num plano de leitura de viés dialógico que presume a linguagem em fluxo contínuo e repleta de significação ideológica.

Nessa conjuntura, a natureza dialógica do enunciado como a réplica do diálogo e da alternância dos sujeitos do discurso, imprime-lhe reflexos mútuos que mo-

vem o fluxo discursivo como esclarecido por Acosta-Pereira e Rodrigues (2010, p, 150):

podemos entender que, ao mesmo tempo que os enunciados, do ponto de vista da eventicidade, são únicos e irrepetíveis, do ponto de vista da historicidade, eles são dialógicos pois, como unidades concretas de comunicação, dialogam constantemente na concretude das interações com outros enunciados (já-ditos e pré-figurados), “tecendo” sentidos. Além disso, esses enunciados que se produzem e circulam em determinadas esferas e determinadas situações sociais de interação mantêm também relações dialógicas entre si, gerando, historicamente, modos sociais de dizer e agir.

A relação entre os enunciados em pressupor os que o antecederam (os enunciados já-ditos) e aqueles que se sucederão no tempo e no espaço (enunciados pré-figurados) como ecos compõe o dialogismo próprio da linguagem viva e constrói a consciência coletiva/individual, pois “a palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia (ou alheia-minha)” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 381). Para o autor, a palavra existe em três aspectos: “como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.294). A explanação de Bakhtin sobre palavra alheia e, a posteriori, palavra minha, não significa uma relação com a linguagem e leitura por assimilação passiva ao discurso do outro, mas uma reavaliação/refração responsiva que pode acentuar ou discordar do discurso do falante, uma vez que, a palavra reutilizada em uma situação e intenção discursiva determinada, já está compenetrada de expressão, pois gera um novo dizer diante das características de seu novo locutor. Aliás, conforme Bakhtin, o próprio ato de compreensão é desencadeado por novos aspectos de seleção valorativa.

A condição dialógica do enunciado é relevante ao nosso trabalho de leitura com falsas notícias por evidenciar os apelos ideológicos amparados na “palavra do outro”, no “já dito” em notícias e fatos anteriores que são distorcidos com elementos de pseudo figuras de autoridade, informações fragmentadas etc., para fundamentar o próprio discurso em meias verdades pré-figuradas no interlocutor socialmente situado e “emotivo”, que se deixa informar/ou quer se informar pela opinião calorosa e rápida das redes sociais, orientado/motivado pelo intuito de arrebanhar seguidores/propagadores despercebidos ou não, e assim, promover ideias que satisfazem um nicho social, alavancar curtidas e algumas benesses financeiras. Assim, as estratégias de leitura pelo viés dialógico permitem uma resposta réplica e não replican-

te, pois instigam a análise do discurso, da palavra, no contexto imbuído de valoração ideológica e despertam a consciência para tal persuasão. Nessa prerrogativa, a leitura apresenta-se como uma acareação com as vozes do outro, gerando as réplicas discursivas, correspondentes a uma série de palavras nossas sobre as palavras dos outros.

Rojo (2004) ao falar na formação do leitor cidadão expõe que a educação básica deve propiciar aos alunos a ampliação do exercício pleno da compreensão. Segundo a autora, por muito tempo a leitura foi entendida como apenas decodificação, na sequência foi conceituada como compreensão (compreensão do que está posto e pressuposto), posteriormente acrescentou-se a noção de interação entre leitor e autor no qual o texto é um mediador das intenções previstas. Atualmente, pela influência dos estudiosos do Círculo de Bakhtin, a leitura é compreendida como o ato de posicionar-se diante de um discurso com palavras próprias. Nessa prerrogativa “a leitura é vista como um ato de se colocar em relação a um discurso (texto) com outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriores a ele, como possibilidades infinitas de réplica” (ROJO, 2004, p.3). Portanto, ser letrado para a autora é:

escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela. (ROJO, 2004, p.1,2).

Dessa forma, compreendemos que a leitura profícua é aquela que produz a réplica, não no sentido de simples resposta ao discurso, mas pela capacidade de “penetrar plasticamente, flexivelmente as palavras do autor, mesclar-nos a elas, fazendo de suas palavras nossas palavras, para adotá-las, contrariá-las, criticá-las, em permanente revisão e réplica” (ROJO, 2004, p.7).

Menegassi (2010) revaloriza a noção de réplica discursiva discutida pelo Círculo. Para ele, réplica diz respeito ao leitor posicionar-se como sujeito ativo e crítico diante do texto, confrontando as informações escritas com argumentos e palavras próprias. “Réplica, neste sentido, não é vista apenas como contestação às ideias do autor do texto, mas sim como manifestação de ponto de vista sobre o que se discute no texto” (MENEGASSI, 2010, p. 43). Assim, o sujeito que lê constrói seus próprios sentidos sobre os discursos alheios, ampliando, reformulando esses discursos a partir de sua própria relação sócio-histórica-ideológica empregando o seu ponto de vis-

ta. Logo, no dialogismo, a leitura não se reduz a conhecer o alfabeto e decodificar letras em sons da fala, mas em acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto e “interpretar, criticar, dialogar com o texto: contrapor a ele seu próprio ponto de vista, detectando o ponto de vista e a ideologia do autor, situando o texto em seu contexto”. (ROJO, 2009, p. 10, 11).

Nesse aspecto, Geraldini (2011) esclarece que a leitura no processo interlocutivo deve ser vista com propósitos reais de produção de sentidos e ampliação do conhecimento, pois, pela mobilização dos “fios” dos textos e de nossos próprios “fios” recuperados de nossa história de leitura produzimos os significados. O mesmo autor afirma que só lemos um texto quando temos um interesse especial por ele, seja obter uma informação, seja confrontar argumentação, seja investigar a opinião do interlocutor, etc. Em suma, a leitura com propósito tem uma motivação real e é carregada de intenções e, assim, deve ser promovida no processo didático pedagógico, pois o fato de saber que linguagem alguma é neutra (VOLÓCHINOV, 2018), já é, ao nosso ver, motivação suficiente para se debruçar sobre um enunciado com postura investigativa e não simples decifração, pois “Na vida, o discurso verbal é claramente não auto-suficiente” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 4), por isso tem que ser lido além das palavras.

Na obra “Discurso na Vida e Discurso na Arte” (DVDA), atribuída a Volóchinov/Bakhtin (1926), é discutido a relevância do contexto extraverbal do enunciado e seus valores axiológicos como elementos essenciais para composição da compreensão ativa do tema e conseqüentemente produção da réplica. Os autores consideram que o enunciado é formado basicamente de duas partes, uma parte percebida e realizada em palavras, e a outra parte presumida ou entimema que pode ser significada pelo contexto extraverbal perpassando três fatores: “1) o horizonte espacial comum dos interlocutores (...), 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e 3) sua avaliação comum dessa situação” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 5). Em outras palavras, o extraverbal se integra ao enunciado e é uma parte constitutiva dele, pois produz significado e forma por meio do *compartilhamento do horizonte espacial comum dos interlocutores* (ambiente, espaço, tempo etc.), produz significado por meio daquilo que é *conhecimento trivial partilhado*, presumido pelos atos sociais regulares e essenciais que podem estar mais próximos do horizonte social situado ou se estender ao mais global, a exemplo, a discursividade do gênero fake news que encontra resguardo no horizonte social

ideológico de pós-verdade amparado pelo senso comum dos interlocutores com quem dialoga.

Tezza explica a importância do ouvinte como componente do horizonte social na concepção do Círculo. O autor expõe que o interlocutor é uma categoria indissociável do enunciado, sem ele não há propósito para enunciar e o enunciado não se constituirá como linguagem. Contudo, deve-se entender que o ouvinte vai além de uma pessoa com quem se estabelece algum diálogo: “ “ouvinte”, aqui, não é apenas um interlocutor concreto, alguém fisicamente diante de nós (...); o “ouvinte” será também, paralelamente, o horizonte social sobre o qual cada sinal ganha o seu sentido” (TEZZA, 2013 [2003], p.24). Assim, o interlocutor pode ser um grupo social, uma ideologia, uma cultura etc., com quem o enunciado estabelece o elo dialógico.

O terceiro componente extraverbal do enunciado, a *avaliação comum*, está vinculado com o que percebemos sobre a existência do objeto, seu valor e suas qualidades, logo, o que as pessoas enxergam ou compreendem é mais resultado da avaliação comum do que reflexo da realidade. Volóchinov (2018, p. 237) condiciona essa valoração comum com premissas socioeconômicas produtoras de ideologia e afirma que “formação do sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social”. Logo, se um julgamento de valor é de fato condicionado em uma dada comunidade, ele se torna quase que irrefutável e fonte de tensões discursivas, uma vez que, a formação do sentido na língua está atrelada a formação do horizonte valorativo do grupo social. Segundo o filósofo “a palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 100). Ou seja, todo ato de linguagem é ideológico e a dimensão axiológica/valorativa dos discursos corresponde a uma ideologia e expressa um posicionamento social, na qual a leitura dialógica deve fazer inferência e silogismo, pois a “avaliação social determina todos os aspectos do enunciado penetrando-o por inteiro, porém, ela encontra a expressão mais pura e típica na entonação expressiva” (MEDVIÉDEV/BAKHTIN, 2012 [1928], p. 185). Conforme Bakhtin (2003 [1979]), a entonação expressiva não pertence à palavra como código estanque, mas pertence ao enunciado; nele são produzidos os sentidos e valores e nele que deve incorrer qualquer proposta de leitura pelo viés dialógico.

O julgamento de valor (DVDA) ou horizonte valorativo, orientação avaliativa descrita na obra *Marxismo e Filosofia de Linguagem* (MFL), existe em sua totalidade,

sem incorporar-se ao conteúdo do discurso e sem ser deste derivável. Ele encontra sua pura expressão na entoação (elo entre o discurso verbal e o contexto extraverbal ou entre o dito e o não dito); contudo determina a seleção do material verbal, a seleção de palavras (signo) e a forma do todo verbal, pois “Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 236).

Assim, Bakhtin (2003 [1979], p. 289) esclarece a importância da entoação/expressividade, como o elemento que determina as características de um enunciado: “A relação valorativa do falante como objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado”. Nesse sentido, os estudiosos contemporâneos complementam que a concepção de entonação não é compreendida como uma expressão individual, ela tem que entrar no âmbito do social e ter representação coletiva como afirma Rodrigues (2001, p.27) a seguir; “É a materialização de uma avaliação social, a expressão ‘sonora’ da valoração, sendo, portanto, toda entonação expressiva. Sensível às mais elementares mudanças sociais, é na entonação do enunciado que a avaliação social encontra antes de tudo sua expressão.”

Portanto, os valores axiológicos subjetivos, implícito ao constituinte extraverbal são produzidos no enunciado concreto:

Desse modo, a expressividade de determinadas palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade da língua e não decorre imediatamente do significado dessas palavras; essa expressão ou é uma expressão típica de gênero, ou um eco de uma expressão individual alheia, que torna a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 295).

Isso implica, para o ato de ler, no plano dialógico, se é possível dizer, em leitura de valores protagonizados no gênero ou expressão “individual” do autor e, assim, evidenciar as possíveis posições ideológicas discursivas a fim de compreender, poder responder ativamente (réplica) e preservar interesses, pois, há que se considerar que a volição axiológica expõe inúmeros propósitos dos quais o enunciado é seu produtor e também subserviente: “o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetual e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com elemento semântico-objetual do enunciado.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.296).

Chegamos aqui a outro elemento a ser considerado na leitura dialógica, a expressão espaço-temporal a que circunscreve o enunciado/gênero, pois, toda construção no campo dos sentidos e dos valores só acontecem pelo escopo do cronotopo.

Na obra “Problemas da poética de Dostoiévski”, Bakhtin (1981 [1963]) analisa a dimensão interna/externa do enunciado e expõe a importância de se considerar a tradição em que um dado gênero se insere, pois nenhum enunciado surge do nada, sempre está ligado a uma tradição e essa tradição permite estudar qualquer gênero do ponto de vista diacrônico e sincrônico como esclarecido por Brait e Pistori (2012, p. 377).

Não seria esse um importante ponto de partida para estudar o e-mail, o blog, o twitter, os chats, dentre outros gêneros, captando sua atualidade, sua inovação, sua dimensão individual e coletiva, e, ao mesmo tempo, a inserção numa tradição ligada ao gênero correspondência e/ou diário íntimo/público? Estudados isoladamente, eles podem ser entendidos a partir de sua estrutura, das exigências do suporte, dos avanços tecnológicos; mas no corpo da tradição a que pertencem, certamente dirão muito mais sobre os sujeitos que os utilizam e neles se constituem, sobre a sociedade atual e suas formas de enfrentar a vida.

A tradição a que os gêneros pertencem carregam as palavras sígnicas com a visão axiológica da sociedade do determinado tempo e transferem esses valores aos gêneros mais recentes, dessa forma, a prática da leitura dialógica vislumbra os elos axiológicos situados no tempo e espaço como fontes produtoras de sentidos, dada compreensão de que os enunciados são constituídos por valorações históricas e sociais. Com esses parâmetros, é inconcebível realizar a leitura de um gênero sem considerar seu trajeto histórico e composição valorativa ideológica, tendo em vista que eles constroem o projeto de dizer.

Os autores do Círculo afirmam que as experiências humanas são situadas no tempo e espaço e projetam seus discursos nesse contexto, logo, à medida que o contexto espaço e tempo de suas experiências se expandem, é necessário conjecturar novos gêneros, modernizá-los, adaptá-los.

De acordo com Rojo (2013), o caráter multiforme das linguagens e dos textos/enunciados – o plurilinguismo- não é um requisito de nossa época, mas foi ampliado e divulgado mais rapidamente devido à expansão da tecnologia e novas mídias que estão constituindo “novos” gêneros do discurso que se comunicam com nossa história social de tempo e espaço. Dentre esses gêneros, a falsa notícia se

evidencia por encontrar nas plataformas digitais força para divulgar suas “verdades” antes veiculadas apenas em conversas informais ou em grupos ideológicos separados pelo espaço e tempo.

Dessa forma, a tecnologia digital possibilitou que qualquer pessoa poste suas verdades sem custo a nível mundial, isso favoreceu o crescimento do gênero boato a níveis astronômicos com roupagens articuladas e semióticas e, sobretudo, permitiu que encontrasse seu “auditório social” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 210), antes separado pelo espaço ou “apoio coral” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 1926, p.8), conferindo-lhe força e algumas estabilidades reconhecidas como falsa notícia/ fake news que devem ser lidas dialogicamente a fim de produzir respostas réplicas e não apenas o replicar da informação duvidosa.

Medvedev e Bakhtin (2012 [1928]) explicam que o aspecto da consciência humana possuir uma série de gêneros interiores para ler e conceitualizar a realidade, propicia, à medida que apreendemos novos gêneros, expansão do repertório de visão e enunciação, contudo o “novo” gênero estará ligado ao anterior para constituir e ampliar sua discursividade, pois estão historicamente atrelados por valores axiológicos e ideológicos configurando um elo dialógico no campo e na valoração.

Dessa maneira, é de suma importância, em um projeto de leitura dialógica, a compreensão da tradição em que um gênero ancora as suas regularidades. Jurach et al (2020, p. 165) afirmam que considerar a língua como enunciado configura ancorá-la em um contexto social, histórico e ideológico. Nesse sentido, “a investigação do espaço e do tempo, isto é, do cronotopo em que os gêneros cumprem sua função social, contribui para a compreensão da constituição e funcionamento desses textos-enunciados”. Portanto, a prática da leitura dialógica considera a compreensão do cronotopo como parte da discursividade, elemento que deve ser analisado nas aulas de leitura para desenvolvimento do sujeito leitor, pois, quem lê precisa considerar os fatores externos e sociais que envolvem a composição do texto enunciado, deve rastrear o contexto de quem produziu, para quem produziu, possíveis interesses etc., de forma que a compreensão seja produzida no embate com o discurso vivo e real.

Dessa conjuntura, Brait (2016) salienta que a leitura necessita ser instigada para além da perspectiva linguística ou material e retoma a análise na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* de Bakhtin (BRAIT; PISTORI, 2012), que a compreensão do gênero do discurso no conjunto das obras do Círculo não se limita a estruturas ou textos, embora os considere como dimensões constituintes, mas implica

seu caráter dialógico interno e externo (dimensão social e dimensão verbal, conforme RODRIGUES, 2001) no enfoque da vida e do pensamento humano como maneira de entender e enfrentar a vida.

Portanto, para uma proposta de leitura à luz das concepções dialógicas, temos que investigar a língua inserida nas relações sociais, situando sujeitos e seus específicos modos sociais de dizer, seja na situação social imediata, seja nas conjecturas histórico-culturais mais amplas. Dessa forma, entendemos que para ler e compreender um texto/enunciado devemos, primeiramente, recuperar as possíveis condições de produção e pressupor alguns questionamentos como: quem produziu, para quem, por que, para atender a que necessidade, recorrendo a qual gênero, quando, partindo de que situação social, para circular em qual veículo, etc. Esses questionamentos possibilitam uma compreensão mais ampla do texto/enunciado porque contempla aspectos relacionados ao seu contexto de produção, isto é, ao extralinguístico ou dimensão social do gênero que, devido à natureza sócio-discursiva da língua está intrínseco aos constituintes do texto/enunciado.

Dessa forma, a compreensão da obra de Bakhtin e do Círculo ao longo dos anos amplia a noção de gênero e convida à análise/leitura do texto enunciado sob diversas perspectivas que desenvolvem a criticidade no leitor, pois expande a ideia de estrutura composicional, conteúdo temático e estilo, e propõe uma análise do texto por sua forma arquitetônica.

Conforme Rojo e Melo (2017), o termo “arquitetônica” não aparece no conjunto das obras teóricas do Círculo, a denominação advém das notas dos tradutores como maneira de explicar o arcabouço teórico do pensamento arquitetônico de Bakhtin e como uma concepção articulada numa relação dialógica infinita e impossível de se analisar isoladamente. Contudo, as autoras entendem que a entoação valorativa é o elemento que melhor evidencia a arquitetônica e satisfaz os aspectos de produção de sentido no enunciado, pois, “a arquitetônica designa o ponto de articulação entre a totalidade interna e as avaliações axiológicas (valores éticos, estéticos, morais) que constroem um objeto situado histórica, social e ideologicamente, atribuindo-lhe sentido” (ROJO; MELO, 2017, p. 1281). Para as autoras a arquitetônica está relacionada à totalidade da situação de produção do enunciado e só pode ser dimensionada a partir do objeto interno (materialidade verbal) orientado para a relação ao externo: “para o autor-criador que se posiciona a partir de um lugar social, ideológico e axiológico, no processo de interação; para o lugar que o texto/enunciado ocu-

pa no todo acabado como elo da cadeia de textos/enunciados;” (ROJO; MELO, 2017, p. 1280).

Sobre isso, os teóricos russos são enfáticos: “é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico” (MEDVIÉDEV/BAKHTIN, 2012 [1928], p. 185), portanto, um protótipo didático de leitura dialógica pressupõe enfoque no aspecto da valoração que envolve a constituição do enunciado com abordagem simultânea dos elementos que compõe os elos materiais (dimensão verbal) e extraverbais.

Volóchinov e Bakhtin (1926, p.4) apontam que a *entoação expressiva*, organizada pelo julgamento de valor (pelos aspectos ideológicos/axiológicos), é a mediadora entre o texto/enunciado e o contexto, e conduzem ao “entendimento do *sentido total*” de um texto/enunciado. Medviédev/Bakhtin (2012 [1928], p. 185) afirmam que a avaliação social determina os aspectos do enunciado. Tal compreensão amplia as possibilidades de análise dos gêneros porque implica o ato de ler como ação capaz de reconhecer a composição do texto /enunciado organizado em função do julgamento de valor do autor-criador e interlocutor e produzir a refração com réplica ativa.

Nesse aspecto, Brait e Pistori (2012) esclarecem que um texto enunciado só pode ser analisado (ou lido) observando a sua composição arquitetônica articulada nas dimensões internas e externa sob o escopo das orientações valorativas.

De maneira simplificada, pode se dizer que, diante de um gênero, e dos textos que o constituem, é necessário considerar suas dimensões (interna/externa), de maneira a explicitar as inter-relações dialógicas e valorativas (entoativas, axiológicas) que o caracterizam enquanto possibilidade de compreender a vida, a sociedade, e a elas responder. Esse movimento amplo, e não apenas descritor das estruturas, da forma composicional, visa justamente à forma arquitetônica do gênero, do texto (BRAIT; PISTORI, 2012, p.378).

Dessa forma, uma proposta de leitura dialógica é abrangente, mas é essencialmente orientada pela *avaliação comum* extraverbal e deve ser estimulada dada a sua relevância como propulsora da réplica como aponta Menegassi et al. (2020, p.210) “As avaliações viriam a tona na aula de leitura dialógica e o aluno merece compreender como se dá esta construção discursiva e se posicionar conscientemente diante dela por meio de respostas, a considerar a vida e hoje e seus discursos multifacetados em valores”.

Assim, compreendemos a leitura dialógica como prática social, cujo trabalho com a linguagem visa produção de sentidos pela análise da interação entre autor, texto, leitor e situação social, implicada pela dimensão extraverbal. Esses aspectos estabelecem relativa associação em conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, dispostos nos aspectos verbo-visuais como constituintes do enunciado. Dessa conjectura podemos levantar algumas características/saberes que o leitor, no âmbito dialógico, mobiliza para produção de sentidos na leitura vislumbradas no quadro a seguir:

Quadro 1: Características do leitor a partir do âmbito dialógico.

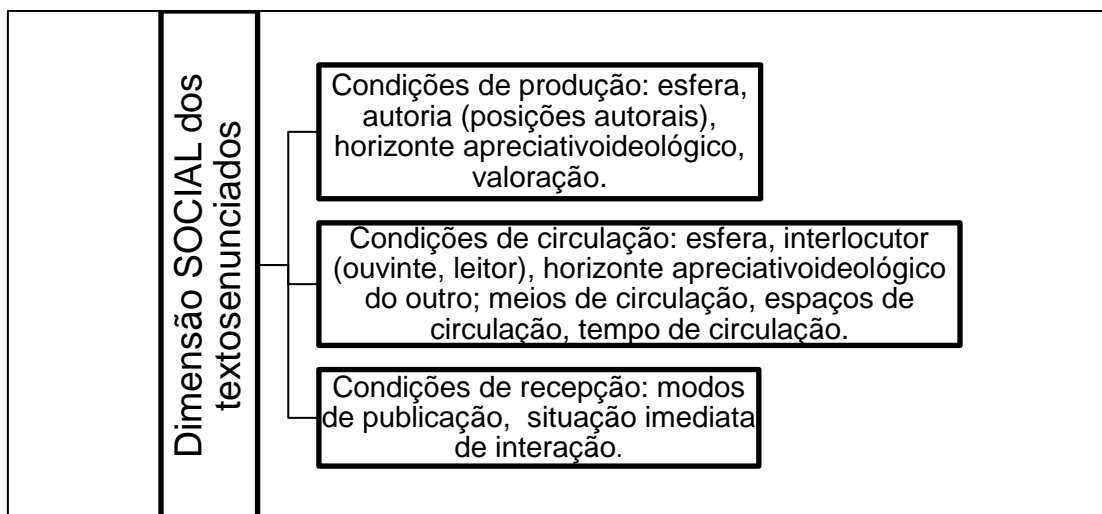
- O leitor concebe a palavra como signo ideológico, produzido em uma circunstância de interação social em função de seus interlocutores e suas finalidades discursivas;
- O leitor não lê palavras, mas os valores projetados nas palavras em organização temática, estrutura composicional e estilo do enunciado;
- O leitor valora o gênero como uma posição discursiva do locutor;
- O leitor busca referências no campo discursivo do enunciado e recupera sua finalidade histórica e tradicional (cronotopo);
- O leitor considera o que é comum no campo e no meio de circulação do enunciado para produzir sentido ao que lê.
- O leitor mobiliza saberes intertextuais e interdiscursivos para produzir a refração ao já dito e ao pré-figurado no enunciado.
- O leitor posiciona-se como respondente ao texto a partir de seu contexto histórico atual ou projetado;
- O leitor avalia e responde ao enunciado tendo em vista o papel social do locutor e seu horizonte apreciativo ideológico;
- O leitor avalia o papel social do interlocutor presumido e predispõe a interlocução concreta;
- O leitor responde ao enunciado consciente da finalidade discursiva do locutor, mas com resguardo de seu ponto de vista incitante também de resposta, pois a leitura é uma réplica infindável no fluxo discursivo social.

Fonte: A autora

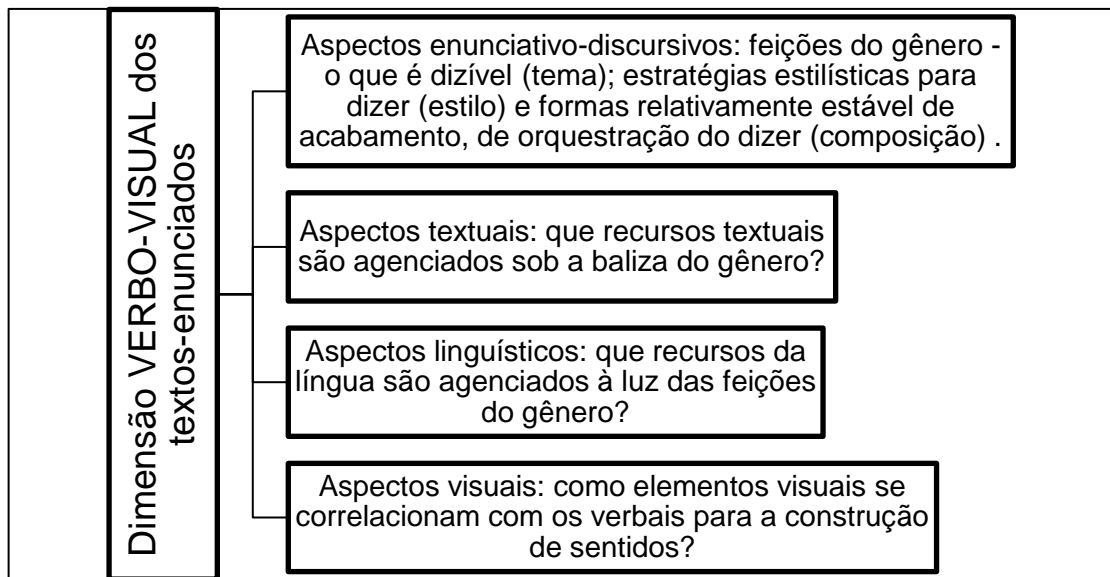
A fim de fornecer parâmetros que favoreçam a leitura dialógica, tomamos como exemplo, não prescritivo, mas memorável, a proposta de análise de gêneros do discurso a partir da dimensão social e verbal sugeridas na tese de Rodrigues (2001) a título inoidável dos pormenores, acrescidos das contribuições de Acosta Pereira (2014) que salienta não haver categorias pré-estabelecidas de análise num texto-enunciado em função de sua composição arquitetônica, mas um movimento dialógico com os dados. As contribuições desses autores delineiam rotas de análise da língua como objeto social e sua materialização concreta que, em um processo de transposição didática, ocorrem concomitantemente por questionamentos que estimulem a interação e a responsividade ativa do estudante sobre o enunciado em questão.

Para fins ilustrativos, Acosta Pereira (2014) com base em Rodrigues (2001) e trabalhos anteriores, apresenta dois quadros que podem orientar a investigação no plano da leitura dialógica.

Quadro 2: Dimensões Social de análise dos textos-enunciados



Fonte: Rodrigues (2001; 2005) e Acosta-Pereira (2008; 2012).

Quadro 3: Dimensão verbo-visual dos textos enunciados.

Fonte: Rodrigues (2001; 2005) e Acosta-Pereira (2008; 2012).

O objetivo com a exposição dos quadros acima é visualizar os inúmeros aspectos do que é possível abordar num plano de leitura dialógica, convictos de que há mais fatores além dos descritos pelos autores, dada à dinâmica constituinte da linguagem.

Diante do exposto sobre leitura, há que se considerar o papel preponderante do professor como mediador, provocador da produção de sentidos, ou, conforme Rojo (2007, p.1772) “estilo docente internamente persuasivo”, que instigue o aluno à resposta réplica ativa, visto que “uma postura crítica diante dos textos enunciados não ocorre de modo automático em sala de aula (...) deve-se instrumentalizar o aluno em seu percurso interpretativo” (BELOTI et al. 2020, p.127) e, segundo as autoras, a transposição de conceitos enunciativos-discursivos para a prática de leitura ainda é um grande desafio para a prática docente.

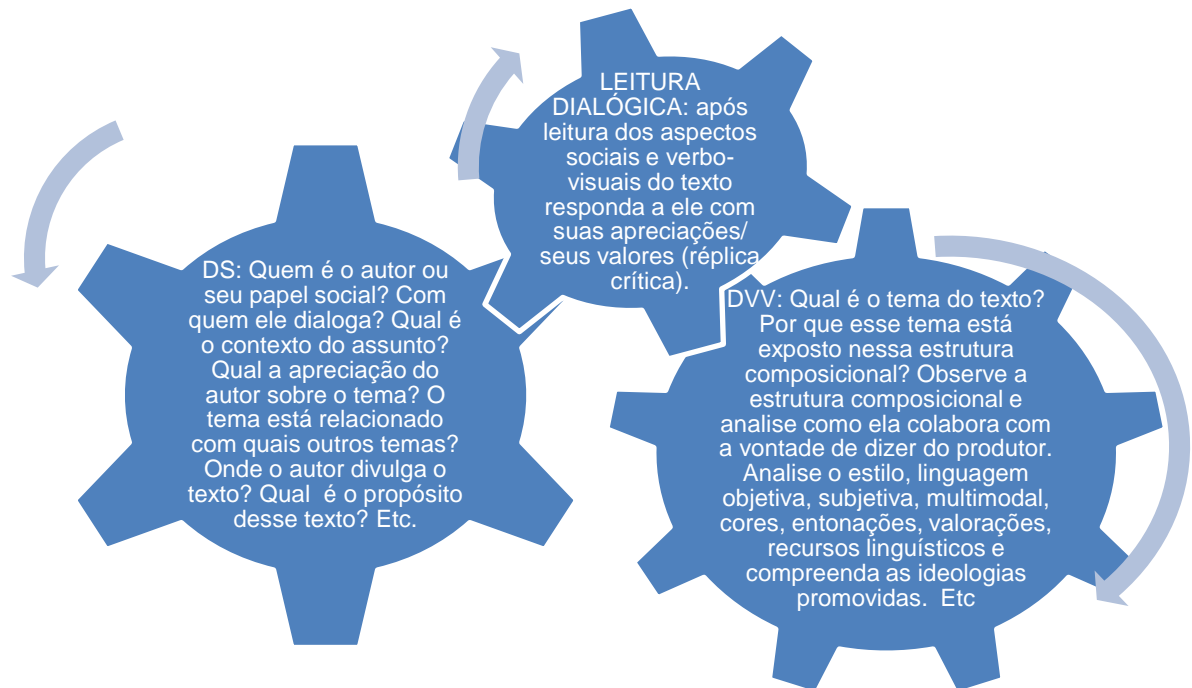
Com base em Rojo (2007) e Silva (2008) e as discussões a respeito dos movimentos docentes denominados autoritários ou persuasivos, Ritter (2012) salienta que a postura do professor na mediação em aulas de leitura tem relação com a concepção de linguagem assumida por ele, ou seja, se a língua é compreendida sob o aspecto material ou sistema abstrato de formas, o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo receptor; se a língua é compreendida como constructo da interação, a leitura tem abordagem dialógica e dessas concepções fluem o trabalho com o texto como exemplifica a seguir:

“Se a prioridade recai no produto, a pergunta feita diante de um texto é: “o que farei com este texto?”, e o objetivo é explicar-lhe e extrair seu sentido que já está posto, em outras palavras, legitimar a atitude de revozeamento. Mas, quando o interesse volta-se ao processo, onde o que interessa é a manifestação interlocutiva, a questão norteadora é “para que este texto?” (RITTER, 2012, p. 51).

Desta forma, dispomo-nos a abordagem de leitura pelo viés dialógico, conscientes de que ela exclui o autoritarismo e o espontaneísmo que tem marcado historicamente o ensino de leitura em nossas escolas para “[...] assumir uma atitude de “escuta”, orientando aprofundamentos, questionando e estimulando a produção de novas sínteses a partir das interpretações fornecidas pelos estudantes” (SILVA, 2008, p. 23), a fim de ampliar a compreensão e a produção da réplica.

Em suma, entendemos o conceito de leitura dialógica como ato de compreender o texto/enunciado dentro do fluxo dinâmico da linguagem nas relações sociais, constituído de fatores verbais e extraverbais. Importante destacar que a compreensão, nesse contexto, gera, obrigatoriamente, a réplica. Para tanto, o professor mediador deve conversar com o aluno fazendo indagações, para que o próprio estudante possa dar as respostas necessárias para que os conceitos se interliguem e proporcionem a aprendizagem. Por isso, o diálogo é convertido em peça fundamental para alcançar uma compreensão profunda e criativa, tanto como estratégia didática como ponto de partida para análise da composição textual. Para esclarecer esse conceito, apresentamos as questões que devem ser consideradas na leitura dialógica na figura a seguir:

Figura 1: O que responder para leitura dialógica.



Fonte: A autora

Assim disposto, a leitura pode ser exemplificada na base de um diálogo, pois, quando estamos no fluxo de uma conversa observamos na fala do nosso interlocutor as expressões faciais (informações verbo-visuais), o contexto para a abordagem do assunto (conteúdo temático), as escolhas lexicais valoradas e empregadas por ele (estilo), os discursos anteriores -palavra do outro – os quais retoma e se ampara para embasar suas palavras, presumimos as possíveis motivações que alavancaram a conversa etc. Também observamos, pelo comportamento e escolhas axiológicas do nosso interlocutor quais conceitos ele tem de nós, como é a visão do interlocutor socialmente situado; é com se investigássemos: Quem falou? De onde falou? Porque falou? Para quem falou? Como falou? Como usou as palavras, qual entonação empregou? Em qual situação/contexto? Quais possíveis respostas queria suscitar? Qual a finalidade? Etc. Tudo orientado pelas entonações valorativas, uma vez que, são elas que tipificam os enunciados/gêneros que se modificam e se adaptam ao fluxo da linguagem em constante ressignificação pelos embates ideológicos subser-vientes do que dá “poder” nas relações sociais.

Assim, como num diálogo face a face, observamos quem fala conosco, porque fala conosco, sobre o que fala conosco e compreendemos, avaliamos, respon-

demos ativamente, não como simples troca de turno de falas, mas com marcação das relações ideológicas de forças sociais, da mesma forma devemos ler um enunciado escrito, para além do que está no registro verbo-visual, mas sua composição na circunstância extraverbal, no tempo e no espaço, nos elos que compõem as relações dialógicas.

Portanto, o encaminhamento metodológico de uma proposta de leitura dialógica, deve instigar o aluno a investigar o todo que compõe o texto (verbal e extraverbal), todos os pontos de vista como num “diálogo face a face” a fim de promover a compreensão e réplica ativa. Acreditamos que além de desenvolver o aluno na leitura réplica, a leitura dialógica é mais atraente aos educandos contemporâneos por associar o ato de ler o texto à compreensão/análise da língua viva e em uso concreto. Além disso, entendemos, conforme Menegassi (2020), que instigar a leitura no aluno pelo processo dialógico é promover/propiciar o acesso a um direito de compreensão discursiva, tão necessária para capacitá-lo a exercer a cidadania no embate das classes sociais.

Na sequência do nosso estudo, discorreremos sobre algumas particularidades do gênero falsa notícia e a leitura em ambientes digitais para compor nosso protótipo didático de leitura dialógica.

2.2. O gênero discursivo fake news

Nesta seção, discutimos alguns conceitos sobre a fake news /notícia falsa, associados aos pressupostos dialógicos de linguagem a fim de apresentar suas regularidades condicionantes de gênero descritos por Bakhtin (2003 [1979]) e, portanto, passível de análise em sua dimensão social e verbo-visual para posterior proposta de leitura.

Como início de nossa discussão, apresentamos alguns conceitos uniformizados do que é fake news. Segundo o dicionário inglês Cambridge (2018), são "histórias falsas que parecem ser notícias e são difundidas na internet ou em outros meios, criadas para influenciar opiniões políticas ou como piada", com notório poder para mudar resultados eleitorais.

De acordo com Fante et al. (2018), o termo fake news remonta ao século XIX, contudo ficou amplamente conhecido durante os escândalos midiáticos nas eleições presidenciais americanas de 2016. Desde então, o termo ficou difundido e tornou-se

pejorativo, pois retira o crédito do gênero no qual remonta ao mesmo tempo em que, ressignifica esse gênero com seu estilo peculiar marcado pela expressividade.

Para Menger (2019) há uma dificuldade para distinguir fake news entre tema e gênero devido à própria heterogeneidade e imprecisão dos termos. A palavra “fake” pode ser entendida como enganação, boato, distorção, truque, rumor, falsificação etc. O termo “news” também apresenta significado abrangente, embora esteja relacionado à ideia de informação, a noção, nos contextos apresentados, é diferente como se observa no descrito pelo dicionário Oxford.

1. Novas informações a respeito de algo que tenha acontecido recentemente. [...] 2. Relatos de eventos recentes apresentados em jornais, programas televisivos ou em rádio. [...] 3. Uma transmissão padrão através de rádio ou televisão das últimas notícias. [...] 4. Uma pessoa, uma coisa ou um evento que é considerado suficientemente importante para ser relatado como notícia. [...]. (OXFORD, 2010, p. 1028).⁹

Menger (2019, p. 67) reavalia o conceito de “news” associado à fake e afirma que “embora todos os significados girem em torno da ideia de “informação”, não necessariamente essa informatividade seja a concebida comumente no âmbito jornalístico.” O que faz presumir uma separação de “news” como notícia jornalística e “news” como novidade. O autor afirma que o uso do termo “fake news”, de acordo com os dicionários de linguagem cotidiana, está mais para “disseminação da novidade enganosa do que para uma notícia que almeja enganar” e explica, com base em postagens de sites de checagem que, embora os “pesquisadores possam utilizar “notícia”, como tradução literal de “news”, isso não quer dizer que eles não entendam as fake news como objeto de informação”, tanto é que vários sites de checagens usam outros termos como sinônimos de fake news: “mensagens falsas”, “boato”, “peça de desinformação” etc., contudo, os mesmos sites de checagem observam características nas fake que não são pertencentes às notícias e sabem diferir entre as duas veiculações e até propõem tutoriais que ensinam a analisar se uma informação é falsa ou não; o que para Menger (2019) é uma constatação de que a falsa notícia tem estilo próprio e esclarece:

⁹ Traduzido do seguinte trecho original, em inglês: “1. New information about sth that has happened recently. [...] 2. Reports of recent events that appear in newspapers or on television or radio. [...] 3. a regular television or radio broadcast of the latest news. [...] 4. A person, thing, or event that is considered to be interesting enough to be reported as news. [...]”.

Nesse sentido, o termo “fake news” se torna amplo e heterogêneo, pois, como fenômeno existente na língua concreta e social, é capaz de se construir sob vários aspectos, emancipando-se como material único e organizado, com determinadas estruturas-tipo definidas, que faz retomar a concepção de gêneros como “enunciados relativamente estáveis” (MENGER, 2019, p. 72).

Dada abrangência do termo, Menger afirma que para conceber as fake news como um conjunto de enunciados é preciso compará-la com o gênero notícia, no entanto, a comparação não serve para equiparação, mas distinção, “uma vez que seus elementos constituintes – tema, estilo e estrutura – sua projeção enunciativa e a construção de seus enunciados com relativa estabilidade apresentam características próprias e diferentes entre si.” (MENGER, 2019, p.66).

Corroborando com a comparação, Fante et al.(2018) também esclarecem que a comunicação discursiva presente nas fake news está frequentemente ancorada no gênero notícia, daí a relação com sua nomenclatura (falsas-notícias), entretanto, elas não podem ser consideradas notícias porque enveredam por caminhos contrários aos preceitos éticos da atividade jornalística, espalham conteúdos enviesados pela adjetivação e/ou pelo exagero, criam dubiedade quanto aos fatos e não estabelecem um elo da sociedade com as instituições legitimadas no campo do jornalismo.

Fante et al (2018) afirmam que as fake news apropriam-se do gênero notícia e explicam tal afirmação através dos critérios de atuação do campo jornalístico para considerar um fato como notícia: a) deve reconhecer um fato notável, b) ser relatada sem tratamento idiossincrásico, mas particular, c) ser organizada de forma temporal e espacial. Esses fatores ainda são completados pelas “estratégias de objetivação” que são predominantes no jornalismo, visando fazer com que os leitores/ouvintes interpretem os fatos narrados como verdades ou que falam por si mesmos. As fake news utilizam de parte desses critérios da notícia tangente ao conteúdo temático e à estrutura composicional para ganhar o status de verdade e receber amparo da sociedade - dadas as circunstâncias com as quais são produzidas e publicadas.

Fante et al. (2018) acrescentam que a falsa notícia também se projeta pelos valores-notícias descritos por Traquina (2002, 2004), como:

1) a morte, como elemento negativo no mundo jornalístico; 2) a notoriedade, referente ao ator principal do acontecimento; 3) a proximidade, no aspecto geográfico e também cultural; 4) a relevância, que confere ao jornalismo o compromisso de noticiar acontecimentos importantes; 5) a novidade de um furo ou uma nova informação sobre a notícia velha, que chama a atenção dos jornalistas; 6) o tempo, que traz notícias atuais ou pode reaver notas

importantes do passado; 7) a notabilidade como cobertura de acontecimentos; 8) o inesperado que irrompe ou surpreende a expectativa; 9) o conflito ou controvérsia ao envolver discussões ou violência física; 10) e o escândalo, que dá a característica de “cão de guarda” ao jornalismo.(FANTE et al., 2018, p.114).

As fake news se apropriam dos alicerces inerentes ao jornalismo “ético”, da estrutura narrativa e até mesmo dos valores-notícia para ganhar o status de acontecimento real. Fante et al. (2018) destacam e explicam esses valores para as falsas notícias:

Fulano morreu! Que nada, era notícia falsa – nota comum nos sites de fofocas e nas redes sociais, a morte atíça a curiosidade humana. A notoriedade garante audiência ao dar ênfase ao ator principal. A proximidade alcançará pessoas com interesses culturais e geográficos. A relevância é percebida pelos acontecimentos que interessam a parte da sociedade. A novidade tem a função de “furo”, de contar primeiro. O tempo na fake news é corriqueiro no resgate de notícias passadas, na tentativa de justificar ações atuais. A notabilidade, bastante comum, dá ênfase à inversão de fatos. O inesperado é um dos pontos mais fortes das notícias falsas e pretende surpreender, criando expectativas com manchetes tendenciosas. O conflito chama a atenção por retratar embates físicos. E o escândalo, como cão de guarda, é a principal característica dessas (des)informações. (FANTE et al., 2018, p.114,115).

Os “valores notícias” não estão dispostos nas fake news apenas a propósitos ideológicos de crença, cultura ou política, mas por objetivos capitais (obter lucro através da visibilidade e curtidas). Cogita-se a existência de empresas especializadas na produção e divulgação de falsas notícias com propósitos mercadológicos o que extrapola a finalidade do gênero notícia.

Para Vicente e Melo (2020) fake news é um anúncio de uma informação sem amparo de credibilidade institucional amplamente difundida nas redes sociais e também em outras práticas de interação, que se apropria de determinados discursos com propósito de persuadir o leitor em direção a uma crença, manipulando contextos para provocar uma desinformação intencional. Dessa forma, as autoras afirmam que a discursividade presente nas fake news é diferente do gênero notícia, pois apresenta regularidades enunciativas próprias e esclarecem:

o caráter de falseamento, a intencionalidade, a dimensão política e outras formas de comunicação, que não relativas ao jornalismo — possibilitam relacionar o conceito de discurso e gênero textual às fake news. Logo, entende-se fake news como uma prática discursiva, que se produz em razão das relações de poder. (VICENTE; MELO, p. 574, 2020).

Com essa contraposição entre notícia e (des) notícia, não temos a intenção de criar parâmetros para tipificação de gênero em processos de contraposição com outro gênero mais estável (no caso a notícia), mas evidenciar algumas formas típicas das fake news em contrapartida à notícia com propósito de produzir a leitura réplica e colaborar com o letramento midiático de educandos do Ensino Fundamental II.

A fim de observar alguns aspectos da composição discursiva das fake news, lembramos que os pensadores do Círculo consideram a linguagem como produto da interação (VOLÓCHINOV, 2018), portanto a palavra não carrega um significante monológico, mas carrega um signo, ou vários signos ideológicos expressos na língua como elementos de valoração ressignificados ininterruptamente. Esse conceito é crucial para análise das cargas ideológicas que acompanham as fake por apresentar a “sensação do conjunto do discurso” na etapa da recepção (BAKHTIN, 2003 [1979] p.283). Conforme o Círculo, o autor é orientado pelo conteúdo e pela tensão ético-cognitiva com que se relaciona com este, - a expressividade- a qual ele dá forma e acabamento por meio de um material linguístico determinado ao enunciado.

No caso das falsas notícias, podemos dizer que a iminência dos conteúdos temático de valores notícia, gera a “vontade de dizer”, a “vontade de noticiar”, num locutor comum, sob viés ideológico pessoal, com intenções escusas ou por “ingenuidade” e, uma vez que o falante tem ao seu dispor os novos meios – as plataformas digitais – tem contato amplo e rápido com seu “auditório social” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 210), realiza a comunicação discursiva no campo dos discursos cotidianos (BNCC, 2017), deixando as marcas expressivas ideológicas, tom valorativo de parcialidade nas opiniões, informação relativa e superficial, ausência de fontes autorizadas etc., que podem tipificar uma falsa notícia. Sobre isso Bakhtin esclarece:

“A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetivas (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.” (BAKHTIN, 2003 [1979] p. 282).

Bakhtin (2003 [1979], p.285) afirma que os gêneros do discurso “são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm sig-

nificado normativo, não são criados por ele, mas dados a ele” nas diversas situações comunicativas. Aplicando esse conceito à fake news, podemos dizer que ela é uma flexibilização da notícia marcada pela expressividade da vontade discursiva do falante comum, em uma situação comunicacional nova, as plataformas digitais da Web 2.0 – “termo utilizado para nomear uma segunda geração de serviços e comunidades oferecidos na internet, (...), retirou usuários da condição de passividade passando estes a agir de modo ativo nas interações”- conforme Nascimento et al. (2020, p. 20.), e isso permitiu o contato rápido com seu auditório social e ampliou seu campo de interação para as esferas do cotidiano.

De posse dessa informação, podemos inferir que o contexto multimidiático ampliou suporte, espaço e campo reformulando gêneros e ampliando a discursividade da fake news em que as informações passam a ter enunciados de diversas fontes (autorizadas ou não), sendo perceptível sua finalidade (informar ou desinformar) apenas pelos elementos da expressividade e estilo.

Por expressividade entendemos (BAKHTIN, 2003 [1979] p. 289, 290) como elemento da entonação expressiva – que soa nitidamente na oralidade – mas confere também no discurso escrito a carga emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala. O autor explica que quando uma palavra é dita com entonação expressiva, já não é mais palavra isolada, é enunciado; portanto, a entonação expressiva é um traço do enunciado. A escolha das nossas palavras parte do conjunto projetado do enunciado que contagia essa palavra com a expressão do contato do significado linguístico com a realidade concreta e produz o significado expressivo. Para o autor, o elemento expressivo – “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado” – determina a composição e o estilo. No caso das falsas notícias, a expressividade com acentuada carga emocional valorativa ideológica é facilmente identificada pelo intuito/finalidade discursiva do produtor em expor o “seu ponto de vista/ sua verdade” sobre o fato, e não o fato em si, para isso mobiliza recursos expressivos que diferem do gênero notícia.

Bakhtin (2003 [1979], p.292, 293) afirma que quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, costumamos tirá-las de outros enunciados, sobretudo dos enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente selecionamos palavras pelas especificidades dos gêneros. Essas especificidades conferem às palavras expressões típicas

ou "aureola estilística", que funcionam como eco da totalidade do gênero. Em vista disso, a expressividade do enunciado não se limita apenas à relação valorativa com o conteúdo semântico objetual, mas contrapõe ou enfatiza enunciados que tratam o mesmo tema. Nesse sentido, as fake news apresentam expressividade interlocutiva ao responder a outros enunciados dos quais discordam ou que desejam reafirmar o ponto de vista, assumindo o tom de releitura de uma notícia, e, por conseguinte, distinguindo-se de uma notícia propriamente. Destarte, evidencia-se o que o Círculo diz sobre “os enunciados dos outros podem ser recontados com um variado grau de reassimilação;” (BAKHTIN, 2003 [1979] p.297) principalmente em contexto sócio-comunicativo da pós-modernidade em que as fake news estão inseridas, como discutiremos mais adiante.

Para esclarecer, Acosta Pereira e Rodrigues (2014, p. 183) afirmam que um enunciado absolutamente neutro é impossível e que a “propriedade de o enunciado ser expressivo é uma das marcas da posição valorativa dos participantes da comunicação discursiva face ao tema do enunciado e a eles próprios”. Os autores ressaltam que o elemento expressivo determina o estilo e a composicionalidade do enunciado. Assim, a expressividade ou orientação valorativa do falante com seu objeto de discurso e com os outros enunciados (já-ditos, pré-figurados) condicionam à escolha dos recursos lexicais, gramaticais (estilo) e composicionais de seu enunciado. Dessa forma, ao observar as fake news pela expressividade ou orientação valorativa, percebemos que são impregnadas de ressonâncias dialógicas, abusam de retóricas inflamadas de contato direto com seu interlocutor, não tentam mascarar sua neutralidade ou parcialidade com o tema exposto, não omitem seu posicionamento ideológico, nem evitam exageros linguísticos para realçar seu ponto de vista, etc., estabelecendo verificáveis no estilo e na composição dos quais Bakhtin (2003 [1979], p. 268) é claro: “Onde há estilo há gênero”.

Sobre isso Menger (2019, p.78) acentua:

“o que designa o gênero é seu projeto enunciativo, determinado pela construção do enunciado, (...) A cadeia de enunciados que conduz as fake news a transforma em gênero e por tentar imitar o fato da informatividade é que muitas vezes acontece a imprecisão em distinguir entre verdade e mentira.”

Menger (2019) afirma que as fake news, devido contexto sócio-histórico da comunicação digital, podem se emancipar em diferentes tipos de enunciados, desde

imagens até vídeos falsos, não se limitando ao texto verbal, como ocorre majoritariamente com as notícias.

Diante do exposto sobre gênero e fake news, linguagem e discursividade, passamos a observar algumas regularidades das falsas notícias na sua constituição de Dimensão Social.

Observando aspectos da condição de produção das falsas notícias no que tange à circulação e intuito discursivo, percebemos que ela migrou do campo jornalístico midiático para o campo do cotidiano (BNCC, 2017) com intuito de informar a própria verdade via redes sociais, por isso perde as marcações ideológicas do campo jornalístico, mas evidencia expressividade própria na aproximação ideológica com o interlocutor e entonação valorativa apelativa de ideologias que ressoam nos discursos do senso comum.

Podemos afirmar que o contexto midiático e a cultura da hipermodernidade (ROJO e BARBOSA, 2015) favorecem a criação e disseminação das fake news, pois reformulam as relações sociais pelo prefixo hiper: hipercomplexidade, hiperconsumismo, hiperindividualismo, que destacam a informação contínua como um bem de consumo impulsionado por fenômenos de redistribuição ou apropriação anônima de fontes informativas. Dessa forma, as novas tecnologias e a internet em rede propiciam um ambiente fecundo para esse gênero tendo em vista a facilidade de circulação e interlocução.

Outro fator crucial para produção das notícias falsas é a influência do fenômeno da pós-verdade. De acordo com D' Ancona (2017), a pós-verdade é o conceito de que os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e às crenças pessoais. No mundo da pós-verdade, a verdade não é determinada por um processo de avaliação racional, mas pela escolha da sua própria realidade. O ambiente de verdades relativas é propício para as fake news graças à propensão dos indivíduos em compartilhar conteúdos que se identificam com suas crenças.

Conforme Menger (2019), no contexto ideológico da pós-verdade, os fatos perdem lugar para o ponto de vista ao nível de criar uma desconexão entre o senso crítico e a realidade. Isso se deve a compreensão e tolerância de que não existe fato objetivo, pois quem dá as nuances da interpretação da realidade são as percepções subjetivas do ser humano.

Para o autor, a pós-verdade não é sinônimo de falsa verdade, mas uma reelaboração da verdade real e, as fake news, enquanto pós-verdade, são expressões de que o verídico está em segundo plano. Dessa forma, ambos os conceitos se completam – pós-verdade e fake news – mas não são sinônimos como explica Menger:

“(...) as fake news podem ser tanto a causa da pós-verdade quanto o efeito. Isso porque alguém pode veicular uma mentira tendo consciência de ela não ser verdade, mas o faz com o intuito principal de enganar. Por outro lado, se alguém produz uma desinformação acreditando no objeto sobre o qual desenvolve sua fake news, pode-se dizer, então, que essa falsa informação foi fruto de uma pós-verdade, ou seja, de uma falta de compreensão da realidade como dado primeiro.” (MENGER, 2019, p. 25).

Nesse sentido fica difícil saber quem está influenciando quem, pois ambos os fenômenos se alimentam um do outro e se assentam na crise de confiança nas instituições oficiais.

Sobre isso, Freitas Filho e Teixeira (2018) esclarecem por pesquisa a crescente onda das fake news devido à influência da chamada “crise de confiança” em relação à imprensa e outras instituições públicas, incluindo os políticos. Os cidadãos têm se mostrado relativamente céticos quanto às informações que circulam nos espaços públicos e publicadas pela imprensa tradicional.

Segundo D’Ancona (2017) a web também é culpada por essa relação superficial com as informações, porque observa nossa interação apenas por algoritmos e nos conecta com as coisas de que gostamos ou poderemos gostar. “A web é o vetor definitivo da pós-verdade precisamente porque ela é indiferente à falsidade, à honestidade e à diferença entre elas.” (D’ANCONA, 2017, p. 53). Nesse contexto se faz a recepção do gênero discursivo fake news também explicitado por Zuckerman, como momento favorável à segregação ideológica (*apud* FREITAS FILHO E TEIXEIRA, 2018, p.166).

Com a ascensão dos sites de busca, a navegação baseada em interesses passou a nos conduzir à segregação ideológica, seja por causa dos tópicos que selecionamos, seja pela linguagem que utilizamos. [...] A linguagem empregada para descrever uma questão [...] pode isolar a informação que obtemos, com base em critérios ideológicos. (ZUCKERMAN, 2017, p. 6).

Sobre a segregação ideológica, Pollyana Ferrari (2018) explica que os seres sociais compartilham ideologias semelhantes e acabam envolvidos numa espécie de

“bolha social” em que pode cristalizar-se tanto a mentira como a verdade, reforçada pela web que vê as relações sociais apenas como algoritmo. Nesse panorama, as fake news são potencializadas pela própria web que direciona as informações para o interlocutor, orientada, apenas, por seu histórico de navegação.

Nesse contexto de revolução tecnológica e relativismo cultural, instaura-se o horizonte apreciativo valorativo da informação pelo escopo pessoal e subjetivo em detrimento dos fatos concretos, criando “circunstâncias típicas” para “expressões típicas” (BAKHTIN, 2003 [1979] p.293) verificáveis no discurso na falsa notícia.

Para Fante et al. (2018) o fenômeno de produção e disseminação/circulação das notícias falsas está relacionada aos novos aparelhos de comunicação, aos smartphones que permitem mobilidade e conexão com as mídias caracterizadas pela ubiquidade. Essa abundância de plataformas digitais, que por ironia do destino deveria promover a informação, replica a falsa notícia e amplia a desinformação.

Dessa forma, os meios de circulação das fake news são, majoritariamente, nos suportes digitais de mídias sociais e corroboram para seus efeitos imediatos tanto na agilidade da disseminação quanto na interação entre os parceiros do discurso. Assim, elas tornam-se fontes extraoficiais de informação plausível entre os interlocutores que comungam de seus dizeres.

Nesse sentido, ao observar a sócio-história das falsas notícias podemos depreender origem congênere com a fofoca, boatos, disse-me-disse etc., gêneros primários (Bakhtin 2003 [1979]) com especificidades em um campo da comunicação discursiva de intuito informativo extraoficial, cuja vontade discursiva imediata de informar se sobrepõe à ética e a veracidade.

Thaís de Mendonça Jorge¹⁰ afirma que as falsas notícias podem ser comparadas a boatos, fofocas, informações falsas etc. O que a torna distinta desses gêneros primários são os avanços da tecnologia e os novos suportes de propagação que potencializam sua disseminação acrescida de roupagem multissemiótica. Essas notícias falsas podem aparecer isoladamente, como posts divulgados em serviços de mensagem instantânea – como o WhatsApp, Twitter, Facebook, Telegram e Instagram –, ou sob a forma de websites, na tentativa de confundir ou convencer pessoas acerca de informações inconsistentes de apreciação pessoal.

10 Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/390610231/News-and-fake-news-A-reflexion-about-tw-pdf>> Acesso em 24/05/2020.

Assim, a função social no tempo e no espaço da falsa notícia, seu cronotopo (ACOSTA PEREIRA; OLIVEIRA 2020), apontam-na como oriunda da fofoca e do boato em um contexto sócio-histórico digital cujas informações podem ser replicadas rapidamente, valem muito e atingem o horizonte valorativo da pós-verdade (seus pares na visão ideológica) semelhante à rapidez com que boatos e fofocas se espalham.

Outro aspecto relevante da falsa notícia é concernente à linguagem. Esse gênero emprega corriqueiramente o modo coloquial que retoma o tom emotivo, íntimo e familiar com que se compartilha “uma verdade”, “uma fofoca” aos seus pares de confiança, sobre um fato, em conjunto de recursos semióticos e multimodais que acentuam a “presença de subentendidos” (Menger, 2019). À vista disso, pode-se afirmar que a linguagem/expressividade da fake news é orientada pela opinião em detrimento da informação do fato em si.

Para alavancar a persuasão no discurso fake, a posição social do autor, geralmente, apresenta-se como suposta autoridade no assunto para defesa de uma informação sustentada por pós-verdade. A posição de autoria reflete uma voz nitidamente ideológica; alguém que defende uma verdade sob sua ótica valorativa no grupo social, e assume a defesa de suas informações de forma apelativa e inconsistente, porém próxima do objeto e do interlocutor, estimulando-o à replicação e a uma responsividade imediata.

Devido a isso, é comum haver um perfil falso em nome de jornalistas e autoridades responsáveis pela informação para agregar-lhe valor e autenticidade, contudo, mesmo sem saber se o perfil é falso, ao longo da discursividade, percebe-se a defesa ou a difamação de uma corrente ideológica ou de uma pessoa em ressonância com outros discursos, em tom caloroso e tendencioso que evidenciam apreciação valorativa parcial do falante em relação ao assunto discutido, levantando dúvidas sobre a veracidade da informação. Sobre isso Menger (2019, p.75) afirma: “no fenômeno da desinformação as ideologias particulares vão ter mais vozes, inutilizando os fatos, parecendo deixar em primeiro plano o viés subjetivo de quem cria e pretende disseminar fake news”.

Ainda sobre a posição de autoria, a professora e pesquisadora Dr^a Anna Christina Bentes do Departamento de Linguística da Universidade Estadual de

Campinas, em entrevista por e-mail à IHU On-Line¹¹ relata uma sensação controversa das fake news, a sensação de empoderamento dos usuários da rede quando percebem que podem ser fontes relevantes de informações e na ânsia de compartilhar, não há preocupação com veracidade, apenas com a popularidade da mensagem. Neste sentido, a posição de autoria é compartilhada (ROJO; MELO, 2017) tanto por quem produz as fake news como por quem replica, pois, à medida que interlocutor compartilha as fake, também assume um posicionamento valorativo-axiológico do grupo frente ao conteúdo veiculado, e torna-se responsável por ele emanada sua influência social.

Nesse contexto, é possível observar o horizonte apreciativo-valorativo do produtor da falsa notícia, pois o autor leva em conta o fundo aperceptível do discurso pelo interlocutor e até que ponto ele está a par da situação, descrito por Volóchinov/Bakhtin (1926, p. 5) como horizonte espacial comum dos interlocutores. Dessa relação dialógica de horizonte contextual entre os falantes, evidenciam-se concepções e convicções, preconceitos, simpatias e antipatias recorrentes entre as ideologias do cotidiano cristalizadas como discurso de pós-verdade¹² em contexto histórico cultural de hipermodernidade. Por conseguinte, é comum o locutor assumir uma voz que representa a defesa do senso comum que se potencializa na discursividade da linguagem semiótica típica da internet.

Das condições de Recepção, no aspecto da posição social do interlocutor presumido, as fakes news estabelecem um elo próximo/íntimo do locutor por presumir que comungue das mesmas “verdades” apreciadas nas falsas notícias e faça parte da mesma bolha ideológica que desejam preservar. Sobre isso Menger esclarece:

“as fake news, por se basearem em um ponto de vista mais subjetivo, abrem um certo espaço de aproximação àqueles a quem se dirige. Isso é notável em discursos em que se utiliza a segunda pessoa, no modo imperativo, por exemplo, na tentativa de construir um diálogo com seu possível auditório, do qual espera uma certa atitude responsiva imediata – (MENGER, 2019, p.75).

Nas fake news, fica evidente o que Bakhtin (2003 [1979]) diz sobre coautoria, ou parceria entre falante e ouvinte, pois o discurso ideológico das falsas notícias

11 Disponível em : <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7249-o-texto-alem-do-texto>. Acesso em 20/05/2020

12 Consideramos Fake news e Pós-verdade termos distintos, mas com condições e práticas afins, segundo Marchezan (2019).

existe em função de haver grande público consumidor dessa informação, ou como afirma Volóchinov (2018), é um discurso que encontra apoio coral e auditório social que irá concordar ou discordar do enunciado, mas vai responder rapidamente a ele, pois, “Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação tem a sua concepção típica de destinatário que o determina” (BAKHTIN, 2003 [1979] p. 301).

As fake news têm destinatário certo, aqueles que compartilham de suas ideologias e adeptos do pós-verdade; e aqueles que são contrários a elas também, pois, o enunciado se direciona tanto para reforçar informações falsas, quanto para atacar aqueles que lhes são contrários, uma vez que, destinatário é quem responde/interage com o enunciado. Com isso, as fake ficam em cena constantemente, pois emergem na discursividade de quem lhes dá crédito e também na discursividade daqueles que lhes fazem oposição, alcançando seus propósitos de ser assunto em larga escala.

Com relação à Dimensão Verbal ou Verbo-visual da falsa notícia/fake news, observamos, conforme Menger (2019), que os aspectos enunciativos discursivos concernentes ao conteúdo semântico objetual circula os “valores notícia”, contudo não é uma informação comum, é polêmica, sensacionalista de cunho ideológico (político, sanitário, religioso, cultural do senso comum etc.) que suscita uma responsividade imediata ocasionada pelo exagero com que trata o assunto como pelo meio de circulação virtual resultando em “temas típicos” (BAKHTIN, 2003 [1979] p.293).

Menger ainda acrescenta outro aspecto ao conteúdo temático da fake news relacionado à conclusibilidade (BAKHTIN, 2003 [1979]). Conforme o autor, “As fake news têm objeto semântico menos exaurível, pois o tema que conduz sua projeção enunciativa é maleável, flexível e menos esgotável em sua construção enunciativa” (MENGER, 2019, p.76). Isso se deve porque o discurso se traveste de verdadeiro, com informações vagas ou genéricas que repercutem instantaneamente pelos meios virtuais e geram conflitos, questionamentos e alvoroço diminuindo as possibilidades de se esgotar esse enunciado.

Com base nos teóricos do Círculo, Menger analisa a questão da exotopia dentro das fake news como propulsora de conteúdo temático, pois, no projeto de enunciação, é necessário que o locutor se coloque no lugar do interlocutor com empatia e depois se distancie para uma devida apreciação ética e responsiva sobre o tema que, no caso das falsas notícias será engendrado de forma a “acariciar suas crenças” e explica:

“o locutor, ao construir um conteúdo falso para disseminá-lo como verdade, observa o que acontece ao seu redor, não só o que as pessoas comentam a respeito dos fatos repercutidos, por exemplo, na mídia, mas o que a própria mídia discorre sobre eles. A partir disso, observando, a responsabilidades dos demais frente àquilo que lhes cerca, afasta-se deles, mesmo que por um momento, para criar seu discurso distorcendo a verdade, ressignificando esses dados objetivos e subvertendo-os de forma a acariciar suas crenças, o que acaba, inevitavelmente recaindo em discursos de pós-verdade.” (MENGER, 2019, p.80).

Dessa forma, o locutor será capaz de produzir um discurso falacioso que envolva os ideais de seu interlocutor, aproximando-o de sua bolha ideológica, atingindo visualização e disseminação rápidas.

Sobre o estilo, Menger (2019) ressalta que nas falsas notícias a crença sempre prevalecerá em primeira instância perante a realidade objetiva dos fatos, assim, a narração será orientada por um ponto de vista mais subjetivo ou “intersubjetivo” mais opinativo que narrativo, abrindo espaço de aproximação àqueles a quem se dirige na tentativa de construir um diálogo com seu possível auditório, do qual espera certa atitude responsiva imediata.

Desta forma, verifica-se “expressão típica em situações típicas da comunicação” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.293) no campo jornalístico midiático em meio virtual como: a) linguagem coloquial despreocupada com os aspectos normativos da língua— às vezes com erros ortográficos e gramaticais - próxima do auditório social popular, uma vez que não dispõe de uma organização editorial para revisão de texto; b) presença marcante de pontos de exclamação e interrogação; c) linguagem conotativa, sensacionalista com uso de advérbios e adjetivos para evidenciar a entonação do eu intersubjetivo, com posicionamento de suas ideologias e busca por responsividade; d) indução do interlocutor aos subentendidos com imagens e retórica apelativa para conclusão das informações vagas e genéricas que correspondam aos sentimentos de pós-verdade do auditório presumido; e) uso de pseudo-autoridades para sustentar alguns pontos de vista etc.

Temos como exemplos de expressões típicas de gênero (BAKHTIN, 2003 [1979]) frases como: “Mande esse texto para todos os seus contatos” e “Faça esta mensagem chegar ao maior número de pessoas” divulgada no site Fato ou Fake¹³ do grupo G1 de notícias, no tutorial em vídeo “Como identificar se uma mensagem é falsa” como expressões recorrentes em fake news.

13 Disponível em <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/> . Acesso em 24/01/2021

Para ampliar a discussão, Menger (2019, p.79) afirma que essas expressões comuns em situações comuns de comunicação (meio virtual) não refletem apenas o estilo individual do locutor das fake news “mas também, o estilo plural, entrelaçado ao eco dos estilos alheios” que estão se cristalizando como enunciado relativamente estável.

Menger (2019) aponta na estrutura composicional da falsa notícia como discurso não linear amparado em enunciação multimodal, cuja narração do fato mais importante ao menos importante é disposta com a mesma carga de relevância, devido à suposta origem da oralidade em gêneros primários (boatos, fofocas etc). A disposição das imagens associada à parte verbalizada complementam-se para pressupor subentendidos, uma vez que as informações são vagas e genéricas. Por ser um projeto enunciativo multimodal em que o texto verbal será completado pelo verbo-visual, há abuso de cores, vinhetas, fonte de letras em destaque, imagens descontextualizadas, editadas ou forjadas (deep fake) etc.

A preocupação estrutural reside em chamar a atenção do interlocutor, por isso o locutor escolhe o foco do fato que deseja evidenciar e não a ordem dos fatos em si, pois não há preocupação com a precisão que as informações chegarão ao seu leitor, mas como contribuirá para a valoração e disseminação do falso discurso. Assim, na “des” notícia não há organização em lead como a notícia, mas uma ordenação não linear dos fatos com intuito de impactar o interlocutor e levá-lo a produzir suas próprias conclusões da informação veiculada.

Outros aspectos estruturais da “des” notícia se referem à marca do discurso por assinatura ilegítima ou anonimato, porque ninguém quer se responsabilizar pelos efeitos negativos da desinformação propagada. Verifica-se também ausência de datas de publicação e preferência por advérbios genéricos como: ontem, hoje, amanhã etc., como marcadores de tempo. É comum que a fake news se apresente em estrutura manchete, com imagem, sem o texto completo, título em dissonância da informação do texto, circulação em meios virtuais fora dos veículos profissionais de imprensa etc.

Em suma, podemos resumir a fake news pela percepção na etapa da recepção descrita por Bakhtin (2003 [1979], p. 283) como toda “sensação do conjunto do discurso” disposta em informação duvidosa vinculada em um tema polêmico, estilo intersubjetivo em estrutura, geralmente, multimodal e não linear poderá ser considerada uma falsa notícia. Isso não significa que todo conteúdo com as estrutura típica

nessas características será falso, contudo, ele perde credibilidade, pois, uma notícia que se preze não se engendrará pelos percalços da imprecisão e opinião em que se sustenta a falsa notícia. Dessa forma, há necessidade de investigação da informação em outros meios de divulgação para verificação do conteúdo.

Nessa direção, a verificação de conteúdo pode levar a uma classificação da fake news descrita pela jornalista Claire Wardle (2017), no artigo Fake news. It's complicated¹⁴, em sete tipos distintos de conteúdo problemático: sátira ou paródia, conteúdo enganoso, conteúdo impostor, conteúdo fabricado, conexão falsa, contexto falso e conteúdo manipulado.

A sátira ou paródia não tem a intenção de enganar, mas brincar com o leitor e a informação. Porém, um leitor desavisado pode dar crédito ao conteúdo.

A fake de conteúdo enganoso é considerada aquela cuja informação é mentirosa/falsa sobre outro conteúdo ou uma pessoa ou entidade.

A falsa notícia denominada de conteúdo impostor utiliza o nome de uma pessoa ou uma marca e atribuem-lhes informações irreais.

O conteúdo fabricado é a informação totalmente falsa com propósito de dano em alguém ou instituição.

A falsa notícia denominada de conexão falsa usa uma chamada ou manchete desconecta de seu conteúdo.

A fake de contexto falso apresenta conteúdo verdadeiro, porém descontextualizado do momento em que se propaga.

Por último, a falsa notícia de conteúdo manipulado, cuja informação é deturpada para propósitos escusos.

A classificação oferecida por Claire Wardle (2017) contribui com nossa pesquisa, porém, dada dinâmica da linguagem e os meios midiáticos contemporâneos, essas distinções apresentadas aparecem juntas em diversas fakes e além das que foram aqui descritas.

Para exemplificar nossa análise em fake news, apresentamos um modelo das conjunturas verificáveis em uma falsa notícia com base em nossos estudos e no manual “Anatomia da fake news” divulgado pelo jornal da Universidade de São Paulo (USP)¹⁵ na figura a seguir:

14 Disponível em: <https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated/> Acesso em: 15/06/2021

15 Disponível em: : <https://jornal.usp.br/universidade/grupo-de-divulgacao-cientifica-da-usp-mostra-anatomia-das-fake-news/> Acesso em 15/05/2021

Figura 2: Exemplo de fake news.

facebook.com/photo?fbid=10220331042400165&set=a.1838218789205

Jornalista

Vacina para mim, nada para os outros...

Segundo informações apuradas pela Rádio Litoral FM, Carlos Bolsonaro esteve hoje no Hospital Central do Exército no Rio de Janeiro e vacinou-se contra a COVID-19. Vereador é conhecido por militar contra vacina da Sinovac.

#CarluxoFuraFila

22 de janeiro às 08:50 · 🌐

Para os amigos a vacina, para os trouxas nada!

Carlos Bolsonaro tomou vacina contra a COVID-19 enquanto seus seguidores continuam repetindo que não tomarão vacina por que Carluxo disse que não deveriam tomar.

Além de "FULAR FILA" de quem precisa, esses FDP continuam negando a ciência e dizendo que as pessoas não devem tomar vacina.

Pelo jeito a Família cansou de tanto ozônio.

Tem cada imbecil seguindo essa família calhorda, que dá até pena.

#CarluxoFuraFila Ver menos

👍👎👤 10 comentários 32 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Ver mais 4 comentários

Escreva um comentári...

10:01 24/01/2021

Fonte: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/01/22/carlos-bolsonaro-nega-ter-tomado-vacina-e-promove-remedio-semefica-cia.htm?utm_source=chrome&fbclid=IwAR0bOcCKPF04n9F5FZSan20zzBBil5117C1mXCnIR6mR_0wc-8-DXM9FCDY Acesso: 24/01/2021.

INFORMAÇÕES QUE CIRCULAM NAS REDES SOCIAIS NÃO SÃO CONFIÁVEIS, PODEM SER PRODUZIDAS POR QUALQUER PESSOA.

O LOCUTOR DO TEXTO ASSUME PAPEL DE JORNALISTA, MAS O PERFIL É FALSO.

A INFORMAÇÃO DO TEXTO PRINCIPAL É CONSTRUÍDA PARA OBTER APOIO E COMPARTILHAMENTO RÁPIDO.

A INFORMAÇÃO COMEÇA COM APRECIÇÃO NEGATIVA AOS ENVOLVIDOS NO FATO E EXPRESSIVIDADE CRÍTICA DO INDIVIDUALISMO CAPITALISTA.

EXPRESSÃO COMUM NOS GRUPOS POLÍTICOS DE ESQUERDA.

HASHTAG COM DIRECIONAMENTO IRÔNICO E DEBOCHADO, PARA LEITORES QUE COMPARTILHAM A MESMA OPINIÃO POLÍTICA.

IMAGEM ASSOCIA O PRESIDENTE BOLSONARO AO FATO E COMPLEMENTA COM EXPRESSÃO DOS ACUSADOS EM ESTADO DE SUPOSTA APREENSÃO.

CONCLUSÃO: TEXTO COM APARÊNCIA DE NOTÍCIA, MAS É TENDENCIOSO E DEBOCHADO, SEM COMPROVAÇÃO: FAKE NEWS DE CONTEÚDO FABRICADO.

Fonte: A autora

Assim, levantamos os principais aspectos caracterizadores de uma fake news em dimensão social e dimensão verbo-visual para posterior análise de nosso protótipo didático dispostas no quadro abaixo:

Quadro 4: Síntese de DS e DVV de fake news.

<p>Aspectos da dimensão social:</p> <p>Aspectos relacionados à condições de produção, recepção e circulação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Campo de circulação e intuito discursivo: Circulação na web e em redes sociais. Intuito discursivo relacionado à defesa de valores ideológicos sustentados por pós-verdade; • Sócio-história: Origem congênere à fofoca, boato, disse me disse; • Posição social do autor: Suposta autoridade no assunto; • Horizonte apreciativo valorativo do produtor: Ideologias do cotidiano que encontram respaldo nos valores de pós-verdade; • Posição social do interlocutor: Íntimo, próximo e companheiro dos valores ideológicos do produtor. Torna-se aliciado e cooperador na etapa de comentários e compartilhamentos instantâneos. • Etc.
<p>Aspectos da dimensão verbo-visual:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conteúdo temático: assuntos polêmicos de valor notícia. • Estilo: Narração orientada por um ponto de vista subjetivo, emprego de linguagem coloquial, excesso de pontos de interrogação, exclamação, adjetivos, advérbios e linguagem conativa. Retórica discursiva opinativa e persuasiva. Presença de linguagem verbal e não verbal que corroboram para os subentendidos. Recurso de autoria de pseudo-autoridade ou anonimato. Apelo para disseminação da informação. • Estrutura composicional: discurso não linear associado à linguagem verbal e não-verbal que completam os subentendidos, manchete em destaque e por vezes distante do conteúdo, lead incompleto, proposital, uma vez que a informação não se sustenta no fato, mas na crença. • Etc.

Fonte: A autora

Dessa forma, após essa síntese, encerramos as considerações sobre fake news e passamos à etapa de letramento midiático que complementa nossa pesquisa.

2.3. O Letramento midiático e a leitura de fake news.

A cultura contemporânea atribui novos desafios para a educação quanto ao uso de diversas linguagens e tecnologias, refazendo o significado de alfabetização no século XXI. Contudo, o termo “alfabetização” ainda está associado ao processo de aquisição do sistema alfabético do código escrito, sendo que a palavra literacy, letramento ou literacia abarca a função social da escrita ou da condição de letrado (FANTIN, 2007).

Há diversas discussões em torno das concepções do letramento e das múltiplas formas de letramento discutidas na literatura científica, das quais emergem os termos como literacia, literacy, letramento, multiliteracies, multiletramentos, letramento midiático / informacional / visual / audiovisual / digital / estético, etc. (FANTIN, 2008), no entanto, os termos convergem em alfabetização para a era da informação.

Compreendemos que o letramento implica habilidades que vão além do ato de ler e escrever ao relacionar-se com a percepção da realidade e dos contextos envolvidos nesse processo. Assim, o conceito caminha por Paulo Freire (1977) que trouxe a ideia que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Passa por Soares (2005) que relaciona a ideia de letramento à compreensão dos textos escritos; amplia-se em Rojo e Moura (2012) com a noção de multiletramento.

Conforme Fantin (2008), pela ótica do letramento, as dimensões do conhecimento e da vida vão além do domínio do código escrito, precisam emergir na cultura e serem capaz de visualizar, interpretar e problematizar as imagens em diversas mídias, de assistir aos filmes, de analisar as publicidades criticamente, de ler e problematizar as notícias dos jornais ou em outras fontes, de escutar e de identificar programas de rádio, de saber usar o computador, celular, tablet, de navegar nas redes e de produzir outras representações através de diversas mídias etc. Tudo isso supõe que estar alfabetizado hoje envolve a apropriação das diferentes linguagens em função social.

Reconhecendo a importância da apropriação das diferentes linguagens na cultura contemporânea, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco (2016), compreende o letramento midiático e informacional como um direito humano essencial para promover uma sociedade mais justa, equilibrada e inclusiva. Posto isto, o letramento sobre as mídias é entendido pela organização como um domínio de habilidade e de reflexão crítica como uma das

formas para a democratização do conhecimento. Livingstone (2004, p. 05) define as habilidades em letramento midiático como a “capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens em várias formas” em comunicação multimodal, o que pressupõe uma ampliação das competências básicas de interpretação do texto impresso para uma função social em era digital.

Segundo Pollyana Ferrari, em entrevista no Guia de Letramento Midiático¹⁶, “Existe um abismo entre a interpretação de texto e o letramento midiático”. Para a escritora o letramento midiático vai além da interpretação do que está sendo apresentado. “É preciso verificar se a publicação tem fonte, se a imagem foi manipulada ou não e se o site é um portal ou só tem a aparência, se é uma fachada”, explica a especialista. Dessa forma, há que considerar que a leitura em ambiente digital tem características particulares.

Consoante Coscarelli (2017), a leitura em ambiente digital mobiliza diferentes tipos de conhecimentos prévios relacionados “as competências que se entrelaçam: a navegação e a leitura” (COSCARELLI, 2017, p. 64). Esses conhecimentos vão desde a seleção de links relevantes ao estabelecimento de conexões entre os textos, links e páginas da web visitadas, tudo ao mesmo tempo. A professora chama esse fenômeno de leitura de múltiplas fontes porque requer, para que se faça uma leitura crítica e confiável, antes mesmo de acessar a informação, que se julguem os links (mais ou menos confiáveis), que se faça uma seleção de informações pertinentes, para após a leitura, integrar informações de vários textos e selecionar o que é pertinente, fazendo várias conexões.

Para julgar os links, faz-se necessária a ativação do conhecimento prévio do sujeito leitor; para associar informações, é preciso comparar, contrastar e relacionar informações. Assim, a professora expõe algumas estratégias para ler criticamente on-line, estudadas por Bratten e Stromso (apud Corcarelli, 2017, p.70-71) como:

- Comparar o conteúdo lido em diferentes textos e links;
- Observar divergência entre os textos;
- Descobrir a relação entre o conteúdo de diferentes textos;
- Encontrar ideias recorrentes em vários textos de diferentes links sobre o assunto;

16 Disponível em: <https://www.palavraaberta.org.br/noticias/guia-de-letramento-midiatico> Acesso em: 03/02/2021

- Considerar se os textos apresentam visões contraditórias;
- Comparar as diferentes explicações/versões sobre o assunto, etc.

No caso da sala de aula é necessário preparar os alunos para leitura de múltiplas fontes e fornecer-lhes base para expansão do letramento midiático. Nesse sentido, é de grande relevância o trabalho com fake news como proposta de leitura e educação midiática, pois é preciso instruir os educandos a não caírem nem disseminarem notícias falsas que circulam na internet.

Sobre isso, a reportagem “Cuidado com a Fábrica de Mentiras”¹⁷, veiculada pela revista Nova Escola, indica propostas de abordagem no trabalho com textos jornalísticos em sala de aula pelo letramento midiático com desenvolvimento nas habilidades que implicam em: acessar, analisar, avaliar e criar conteúdo na internet, confrontando os textos informativos e opinativos, uma vez que notícia falsa tende ao estilo opinativo e notícia ao informativo e pede que os estudantes observem as diferenças entre eles e os “sinais de que um conteúdo não é confiável” com base no excesso de adjetivos, uma vez que a mentira está carregada de emoção e tende a evidenciar a informação com parcialidade.

Desta forma, compreendemos que o letramento midiático é fundamental para a educação contemporânea e deve ser requisitado no plano de leitura dialógica com fake news, dadas circunstâncias que as interações sociais se fazem progressivamente em mídias virtuais e nelas se reconfiguram os gêneros textuais, cujos desafios vão além da identificação, mas a construção de uma educação midiática que compare, analise e combata a propagação de notícias falsas pelo veio da empatia, do senso crítico e do conhecimento digital.

¹⁷Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11701/cuidado-com-a-fabrica-de-mentiras>
Acesso em 03/02/2021

3 METODOLOGIA

Nesta seção apresentamos a área de investigação, o questionário diagnóstico analítico e os procedimentos de pesquisa que norteiam nossa arguição pelos objetivos primados.

3.1. Caracterização da pesquisa.

Após verificar no dia a dia das aulas de LP, um problema recorrente entre os estudantes do EFII com relação ao baixo desempenho em atividades de leitura, grande influência das notícias falsas no contexto da Covid-19 e escassez de material didático que impulsionasse a leitura réplica e o letramento midiático, fomos impelidos a estudar teorias que contribuíssem com reflexões sobre leitura e orientasse a produção de uma proposta didática que mitigasse o empecimento, pois, conforme Gil (2002, p. 17):

A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Dessa forma, assentamos nossa arguição na área da Linguística Aplicada, no campo do Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa, com metodologia qualitativo-interpretativista de natureza propositiva, com foco no processo de desenvolvimento de leitura réplica com gênero notícia falsa, direcionada a turmas do 7º ano do EFII, no contexto de uma escola pública estadual do Noroeste do Paraná.

Salientamos que o perfil inicial da pesquisa era pesquisa-ação, contudo, devido a pandemia do Covid-19 e o impedimento das aulas presenciais para diminuir aglomerações e a circulação do vírus, inviabilizou a etapa de implementação, descaracterizando-a como pesquisa-ação. Além disso, em decorrência dessa situação, a coordenação nacional do Profletras, ao perceber as dificuldades impostas ao retorno das aulas presenciais, e, conseqüentemente, a impossibilidade de se realizar a etapa de implementação do projeto e das outras etapas decorrentes dela, decidiu, por meio da Resolução nº 003/2020-Conselho Gestor, de 02 de junho de 2020, pela não obrigatoriedade da implementação da proposta de intervenção.

Diante desse quadro, nossa pesquisa precisou passar por algumas reformulações relativas ao tema, perguntas de pesquisa, objetivos (geral e específicos), para se adaptar à resolução. Dessa forma, a pesquisa, de natureza interventiva, passa a ter caráter propositivo, ancorada nos conceitos teóricos do dialogismo e em atividades de leitura réplica (MENEGASSI, 2010) de fake news. Ainda para atender à resolução, elaboramos, também, um Produto Educacional, no formato de Protótipo Didático (ROJO, 2012), a ser disponibilizado na plataforma educapes.capes.gov.br, como material de formação e apoio destinado aos professores da rede básica de ensino com vistas ao público do 7º ano.

Assim, entendemos que nosso plano de trabalho caracterizou-se pela flexibilidade com que foi adaptado e redirecionado em face das dificuldades de implementação. Contudo, não abandonamos os princípios de pesquisa da grande área de Linguística Aplicada (LA) em conformidade com Moita Lopes (1996), sobre LA ser a ciência voltada para problemas relacionados à linguagem a que sujeitos, em detrimento do contexto social, estão expostos. Nessa perspectiva, nossa arguição projetou a produção e análise de um PD de leitura do gênero discursivo fake news, com finalidade de contribuir com práticas pedagógicas que beneficiem a leitura réplica, em turmas de 7º ano do ensino público, para propriedades responsivas ativas críticas.

Nesse sentido, pelas características da natureza aplicada do objeto de investigação e por assentarmos nossa arguição em fundamentos teóricos que concebem a linguagem como lugar de interação humana, optamos por metodologia do paradigma crítico-qualitativo, em entendimento que a investigação de natureza qualitativa defende uma interpretação holística dos fenômenos e não uma compreensão apenas dos aspectos quantitativos (MOITA LOPES, 1996). A natureza de pesquisa qualitativa atende nosso propósito de pesquisa, pois “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.34), com propósito de gerar reflexões norteadoras com uma proposta de leitura réplica em contexto de interação virtual. Em virtude da perspectiva metodológica qualitativa, nosso foco de estudo é a descrição, análise e interpretação das possíveis respostas do nosso PD em situação de leitura dialógica com foco na obtenção da réplica com vistas à promoção do leitor responsivo ativo crítico.

Desse modo, a base epistemológica de nossa pesquisa é o interpretativismo por assumirmos “um compromisso com a interpretação das ações sociais e com o

significado que as pessoas conferem a essas ações na vida social” (BORTONIRICARDO, 2008, p.34). Conforme Schwandt (2006), para chegar a uma compreensão da realidade faz-se necessário uma conduta interpretativista orientada por uma identificação empática, colocar-se no lugar do outro para compreender seu ponto de vista e, conseqüentemente, suas atitudes. Assim, a base epistemológica interpretativa se faz, não subjetiva, mas descritiva e reflexiva norteadas por contribuições teóricas, que, em nosso caso, é a teoria dialógica do discurso, discutida pelo Círculo de Bakhtin.

Sob essa conjuntura investigativa, grande área da Linguística Aplicada, de natureza qualitativa e base epistemológica interpretativista, alçou a pesquisa por prospecção didática em protótipo didático de leitura (ROJO, 2012). Por prospecção entendemos conforme dicionário on-line Sinônimos¹⁸ como pesquisa e sondagem de algo; análise, averiguação, estudo, investigação, perscrutação, perscrutamento. Nesse sentido aplicamos a prospecção sob nosso PD de leitura.

Por protótipo didático (PD) compreendemos, conforme Rojo (2012, p.8), como: “estruturas flexíveis e vazadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-las em outros contextos que não o das propostas iniciais.” Os PD_s são propostas de ensino de língua portuguesa que visam os multiletramentos, atividades de leitura crítica, análise e produção de textos multissemióticos de caráter multicultural.

Rojo (2020) ainda esclarece que PD_s são um material digital navegável (pdf_s navegáveis) de apoio ao ensino, que combinam letramentos da letra e multiletramentos em projetos interdisciplinares. Dessa forma, direcionamos nosso PD como material de apoio ao ensino, para uso do professor de LP, direcionado ao público do 7º ano do EFII, como uma proposta de leitura dialógica e objeto de análise interpretativista.

Rojo (2012) afirma que um PD parte das culturas de referência do alunado, de gêneros e mídias conhecidos por ele, para chegar a um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático. A autora ainda salienta que a partir das culturas de referência dos educandos se propõe a imersão em letramentos críticos, contudo, para se atingir uma proposta de produção transformadora é preciso orientações teóricas, críté-

18 Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/prospeccao/> Acesso: 08/02/2021

rios de análise, metalinguagem apropriada etc., dentre os quais, para nosso trabalho, encontramos respaldo teórico e critério de análise de leitura na teoria dialógica, aplicada ao gênero fakes news que circula corriqueiramente nos meios virtuais utilizados por nossos alunos.

Partindo desses pressupostos teóricos metodológicos organizamos nosso percurso metodológico, amparado inicialmente em pesquisa-ação com diagnóstico inicial, mas, posteriormente ordenado por proposição didática sob caráter interpretativista de pesquisa (BORTONI-RICARDO, 2008 e SCHWANDT, 2006) na seguinte ordem:

1. Diagnóstico inicial com a turma pretendida para pesquisa (7º ano);
2. Realização de pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica;
3. Elaboração da proposição didática nos moldes de PD para superação do problema de pesquisa;
4. Análise dos resultados, reflexão e contribuição para o ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental II.

Apresentamos a seguir a seção com diagnóstico inicial que elencou considerações para nossa proposição didática de leitura com turmas do 7º ano.

3.2. Contexto de pesquisa, questionário diagnóstico e análise

Nesta seção apresentamos os resultados obtidos com a aplicação de um questionário diagnóstico on-line (disponível no anexo A), aplicado a uma turma do 7º ano do EFII público, como sondagem sobre as fontes e assuntos com os quais esse educando tem se informado. O objetivo da atividade era organizar o projeto de implementação em torno da prática situada (ROJO, 2012), contudo, foi utilizado para obter informações por amostragem sobre a multiculturalidade desse grupo e direcionar nosso PD a um público na mesma idade escolar, tendo em vista que a implementação não foi possível por conta da pandemia do Covid-19.

Em face de um protótipo que visava à implementação e se constituiu por proposição direcionada por uma amostragem, faz-se necessário tecer considerações do contexto e do público idealizado para a prática pedagógica. Para tanto, informamos que o colégio em que a pesquisa diagnóstica fora aplicada, está situado na zona norte de Maringá, em um bairro residencial periférico antigo, com moradores de longa data na região e maioria donos da própria residência. A escola tem atendido alu-

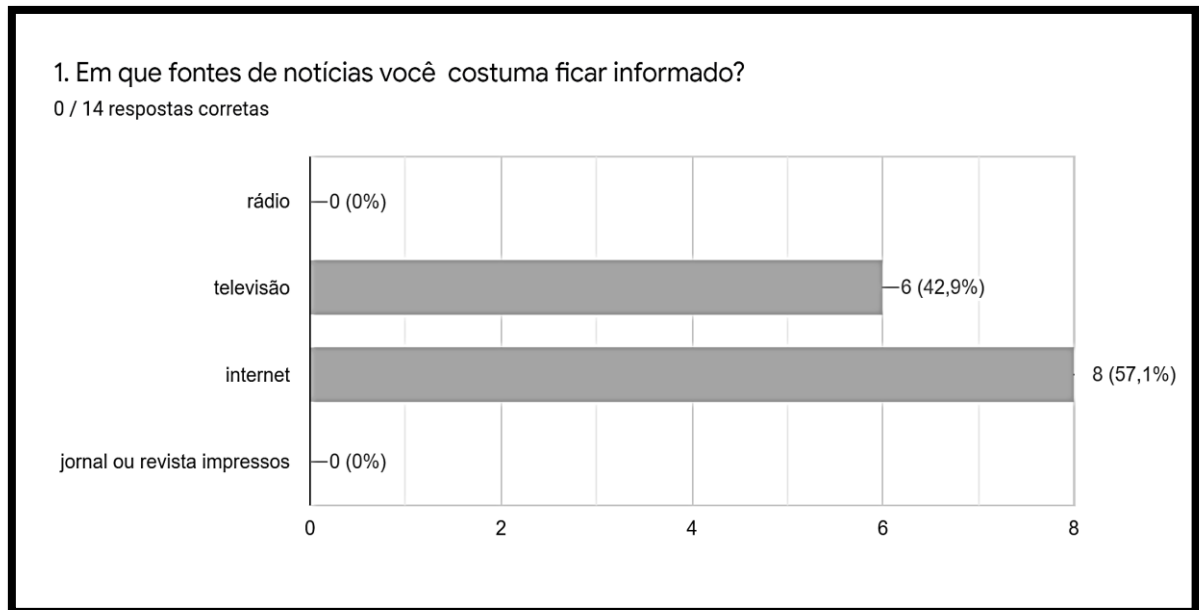
nos com renda familiar, aproximadamente, de até cinco salários mínimos e oriundos das escolas municipais próximas. O colégio costuma receber cerca de 800 estudantes distribuídos entre 26 turmas, em três turnos de funcionamento. O quadro de professores tem sido composto por especialistas, mestres e doutores; direção e equipe pedagógica habilitada, com especialização dentro de suas áreas específicas e funcionários administrativos e de manutenção treinados.

Os alunos do 7º ano pesquisado estavam na idade entre 11 a 13 anos e são considerados nativos digitais (PRENSKY, 2001). Esses adolescentes faziam uso de celulares constantemente em sala de aula, reproduziam comportamentos de cultura de massa com facilidade, buscavam interação e inserção na cultura global e, por vezes, tornavam-se alvos frequentes de fake news por acreditarem nelas ou disseminá-las com facilidade devido à carência de leitura crítica.

Como professora experiente no trabalho com esse público leitor (7º ano), propus a pesquisa nesse grupo por considerá-los imersos na cultura digital, receptivos a novas metodologias e curiosos no aprofundamento de leitura e discussão oral. Assim, mesmo com as dificuldades das aulas remotas, aplicamos o questionário diagnóstico que coletou informações temáticas e práticas sobre como esses estudantes se informam.

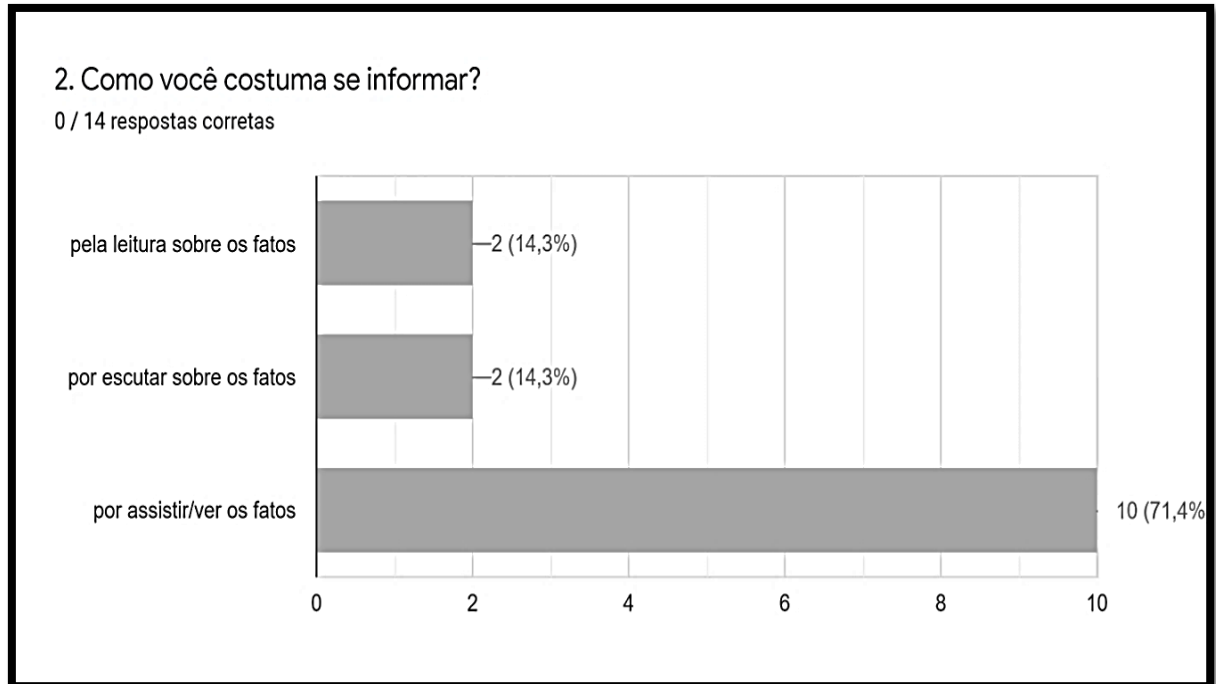
O questionário diagnóstico fora composto de cinco perguntas de múltipla escolha, veiculadas em meio virtual, na plataforma Google Classroom, com propósito de coletar dados sobre os meios e fontes em que esses adolescentes buscam informações, quais notícias entram no seu campo de interesse e como avaliam as fontes de informação.

Aplicamos o questionário da atividade diagnóstica remotamente entre os dias 19/05/2020 e 25/05/2020. A adesão à EaD da turma pesquisada foi pequena; dos 27 alunos matriculados, apenas 14 interagiram na plataforma. Das respostas desses 14, recolhemos alguns dados sobre a maneira como esse alunado se informa e sobre o que se informa para compor nossa proposta de leitura. A organização em gráficos dos resultados foi disposta pela própria plataforma Google Classroom no campo resumo/respostas

Gráfico 1 - Questionário diagnóstico – questão 01

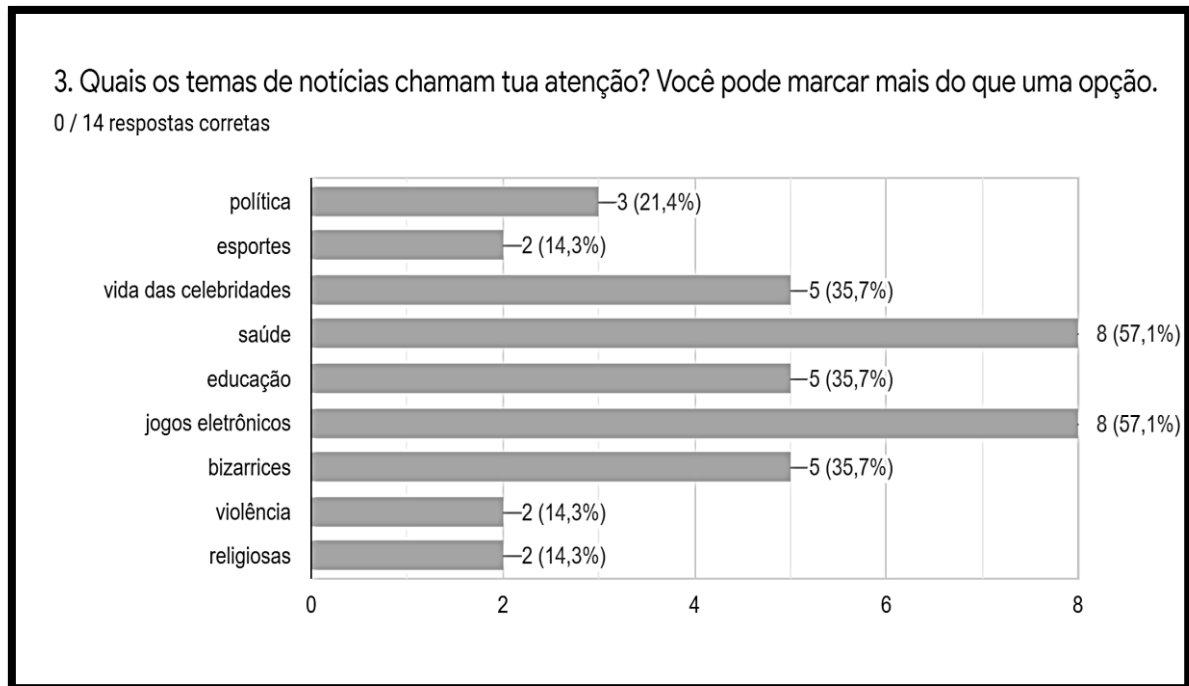
Fonte: Google Classroom

O gráfico 1 aponta a internet como principal fonte de informação para esses alunos. Em segundo lugar é a televisão. Observamos que os alunos não se identificaram com os meios de informação tradicionais, rádio, jornais e revista impressos, o que nos leva a deduzir que são adolescentes acostumados a uma linguagem multimodal e multissemiótica, apontados por Prensky (2001) como nativos digitais. O fato de não ter nenhum aluno que apontou se informar por rádio, jornal e revistas impressos também chama nossa atenção, devido o distanciamento dessa geração dos meios tradicionais de informação, o que nos leva a inferir alguns fatores como: dificuldades financeiras para o acesso desses meios ou migração para meios multimodais de informação como a tevê e internet em que a interação é mais fluente e dinâmica. Seja um fator ou outro o que fica latente é que está geração prefere a internet em detrimento de outros meios para buscar informações e precisa ser orientada para fazer bom uso desse recurso.

Gráfico 2 – Questionário diagnóstico – questão 02.

Fonte: Google Classroom

A questão do gráfico 2 tem o objetivo investigar a ação desempenhada pelo estudante para se informar, seja lendo, ouvindo ou vendo. A maioria dos investigados optou pela ação de assistir ou ver, o que demonstra apressa dessa geração ao campo visual, da linguagem multissemiótica e multimodal, contudo, nos faz pensar: se eles estão tão acostumados às informações assimiladas visualmente, como se enganam facilmente com deep fakes ou vídeos falsos? Aqui, também faltou uma questão de pesquisa mais precisa da nossa parte: Em que dispositivos os alunos costumam se informar? Celulares, tablets, computadores, tevê, etc. Essa constatação seria relevante para compreendermos com quais aparelhos e seus aparatos tecnológicos esses alunos costumam utilizar para vislumbrarmos mais aspectos do letramento midiático nesse público e ampliar os dados de análise.

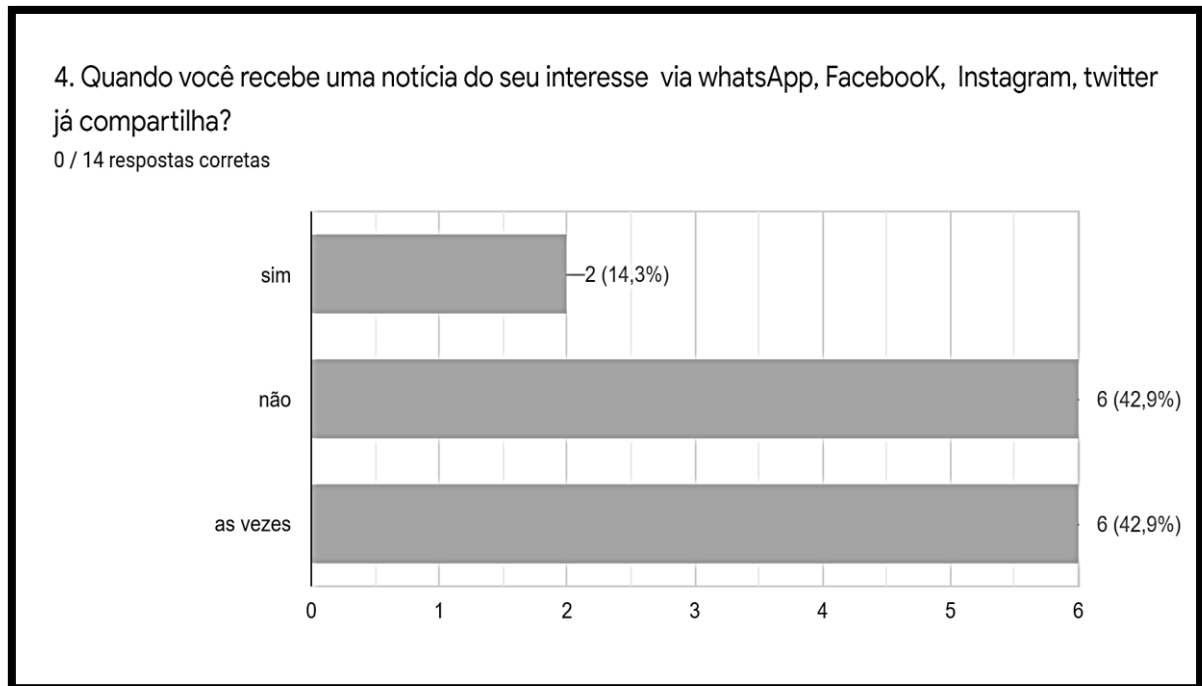
Gráfico 3 – Questionário diagnóstico – questão 03.

Fonte: Google Classroom

A pergunta do terceiro gráfico investiga os temas de interesse desse público pré-adolescente/adolescente, pois conforme Rojo (2012), um PD parte das culturas de referência do alunado, dos temas, dos gêneros e mídias por ele conhecido e de seu interesse, para chegar a um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático.

A questão do gráfico 3 abriu a possibilidade dos estudantes marcarem mais do que uma resposta e destacou a procura por informações sobre saúde e jogos eletrônicos. Acreditamos que o contexto da Covid-19 influenciou nesse resultado sobre saúde. A pauta em torno de jogos eletrônicos também é muito requisitada entre os adolescentes. Chama a atenção o empate técnico do tema “vida das celebridades, bizarrices e educação”. Entendemos que o assunto educação esteja em destaque entre o alunado pelo momento de aprendizagem em aulas remotas, os outros dois temas, celebridades e bizarrices remete as informações de cunho sensacionalistas que aguçam a curiosidade própria do ser humano.

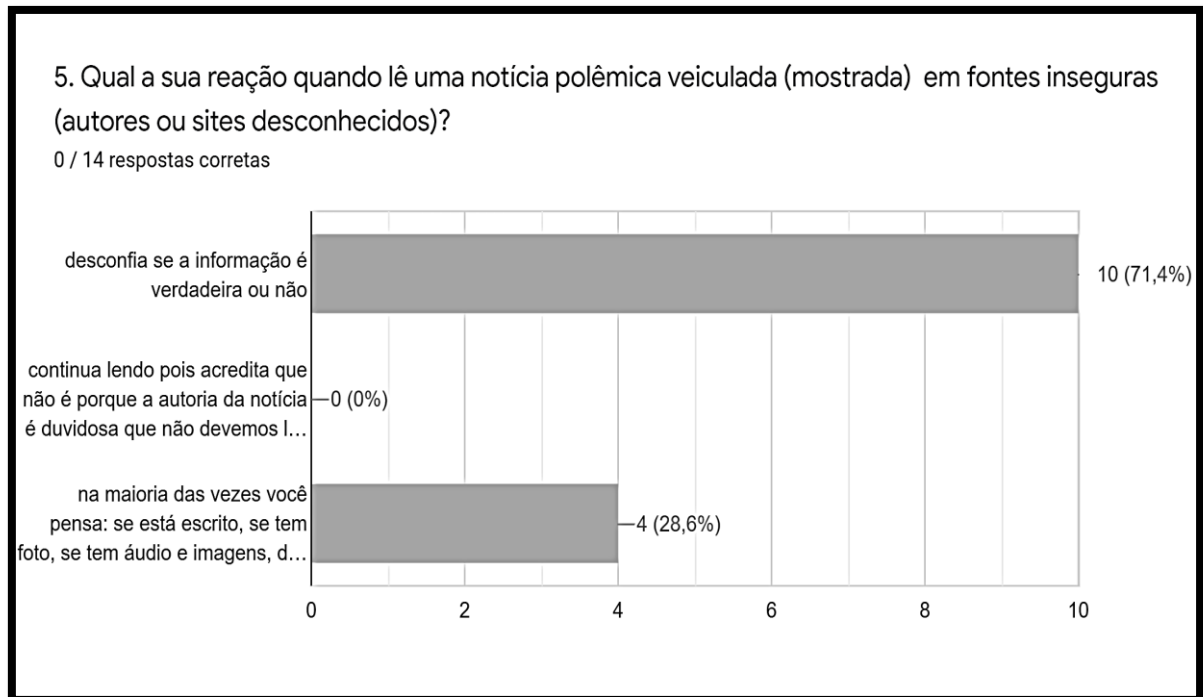
Com base nesse gráfico e o interesse pelo tema saúde em contexto pandêmico, decidimos selecionar falsas notícias que tratavam da Covid-19 para compor nosso PD, sobretudo de assuntos relacionados às vacinas, como uma proposição de contribuição linguística, científica e social em face das polêmicas que circundam nosso contexto 2020/2021 levantadas por fake news com esse tema.

Gráfico 4 – Questionário diagnóstico – questão 04.

Fonte: Google Classroom

A questão do gráfico 4 trata das especificidades de compartilhamentos de notícias instantâneas e tem o objetivo de verificar se os estudantes preocupam-se com a procedência do que compartilham.

Talvez a pergunta fosse mais clara ao que se quer investigar se a fizéssemos assim: Quando você recebe uma notícia do seu interesse via WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter, verifica a fonte da informação antes de compartilhar? Queremos obter dados nessa questão sobre o nível de letramento midiático em que esse aluno se encontra no que tange a capacidade de acessar, analisar, avaliar mensagens em várias formas sugeridas por Livingstone (2004). Contudo, mesmo sem obter um dado mais claro por falha nossa, compreendemos, a partir da evidência que temos, que as respostas para o SIM podem ser incorporadas pelos que disseram AS VEZES, pois quem compartilha AS VEZES está mais para o SIM do que o grupo do NÃO. Dessa interpretação, entendemos que muitos alunos estão como interlocutores passivos diante das várias informações com que se deparam nas redes sociais e carecem de parâmetros de leitura réplica (MENEGASSI, 2010) e letramento midiático, assim, um PD de leitura réplica de fake news se faz muito pertinente para o trabalho pedagógico com esses educandos.

Gráfico 5 – Questionário diagnóstico – questão 05.

Fonte: Google Classroom

A última pergunta, no gráfico 5, objetiva verificar se os alunos percebem a expressividade de uma notícia falsa. A opção, em maioria, pela primeira alternativa evidencia que esses adolescentes desconfiam da veracidade das notícias polêmicas e percebem os “sinais” linguísticos de uma fake news, há que se considerar apenas o aprofundamento de leitura pelo veio dialógico para expansão da leitura réplica sobre esse tipo de discurso.

A escolha pela terceira opção “na maioria das vezes você pensa: se está escrito, se tem foto, se tem áudio e imagens, deve ser verdadeiro” demonstra inocência e despreparo de alguns alunos para lidar com notícias virtuais ensejando a necessidade de propostas pedagógicas que visem à leitura réplica e o letramento midiático. A segunda opção do gráfico (continua lendo, pois acredita que não é porque a autoria da notícia é duvidosa que não devemos lhe dar algum crédito) não obteve pontuação.

Ao analisarmos esses gráficos tiramos algumas conclusões por amostragem que orientam o nosso PD. Fica evidente que esses alunos/essa geração se informam e interagem pela internet em textos multimodais que associam questões audiovisuais, ou seja, multissemióticas. Esse grupo de alunos e supostamente outros em mesma condição social, apresenta poucos critérios para escolher e compartilhar o

que recebem de notícia nas redes sociais. Pelo gráfico 5 percebemos que precisam de parâmetros para navegar nas informações da web sem serem enganados. Ficou evidente que a pauta do momento, para o grupo em questão, e outros por analogia, que temas voltados para a saúde são os mais procurados no momento, juntamente com jogos eletrônicos. Por isso, pelo contexto emergencial pandêmico, optamos por trabalhar fake news que abordem a Covid-19, sobretudo as vacinas, como forma de aliar os estudos da linguagem, a ciência e a conscientização social, em projeto interdisciplinar como supõe a natureza do PD, sobre um assunto tão relevante para os nossos dias.

Portanto, nosso protótipo didático de leitura dialógica, por circunstâncias do contexto histórico da pandemia da COVID-19 e crescente número de fake news, foi elaborado sobre falsas notícias acerca de vacinas contra o coronavírus como forma de promover a leitura e a consciência social no momento em que estamos vivendo de crise de saúde pública.

Das conclusões elencadas pelo diagnóstico inicial, associada aos estudos teóricos, partimos para próxima seção com procedimentos metodológicos para geração de dados e critérios de análise.

3.3. Procedimentos metodológicos e critérios de análise

Nesta seção apresentamos a conjuntura do nosso PD organizado em três módulos. Esta configuração está subsidiada nas questões norteadoras para exploração em aulas de leitura das dimensões social e verbo-visual do texto-enunciado apresentadas por Rodrigues (2001; 2005), Acosta-Pereira (2008; 2012) e Beloti et al. (2020), as quais “buscam uma prática de leitura mais consistente para o despertar da réplica ativa do aluno” (BELOTI et al., 2020, p.128). E, além dessa proposta, também nos ancoramos no estudo de Brandão e Gomes (2018). No quadro a seguir, apresentamos o plano geral de proposição do PD.

Quadro 5: Sequência dos Procedimentos Metodológicos.

Módulos	Objetivos	Atividades
Módulo 1 – Apresentação da Situação de Comunicação: fake news X notícia.	-Apresentar o Protótipo Didático para os alunos.	- Apresentação oral. - Visualização e leitura coletiva

<p>Leitura dialógica de dois textos: uma fake news e uma notícia que desmente a informação da fake news estudada anteriormente com temas relacionados à vacinação contra Covid-19.</p> <p>Tempo estimado: 2 aulas de 50 minutos cada.</p>	<p>-Reportar os conhecimentos prévios sobre o gênero.</p> <p>- Comparar fake news com o gênero notícia observando particularidades.</p> <p>-Reconhecer formas relativamente estáveis/comuns da fake news.</p>	<p>de fake news –texto 1- (sem anunciar que é falsa notícia) por questionamentos que contemplem a DS e DVV.</p> <p>- Visualização e leitura coletiva de notícia – texto 2- que desmente a fake news estudada anteriormente, através de questionamentos que contemplem a DS e DVV.</p> <p>- Exemplos de questionamentos orais que contemplem a DS e DVV do enunciado:</p> <p>DS: Quem é o autor ou seu papel social? Com quem ele dialoga? Qual é o contexto do assunto? Qual a apreciação do autor sobre o tema? O tema está relacionado com quais outros temas? Onde o autor divulga o texto? Qual é o propósito desse texto? Etc.</p> <p>DVV: Qual é o tema do texto? Por que esse tema está exposto nessa estrutura composicional? Observe a estrutura composicional e analise como ela colabora com a vontade de dizer do produtor. Analise o estilo, linguagem objetiva, subjetiva, multimodal, cores, entonações, valorações, recursos linguísticos e desvende as ideologias promovidas.</p> <p>- Elaboração coletiva de um quadro comparativo entre fake news e notícia.</p>
---	---	---

<p>Módulo 2 – Dimensão social e dimensão verbo-visual do gênero fake news.</p> <p>Leitura dialógica de quatro fake news de temas relacionados à vacinação contra Covid-19.</p> <p>Tempo estimado: 8 aulas de 50 minutos cada.</p>	<p>-“Compreender os enunciados concebidos em determinado campo social, refletindo a respeito dos objetivos e finalidades do contexto em relação ao tema e ao gênero”. (BELOTI et al., 2020, p. 129).</p> <p>-Discutir sobre as características verbo-visuais do gênero, relacionando-as ao conteúdo temático, estilo e estrutura composicional.</p> <p>-Refletir sobre como as imagens nos enunciados fakes complementam a informação e podem ser manipuladas (edição).</p> <p>- Ampliar a refração (VOLÓCHINOV, 2018) e subsidiar a produção de réplica crítica (ROJO, 2004).</p>	<p>- Apresentação de um texto a cada duas aulas de 50 minutos em projetor para discussão oral e coletiva orientada por questionamentos que contemplem a DS e DVV dos enunciados.</p> <p>Exemplos de questões norteadoras¹⁹ de dimensão social:</p> <ol style="list-style-type: none"> O enunciado foi produzido para circular em qual campo de atividades humana e quais são as características valorativas desse campo? Quais temas podem ser abordados no campo em questão? Onde e quando o enunciado circulou pela 1ª vez? Qual o papel social de quem produziu? Para quem pode ser produzido? (papel social). Qual papel cabe ao leitor e ao produtor nesse contexto de leitura situada? Como o produtor do enunciado orienta-se para o seu leitor? Para quê o leitor pode querer ler esse tipo de enunciado? O enunciado pode ser uma reação-resposta a que e a quem? Como essa reação é manifestada? Normalmente, qual a finalidade desse gênero no campo
---	--	---

19 Questões retiradas e adaptadas de Beloti et al. (2020).

		<p>em que circula?</p> <p>Exemplos de questões norteadoras²⁰ de dimensão verbo-visual:</p> <p>a. Qual a temática tratada no enunciado?</p> <p>b. Quais valores são materializados no dizer do autor do texto-enunciado?</p> <p>c. De que forma esse dizer estabelece relações com outros dizeres? (forma negativa, positiva ...).</p> <p>d. De que modo a estrutura composicional contribui para o desenvolvimento do tema?</p> <p>e. Como a forma do dizer pode contribuir para aproximar ou não o autor do leitor?</p> <p>f. Como a situação de interação constitui/determina as escolhas dos signos (ideológicos) do enunciado?</p> <p>g. Como as escolhas verbais e não-verbais do autor revelam os julgamentos de valor?</p>
<p>Módulo 3 – Contrapalavra do aluno.</p> <p>Leitura de uma fake news com tema sobre a vacinação contra Covid-19.</p> <p>Tempo estimado: quatro aulas com duração de 50 minutos cada.</p>	<p>- Identificar fake news;</p> <p>- Manifestar a leitura réplica em relação ao tema estudado em sala de aula em resposta redigida.</p>	<p>Apresentar uma fake news em um contexto casual e solicitar a produção escrita de uma contrapalavra com base na réplica crítica instrumentalizada nas aulas anteriores.</p> <p>Debater os critérios elegidos para desconstrução da fake news na contrapalavra.</p>

Fonte: A autora.

Com base nessas etapas, o Produto Educacional, no formato de Protótipo Didático (ROJO, 2012), foi produzido e analisado na próxima seção sob os objetivos, instrumentos e critérios de análise delimitados a seguir:

Quadro 6: Síntese da metodologia

PROBLEMA	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS	CRITÉRIOS DE ANÁLISE
Como desenvolver a leitura crítica em alunos do 7º ano do EFII a partir do trabalho dialógico com fake news?	Propor um Protótipo Didático de leitura dialógica.	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender como os aspectos sociais e ideológicos das dimensões social e verbo-visual dos enunciados podem ser contemplados no interior do PD proposto. -Caracterizar um protótipo didático de leitura dialógica, destinado a alunos dos 7º anos, visando o desenvolvimento da leitura crítica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Questionário diagnóstico aplicado antes da pesquisa. - Análise do Protótipo Didático. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conceitos norteadores da concepção dialógica de linguagem: Relação sociodiscursiva de dimensão social; Relação sociodiscursiva de dimensão verbovisual; Produção de sentidos a partir da avaliação da expressividade/valoração do enunciado. - Conceitos básicos de letramento midiático: Comparação de conteúdo lido em diferentes textos e links;

Fonte: A autora

Estabelecido nosso percurso metodológico apresentamos a seguir a seção 4 com a descrição analítica do nosso PD com respaldo teórico da leitura dialógica.

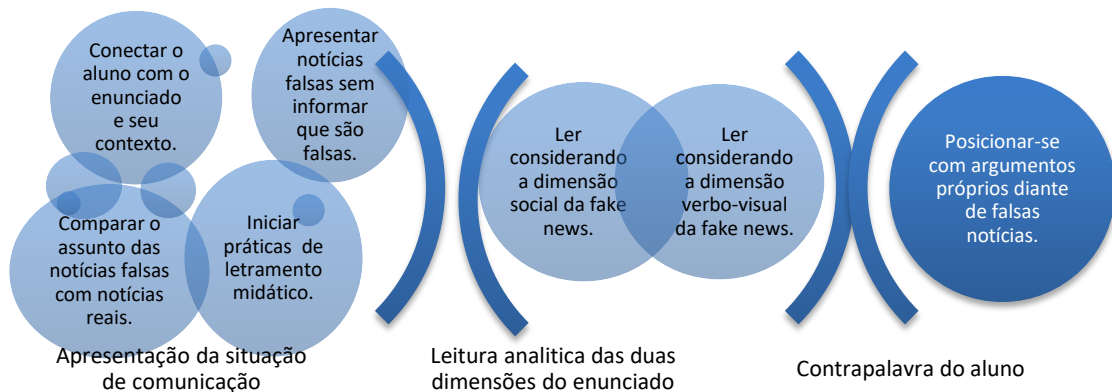
4 O PROTÓTIPO DIDÁTICO: FAKE NEWS E AS VACINAS

Após os resultados da análise diagnóstica, apresentamos e discutimos analiticamente nossa proposta teórico-metodológica de leitura com o gênero discursivo fake news, voltado ao 7º ano, em que propomos atividades de leitura com o objetivo de contribuir para a ampliação da leitura crítica do aluno leitor. Ressaltamos que nossa proposta está ancorada teórico-metodologicamente no Interacionismo e nos estudos dialógicos. Sua apresentação de forma didático-pedagógica é feita por meio de um Protótipo Didático (PD) que constitui o Produto Educacional, apresentado no Apêndice B.

Nosso PD é orientado pelos procedimentos sugeridos por Rojo (2012) em relação à sua configuração, sendo desenvolvido em 3 módulos. O módulo I é constituído da apresentação da situação de comunicação ao aluno e da contraposição dos gêneros notícia e (des)notícia; o módulo II se propõe a trabalhar com a leitura dos aspectos dialógicos das dimensões social e verbo-visual dos enunciados e o módulo III com a proposição da contrapalavra do aluno.

Salientamos que, no geral, nosso estudo caracteriza-se como um encaminhamento didático-pedagógico de leitura no viés dialógico para abordagem do gênero notícias falsas, portanto, é previsto ajustes e modificações pelo docente que empreender utilizá-lo, bem como, pode haver possibilidades de alterações das fake news aqui dispostas, tendo em vista que o caráter de novidade nos assuntos das fakes é que promovem sua sedução. Na sequência, apresentamos uma imagem que sintetiza o percurso metodológico do PD elaborado e alguns de seus procedimentos, e, a seguir, descrevemos o PD.

Figura 3: O percurso metodológico do protótipo didático.



Fonte: autora.

4.1. Módulo 1 - apresentação da situação de comunicação: fake news x notícia

O módulo I está previsto para ser aplicado em duas aulas de 50 minutos, tem o objetivo de ativar os conhecimentos prévios do aluno sobre fake news (ROJO, 2004), apresentar-lhe a sequência e propósitos do nosso PD, bem como comparar fake news com o gênero notícia, observando suas singularidades.

As etapas do módulo I priorizam a discussão oral mediada pelo professor, num primeiro momento, com a leitura da fake news “Vacinação encenada em Quixadá CE”²¹ sem mencionar que é falsa, tendo em vista que fake news não se apresentam como tal, mas devem ser identificadas. Na sequência, partimos, na segunda aula, para a leitura da notícia “Prefeitura de Quixadá diz que vídeo de seringa vazia utilizada em vacinação contra Covid foi editado”²² que comenta a fake da primeira aula. Após a leitura e discussão dos dois enunciados propomos comparar a discursividade de ambos para expor a informação e elaborar coletivamente um quadro com as principais características observadas na fake news em contraposição à notícia e registro no caderno do aluno com a síntese do conteúdo estudado no dia.

21 Disponível em: <https://twitter.com/GAZETAdoBRASIL1/status/1352667362219192320> . Acesso em: 16/02/2021 (Sem acesso nos meses seguintes).

22 Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/prefeitura-de-quixada-diz-que-video-com-seringa-vazia-usada-em-vacinacao-contr-a-covid-foi-editado-1.3035893> Acesso: 16/02/2021

A etapa inicial da aula começa com perguntas orais que levantem o perfil social do leitor concreto daquele momento, ou seja, o estudante do 7º ano (adolescente entre 11 a 13 anos de idade): **Quais os meios de comunicação que vocês utilizam para ficarem informados? Quais assuntos chamam sua atenção para leitura? Você acredita em tudo que lê/assiste/ouve na web?** Essas e outras perguntas, a depender do contexto social da turma a ser aplicado o PD, visam levantar o perfil de leitor que receberá o texto “Vacinação encenada em Quixadá CE” para prescrever a condução mediadora do professor na aula e do próprio estudante se considerar como destinatário real e potencial do enunciado tendo em vista que o discurso é um ato bilateral conforme Volóchinov (2018).

Na sequência, apresentamos o texto “Vacinação encenada em Quixadá CE” em um projetor para facilitar a visualização dos detalhes midiáticos de suporte da falsa-notícia, por isso optamos pela apresentação do texto a seguir e dos demais com os detalhes de sua plataforma real de composição, ou seja, com os aspectos da barra de ferramentas quando acessado via computador, com recursos das redes sociais e aplicativo mensageiro em que se propagam, com os comentários do compartilhador etc., pois entendemos conforme Beloti et al (2020, p.130) “que durante a seleção de textos, na medida do possível, deixá-lo na sua configuração original de produção, circulação e recepção”, pois, isso faz parte do contexto e composição do enunciado e devem ser considerados na leitura dialógica e educação midiática.

Dessa forma, solicitamos a leitura silenciosa com atenção à totalidade do texto: verbal e extraverbal, suporte, autor, suposto leitor para uma leitura coletiva e participativa. Para melhor organização do encaminhamento didático, propomos fazer o bloco de perguntas do texto 1 em duas etapas: primeira etapa - Leitura do enunciado sem a visualização do vídeo e segunda etapa - Leitura do enunciado com a visualização do vídeo, porque com a visualização do vídeo o enunciado torna-se mais persuasivo e difícil de ser questionado sem análise do contexto proposto na etapa anterior.

Figura 4: Texto 1- Fake news “Vacinação encenada em Quixadá CE.”



Fonte: twitter e WhatsApp.²³

Iniciamos as discussões com os alunos com perguntas da primeira etapa- Leitura do enunciado sem a visualização do vídeo, como: **O que vocês sabem sobre o assunto discutido no texto? Vocês já receberam mensagens parecidas com essa? Qual é o contexto sócio-histórico do texto?**

Escolhemos essas perguntas ou similares que evoquem a fala do aluno sobre o contexto e tema do texto para ativação de conhecimentos prévios e propiciar a interlocução advinda da interação corroborada por alguns estudiosos do processo da leitura, como Rojo (2004), Menegassi (2010) e Geraldi (2011).

A seguir, conduzimos os questionamentos por aspectos do contexto de produção e conteúdo temático devido à constatação, em nossa prática docente, que o aluno ao ler um texto na escola, selecionado previamente pelo professor, induz o estudante a focar no velho treino pergunta de resposta literal (ROJO, 2004), com foco no verbal, para atender ao seu suposto interlocutor, percebido por ele, naquele momento, como o professor e não o locutor do enunciado. Assim, por experiência em sala de aula, percebemos que, na maioria das vezes, o foco inicial do aluno é no

²³ Disponível em: <https://twitter.com/GAZETAdoBRASIL1/status/1352667362219192320> Acesso em: 16/02/2021 (Sem acesso nos meses seguintes).
Vídeo disponível em : https://www.focus.jor.br/wp-content/uploads/2021/01/WhatsApp-Video-2021-01-20-at-14.48.16-1.mp4?_=1 - Acesso em :26/06/2021.

verbal porque fora assim treinado nas aulas de leitura tradicional e unilateral. Sendo assim, evocamos perguntas que suscitem respostas do contexto de produção e conteúdo temático para atender a necessidade imediata de responder a compreensão textual e inferencial do enunciado para expandir ao nível de interpretação (MENE-GASSI, 2010).

O segundo ponto que orientam as escolhas por essas perguntas iniciais é a composição do gênero fake news que, conforme Menger (2019), prima por temas polêmicos e apelativos que facilmente aguçam a curiosidade do leitor. Por isso, escolhemos essas questões, num primeiro momento, que atendam a expectativa inicial do leitor de compreensão textual voltadas ao contexto do enunciado (DS) e conteúdo temático (DVV) adicionando crescente dificuldade no modo de conduzir o leitor a uma progressiva reflexão com o qual está interagindo, conforme Angelo e Menegassi (2014), esperando suscitar através das perguntas o diálogo com o texto e réplicas críticas autônomas.

Ainda sobre as perguntas, vale destacar que em respostas a **“O que vocês sabem sobre o assunto discutido no texto?”**, podemos ter alunos defendendo a fake news por compartilhar do universo de pós-verdade dela. A leitura dialógica produzida por vivência social e interação não é, por essência, autoritária, e pontos de vistas diferentes devem ser ouvidos, no entanto, não significa aceitar qualquer resposta do aluno em relação à compreensão do texto, mas levá-lo a pensar na totalidade composicional do enunciado, seus elementos verbais e não-verbais. Por isso, sugerimos que, mesmo em defesas de pontos de vistas enganosos embasados por pós-verdade, sejam ouvidos, devem ser desconstruídos quando se direciona a leitura à globalidade do enunciado por fatores concretos da finalidade do discurso.

Após a discussão inicial que aborda o tema, o contexto de publicação e o potencial interlocutor, direcionamos perguntas que provoquem reflexões da dimensão social, em particular, das condições de circulação e recepção do texto (RODRIGUES 2001,2005 e ACOSTA-PEREIRA 2008, 2012) como: **Onde o texto foi divulgado? O que você sabe sobre essa rede social? Como funciona? Pra que serve? Quem pode utilizar? Quais os tipos de informações que circulam nessa plataforma? Você confia nas informações via twitter e WhatsApp? Por quê?**

Essas perguntas de dimensão social visam despertar o aluno-leitor a perceber que um enunciado não diz apenas o que está escrito no modo verbal, mas também pela escolha de suporte para sua propagação, pois evidencia, conforme Volóchinov

(2018), finalidade e auditório social que se quer atingir. Tal compreensão, associada às respostas de meio de circulação, contribuem para que o aluno-leitor perceba a força líquida da fake news, ou seja, propósito de se disseminar rápido, alcançar o maior número de leitores e replicadores possível, pelo impacto da informação, mais do que pela seguridade do que se informa.

As questões **“Quem produziu essa informação? O que é possível saber, inferir (pensar) sobre ele? Qual é o possível perfil (papel social) do locutor? Qual o objetivo do locutor com essa mensagem?”** visam reflexões sobre as condições de produção nas posições autorais, conforme Rodrigues (2001), Beloti et al., (2020), com propósito de levar o leitor a observar o perfil do locutor como quem fala conosco e como fala conosco para entendermos contextos e prováveis intenções do discurso. Pois, assim como em um diálogo concreto fazemos essas observações, leituras do nosso interlocutor, da mesma forma, no enunciado concreto o perfil do nosso locutor/interlocutor pressuposto também deve ser considerado para atingir uma interpretação crítica do texto.

Na leitura dialógica há que se pensar sobre o papel social do interlocutor presumido (BELOTI et al., 2020), pois a palavra sígnica é um ato bilateral (VOLÓCHINOV, 2018), empregada em função do interlocutor idealizado. Por isso a reflexão **“Para quem é destinada essa informação? Descreva as possíveis características do interlocutor dessa mensagem. Ele pode ser considerado próximo do locutor ou distante do locutor? De que forma o interlocutor contribui com a mensagem desse texto? Para responder, pense no meio de veiculação da mensagem (meio virtual) e o tipo de linguagem (formal, informal etc.). Explique com base em sua percepção de vivência social.”** objetiva direcionar o aluno-leitor a reconhecer que todo enunciado é feito para alguém, concreto ou idealizado, alguém com quem se deseja ter um diálogo para cumprir a finalidade discursiva e, reconhecer algumas características do interlocutor pressuposto. Portanto, essa reflexão auxilia na compreensão do texto através dos elos discursivos entre os falantes.

A pergunta **“Para que serve esse texto? Qual é o possível gênero desse texto?”** pretende levantar reflexões sobre a finalidade do enunciado em detrimento de cada campo da comunicação. Pensar sobre a função do enunciado (dimensão social) corrobora com a análise crítica na compreensão do conteúdo temático, estilo e estrutura composicional, pois enseja pensar sobre o que foi dito, como foi dito e

para quem foi dito, assim se faz uma das partes da leitura dialógica e se cumpre com um requisito de proficiência de leitura crítica.

Na segunda etapa, “Leitura do enunciado com a visualização do vídeo”, provocamos o aluno fazendo-o refletir sobre suas apreciações ideológicas (dimensão social) e o conteúdo do enunciado (dimensão verbal) de forma a aproximar o leitor do conteúdo do texto e refletir sobre a suposta carga persuasiva comum na fake news. Perguntas como: **Você gostou do texto? Quem iria gostar desse texto? Explique. O que o texto “falou” para você? Você confia na informação do texto?** Objetivam levar o aluno-leitor a pensar no impacto persuasivo da falsa notícia sobre o interlocutor através da veiculação de informações polêmicas e permitem verificar, conforme Bakhtin (2003 [1979]), que a relativa estabilidade do gênero se organiza no conteúdo semântico objetual, ou seja, o tema. No caso do gênero em estudo, temas polêmicos de curiosidade social, em harmonia com a expressividade no estilo persuasivo seduzem o interlocutor no emaranhado da linguagem multimodal para dar conta da ausência de informação concreta e sobrepor como verdades os discursos de pós-verdade. Contudo, composições linguísticas como esta, devem ser recebidas com desconfiança e verificação pelo leitor.

Na sequência, solicitamos ao leitor para que **“Identifique o ponto de vista do locutor sobre o assunto através das palavras que ele emprega no texto e explique como conseguiu fazer essa percepção.”**. Essa questão dialoga entre a dimensão social – quando presume o locutor- e a dimensão verbo-visual – quando investiga o estilo no enunciado- conforme Beloti et al (2020). Para Volóchinov/Bakhtin (1926) a entoação expressiva, organizada pelo julgamento de valor dispostos no estilo linguístico do texto, evidencia a conexão do enunciado com o contexto e permite a possível compreensão do sentido do discurso. Com essa questão queremos instigar o leitor a se pôr no lugar do locutor e presumir o que ele estava tentando inferir quando escolhe algumas palavras em detrimento de outras, e quais valores expressivos tais palavras carregam, a fim de produzir a refração com réplica ativa no estudante.

Para finalizar a etapa de leitura do texto 1 – conscientes de que poderíamos fazer inúmeras outras questões, das quais as que salientamos já cumprem o nosso objetivo de aula, apresentar a fake news e algumas de suas nuances- propomos verificar a informação através de pesquisa na internet na sala de aula ou na sala de informática. Para isso, é necessário que os alunos disponham de aparelhos celula-

res ou computadores conectados na web e façam buscas como: **“Pesquise no próprio twitter (caso tenha uma conta) ou em seu navegador informações sobre: #vacina, #Quixadá, #secretaria de saúde etc. Vamos discutir as informações pesquisadas sob o seu ponto de vista. Concorda ou discorda das informações veiculadas e por quê?”** Nesse momento, abre-se espaço para o que chamamos de letramento midiático, que é a capacidade de pesquisar e selecionar o que realmente importa para a aula, chamado por Coscarelli (2017) como as competências que se entrelaçam: a navegação e a leitura pela capacidade de selecionar múltiplas fontes. Para isso vale a explicação do uso da hashtag como instrumento de refinamento e busca no navegador e também uma reflexão sobre finalidade e propósitos de cada rede social como twitter, whatsapp, facebook etc.

Após a pesquisa direcionada anteriormente, presumimos que os alunos encontrarão mais fakes news sobre o assunto e também notícias que desmentem a fake em análise. Em seguida, escolhemos uma das notícias que comentam a fake da vacinação em Quixadá (CE) e propomos a leitura coletiva no projetor com propósito de observar a estrutura e estilo da fake news em contraposição à notícia e damos início à terceira etapa deste módulo: acessar e comparar notícias oficiais que informem o ocorrido em Quixadá- Ceará, com a vacinação da secretária de saúde do município.

Figura 5: Texto 2- Notícia “Prefeitura de Quixadá diz que vídeo com seringa vazia usada em vacinação contra Covid foi editado”.

Prefeitura de Quixadá diz que vídeo com seringa vazia usada em vacinação contra Covid foi editado

Escrito por **Redação**, 15:05 / 20 de Janeiro de 2021. Atualizado às 17:40 / 20 de Janeiro de 2021

Um vídeo tem sido compartilhado nas redes sociais. Em nota, a prefeitura afirma ainda que serão tomadas medidas judiciais



A Prefeitura de Quixadá afirmou, em nota, que não é verdade que as **seringas** utilizadas para a imunização contra a **Covid-19** estariam vazias durante a campanha de vacinação no município. Segundo a gestão, o vídeo, que circula nas redes sociais mostrando uma profissional de saúde recebendo uma injeção supostamente sem a dose do imunizante, **foi alterado**.



As imagens têm sido compartilhadas por influenciadores digitais locais. O executivo informou que a Procuradoria Geral de Quixadá já apresentou uma denúncia à Delegacia Regional de Polícia Civil (DRPC) de Quixadá e ao Ministério Público do Estado, além de comunicar ao portal AntiFake, mantido pelo Governo do Ceará.

Em nota, a prefeitura afirma ainda que serão tomadas **medidas judiciais** contra as pessoas que estão divulgando o conteúdo falso. No texto, o município disse que “lamenta a postura dos responsáveis envolvidos na produção dessa fake News e repudia todo e qualquer ato que prejudique a conscientização da população no que se refere à política de imunização executada para combater a pandemia em Quixadá e salvar vidas”.

“São graves mentiras que podem prejudicar substancialmente o rendimento do trabalho realizado pela Secretaria Municipal de Saúde contra a Covid-19”, complementou.

Por telefone, a Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) informou que “a Polícia Civil recebeu a denúncia e está apurando”. Já o Ministério Público do Estado do Ceará (MPCE) afirmou, por meio de nota, que não recebeu nenhuma denúncia “sobre a suposta vacinação feita com uma seringa vazia”.

Através da 3ª Promotoria de Justiça de Quixadá, o órgão esclarece ainda que “requisitou à Prefeitura de Quixadá informações acerca de quem já foi efetivamente vacinado no Município e em qual enquadramento da lista de prioridades, divulgada pelo Ministério da Saúde, as pessoas vacinadas estão”.



Quero receber conteúdos exclusivos sobre as regiões do Ceará

Fonte: Web. ²⁴

²⁴ Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/prefeitura-de-quixada-diz-que-video-com-seringa-vazia-usada-em-vacinacao-contracovid-foi-editado-1.3035893> - Acesso: 26/07/2021

Depois da leitura do texto 2, visualização do vídeo disponível e tempo para supostos comentários espontâneos dos alunos sobre o fato, direcionamos a aula por questões que suscitem comparações com a fake news do texto 1, a começar pelo conteúdo temático comum de valor notícia (FANTE et al, 2018) como: **Qual é o assunto tratado nessa notícia? Em que essa notícia se relaciona com a fake news e em que elas são diferentes? Como é a linguagem da informação do texto 2 em contraposição ao texto 1? Formal, informal, opinativa, descritiva etc. Explique.** Com essas perguntas queremos que os alunos percebam que o assunto dos enunciados em estudo (fake e a notícia) é o mesmo, mas a abordagem estilístico-composicional, não. Conforme Menger (2019), a informatividade presente na fake advém de gêneros primários, de boatos do dia a dia que convencem pela persuasão da linguagem híbrida (multimodal), enquanto que a informação tratada na notícia procura respaldo em dados verificáveis e na organização linear tradicional do gênero jornalístico. Almejamos que o aluno do 7º ano perceba que o trato estilístico-composicional com a informação se difere na fake news da notícia pela informalidade linguística e teor opinativo com que trata os fatos.

As últimas questões **“Qual é o meio de divulgação dessa informação, redes sociais ou site autorizado? Responda de acordo com o lead: Quem? Como? Onde? Quando? Por quê? Qual das informações você dá mais crédito, a do texto 1 ou do texto 2? Por quê?”** objetivam fazer o aluno pensar na estrutura linear do texto 2 (MENGER, 2019) e dispor credibilidade para veículos profissionais de informação em detrimento de outros que se amparam nas falsas notícias, consolidando letramento midiático pela capacidade de discernir e problematizar informações em diversas mídias, conforme Fantin (2008).

Em seguida, propomos a elaboração coletiva de um quadro comparativo entre fake news e notícia para síntese do conteúdo e registro no caderno dos alunos.

Quadro 7: Comparação entre fake news X notícia.

Elementos observados	Notícia	Fake news
Campo de circulação/divulgação	Produzida para circular no meio jornalístico e midiático; Divulgada em sites ou meios de suporte profissionais da	Produzida para circular nas redes sociais e web; Divulgada por cidadãos comuns que questionam

	imprensa.	a imprensa oficial.
Tipo de linguagem	Linguagem objetiva e impessoal; Relata o fato com detalhes e indica as fontes da informação.	Linguagem subjetiva, apelativa; Relata o fato de forma bem generalizada, sem indicação das fontes da informação; apenas traz a informação com opinião.
Estrutura	Estrutura-se em manchete, subtítulo, lide (lead), corpo da notícia.	Estrutura não linear, da informação bombástica à narração apelativa e multimodal.
Finalidade	Informar.	Denunciar e afirmar uma verdade em que se acredita; opinar.
Identificação do autor	Traz a identificação do autor.	Não indica a autoria,

Fonte: A Autora.

4.2. Módulo 2 – dimensão social e verbo-visual da fake

O objetivo desta seção é produzir a leitura réplica pelo viés dialógico, perpassando a dimensão social e verbo-visual dos enunciados configurados como fake news e promover o reconhecimento desse gênero como forma de auxiliar no desenvolvimento da educação midiática.

Salientamos que em uma postura de leitura dialógica, os elementos constituintes da dimensão social (DS) são indissociáveis dos elementos da dimensão verbo-visual (DVV), no entanto, para fins didáticos de análise de nossa pesquisa e com intuito de evidenciar essas dimensões para o docente que utilizar o material, conduzimos tanto a análise como o PD de nossa proposta pelo enfoque primeiro pela DS e, posteriormente pela DVV, porém, na prática em sala de aula, essas dimensões devem ser simultaneamente consideradas e entrelaçadas, pois a leitura em perspectiva dialógica observa todas as possibilidades do contexto para construção de senti-

dos. Entendemos que o estudante deve desenvolver a associação entre o que está no verbal como decorrente do extraverbal, pois ler dialogicamente é produzir refração com réplica ativa reconhecendo a composição do texto organizado em função do julgamento de valor do autor-criador e seu interlocutor inseridos num contexto e orientados por uma finalidade disposta em um campo e em um meio de circulação.

Construímos o PD amparado na leitura de quatro fake news com o mesmo tema, vacinas contra Covid-19, dispostas em oito aulas, assegurando no mínimo duas aulas por análise de cada falsa notícia. Nossa proposta visa começar cada bloco de aula com a projeção da fake news em Datashow e condução da leitura via perguntas e respostas orais, estimulando o debate e a participação dos alunos nas análises coletivas²⁵ dos textos, bem como o compartilhar de diferentes interpretações sobre os enunciados, tendo em vista a colaboração de diversos leitores com vivências e experiências únicas que enriqueçam a cognição. Cabe ao educador o papel preponderante da ação, a mediação da leitura, o fazer ajustes nas questões para compreensão dos estudantes, instigar o olhar investigativo dos alunos para as minúcias das entrelinhas fornecidas pelas escolhas axiológicas e contexto de produção, mesmo porque, o aluno merece compreender como se dá a construção discursiva (MENEGASSI et al. 2020). Deixamos à escolha do professor selecionar algumas questões para serem realizadas por escrito como registro memorial do conteúdo ou não. Geralmente, em nossa prática, solicitamos aos estudantes que registrem apenas a atividade síntese do assunto esboçada na atividade “Vamos levantar as características desse enunciado juntos” como arremate da aula.

Observamos que a ordem das questões estipuladas em nossa pesquisa pode ser adaptada e reutilizada em outras fake news mais atuais, mesmo porque, nossa proposta em formato PD (ROJO, 2012) prevê essa adequação contextual e progressiva, visto que em respostas e discussão de leituras coletivas, às vezes, se pula etapas ou se avança etapas instantaneamente, atualizam-se os enunciados, contudo, cabe ao docente conduzir a mediação pelas reflexões sobre todos os níveis possíveis de análise dos aspectos social e verbo-visual que compõe o texto naquele momento, pois a leitura dialógica é esse entrelaçado entre o que está escrito e o que

25 Consideramos por análise coletiva a participação oral dos alunos nas respostas ao encaminhamento didático das questões dos textos, com mediação do professor instigando e ampliando as justificativas para cada pergunta.

está presumido da avaliação/valoração comum (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 1926) dada à dinâmica da interação do discurso como unidade viva da língua.

Dessa forma, iniciamos a proposta de leitura com a visualização das fake news – uma a cada duas aulas de 50 minutos- com leitura e observação do texto silenciosamente e posterior mediação do professor com perguntas orais e respostas orais dos estudantes a começar pelo texto 1, selecionado por sua clara composição de informação duvidosa, impacto na situação de calamidade de saúde pública que envolve os anos (2020 e 2021) da presente pesquisa e circulação recorrente entre o público-leitor do nosso colegiado (alunos do ensino fundamental de periferia do Norte do Paraná).

Figura 6: Texto 1.



Fonte: Web.²⁶

Sugerimos iniciar a mediação da leitura com perguntas introdutórias como:
“1-Gostaram do texto? Por que gostaram ou por que não gostaram? Costu-

²⁶ Disponível em: <https://canaltech.com.br/saude/fake-news-vacina-covid-19169052/> Acesso: 15/02/2021. Disponível também em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/factcheck/2020/08/10/interna_internacional,1175037/checamos-nanochip-nao-passa-agulha-de-seringa-e-5g-nao-carrega-virus.shtml Acesso: 16/02/2021

mam receber textos assim? Compartilham textos assim? Vocês se interessam por textos desse tipo ou com esse conteúdo?” Essas questões visam aproximar o estudante do texto e colocá-lo como seu provável leitor, pois, em tempo de pandemia, enunciados como esse foram compartilhados com frequência nas redes sociais por leitores que apreciavam as mesmas ideologias. Nossos questionamentos objetivam gerar discussão entre os estudantes em torno da valoração do tema e identificar, entre os alunos, os discursos de pós-verdade associados ao texto para ampliar a leitura crítica. Queremos que o aluno reconheça, ao longo do estudo, que a fake news, como gênero do campo cotidiano midiático, arrebatou a nossa atenção em dizeres e apreciações do senso comum, mas não é menos complexa e persuasiva que os gêneros do cânone tradicional trabalhado nas escolas como notícia, reportagem, artigo etc., pelo contrário; com essa natureza de discurso do dia a dia advindo do seu cronotopo (JURACH et al, 2020) boato, fofoca, disse-me-disse, travesse-se de enunciado simples, despretensioso, mas causa um grande impacto nas relações discursivas dado o seu poder de convencimento e disseminação.

As questões de 2 a 5, **“2 - O que você sabe sobre o assunto discutido no texto? Caso não saiba sobre o fato, é hora de parar e pesquisar. Se já conhece o assunto, exponha sua opinião sobre ele. 3- Qual é o contexto social/noticioso que desencadeou a produção desse texto? 4- Vamos fazer uma busca rápida no navegador disponível e responder: a) O que é um nano-chip? b) Qual é a vacina da China? Para que serve? Quem está usando? c) Quem é Bill Gates? Qual fato relaciona Bill Gates às vacinas? d) O que é o sistema 5G? Como funciona? O que isso interfere na sociedade? 5- Como as informações da pesquisa realizada na questão 3 contribuem para compreender a mensagem do texto?”**, requisitam conhecimento da DS sobre o contexto social que motivou o conteúdo temático. Observa-se aqui que não perguntamos qual é o tema do texto, aspecto da DVV, mas o que o leitor sabe sobre o assunto que contorna extraverbalmente esse tema, portanto, são perguntas cujas respostas extrapolam o texto e preparam o leitor para identificar o recorte temático na etapa da DVV. Essas questões também promovem a compreensão, pois, conforme Volóchinov (2018), compreender é orientar-se em relação ao enunciado encontrando um lugar devido no seu contexto correspondente. Assim, o estudante é instigado a pensar para além do que está escrito e possivelmente prever finalidade e consequências de temas polêmicos nas fake news, progredindo para a leitura réplica ou crítica.

Na terceira questão, há a proposta de pesquisa na internet sobre os assuntos elencados no texto. O propósito da questão é colocar o estudante a par de tudo que já foi dito anteriormente ao texto (BAKHTIN, 2003 [1979]), e perceber que um texto é uma resposta a outro texto e que os enunciados dialogam constantemente na concretude do já-ditos e pré-figurados, “tecendo” sentidos (ACOSTA-PEREIRA E RODRIGUES, 2010). A questão visa também desenvolver o letramento midiático pela busca orientada pelo professor em sites confiáveis e promover a seleção da informação casada com aquilo que traz o texto 1.

Na leitura dialógica é imprescindível que se pense sobre meio, espaço e tempo de circulação do gênero (RODRIGUES, 2001; 2005 e ACOSTA-PEREIRA, 2008; 2012) associado à finalidade do enunciado, por isso perguntamos na questão 6 **“O texto foi elaborado para circular em qual meio de divulgação? Como esse texto chega até as pessoas? Essa plataforma de divulgação é confiável? Por quê? Se colocarmos esse texto em um suporte impresso como o folheto, ele terá o mesmo impacto social? Justifique.”** Queremos que os estudantes reflitam sobre o meio de divulgação do texto como parte do projeto discursivo. No texto em questão, a circulação na internet e em redes sociais colaboram para divulgação de informação cotidiana, de circulação rápida e tendenciosa para as inverdades que se fabricam nas falsas notícias. É indubitável que esse gênero tem o poder persuasivo que tem devido a sua projeção na web, logo, o meio de circulação faz parte do projeto de dizer e é aspecto da leitura dialógica.

A questão 7 **“Pense e responda: Por que o locutor escreveu esse texto sem título, de mensagem curta associada à imagem? Qual seria o propósito dele com esse texto?”** almeja desencadear uma reflexão no aluno sobre o perfil do possível produtor desse texto e pressupor por observação simultânea do estilo e estrutura composicional de âmbito da DVV os interesses do autor em propagar uma mensagem polêmica rápida, provocar um reboiço de compartilhamentos e se eximir dos detalhes dada a fraude da informação. Outra observação possível sobre o locutor é que, devido à superficialidade com que expõe a informação, desconhece o assunto do qual critica, evidenciando marcas de construção de discurso falacioso.

As perguntas 8, 9, 10 e 11 **“8- Para quem é esse texto? Quem poderia gostar desse texto? Descreva o provável perfil de leitor desse texto. 9- Como o autor espera que o interlocutor/leitor se posicione a respeito do conteúdo do texto? 10- Pensar sobre o papel do locutor, papel do interlocutor, campo e**

meio de circulação dessa mensagem te ajuda a compreender melhor esse texto? Como? 11 - Você conhece alguém que acredita nessa mensagem? Por que as pessoas acreditam nessas informações?”, remetem ao papel social do leitor/interlocutor (BELOTI et al. 2020) e permite desenvolver reflexões do horizonte espacial comum na avaliação comum compartilhada pelos interlocutores. Pensar o papel social do leitor, conforme Volóchinov (2018), é compreender que a significação de uma palavra está localizada entre dois falantes em determinado espaço e tempo, ou seja, o contexto da interação, pois um enunciado é sempre bilateral, pois é determinado tanto pelo autor quanto pelo interlocutor. Perceber essa relação bilateral no enunciado, previsto em leitura dialógica, corrobora para refletir que existem fake news porque existe quem concorde com o discurso delas como base de opinião e argumentação, mesmo que infundadas. Aqui é possível que o estudante se posicione como leitor desse enunciado e também preveja outros possíveis leitores para o texto e perceba como essa projeção de interlocutor presumido contribui com o projeto discursivo da falsa notícia, pois seu poder de alcance muito advém da chamada coautoria (ROJO; MELO, 2017) que se dá no processo de compartilhamentos e empoderamento no ambiente de pós-verdade que ratifica seus argumentos.

As últimas perguntas da DS do texto 1 são: **“12- Você considera as informações e opiniões do texto suficientes para você concordar com o locutor? Explique: 13- O que é possível ganhar ou perder compartilhando um texto desses?”**, pretende abrir espaço para o aluno elaborar oralmente uma contrapalavra em relação ao que se discute de acordo com sua postura de leitor real naquele momento. Espera-se que o estudante construa suas respostas evidenciando desconfiança e despreço à fake news, ou que exponha outra opinião com argumentos sustentáveis em defesa do que se afirma na fake.

Iniciamos a etapa de perguntas da DVV do texto 1 com a questão: **“1- Você sabe o que representa aqueles ícones na barra superior do texto? Onde podemos encontrar esses ícones? Qual ícone está selecionado e o que isso implica sobre o texto? Explique:”**, a pergunta visa fazer com que aluno demonstre seus conhecimentos dos recursos de linguagem midiática pelo reconhecimento das ferramentas de serviço disponibilizadas no Facebook e faça associação entre o destaque do texto na “página inicial” e a intenção do promotor da mensagem em disseminá-la rápida e amplamente em rede social, como é próprio da informação falaciosa.

Os questionamentos 2 e 3 **“2- A ausência de título impede a sua compreensão sobre o assunto tratado no texto? Levante hipóteses do por que não haver título nesse texto. 3- É possível compreender o texto sem as imagens? Como a imagem complementa o texto? Explique.”** É similar ao que foi perguntado na questão 6 em DS, contudo, lá, pensava-se nas intenções do autor, aqui, visa pensar estilo e estrutura composicional característica da fake news, que trata a informação não pelos detalhes e ordem linear do fato (MENGER, 2019), mas o entimema (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 1926) na linguagem híbrida/multimodal, cujos apelos ilustrativos constroem a informação pautada em pressupostos tão rápidos que dispensam título desnecessários para público-leitor acostumado a ler verbalmente o mínimo possível.

As indagações previstas em 4, 5 e 6, **“4- Você é o interlocutor do texto agora. O texto conversa com você. Localize o trecho em que o locutor se dirige a você e explique o que ele fala pra ti? Qual sentimento pode aparecer em você depois dessa fala do locutor? 5- O uso dos pronomes em segunda pessoa para falar com o interlocutor, como “você”, “seu”, desencadeiam quais sentimentos no leitor do texto? Como essa linguagem pode influenciar o interlocutor? 6- A linguagem do texto é formal ou informal? Como isso influencia você e outros tipos de leitores? Explique:”**, pressupõem desencadear uma reflexão no aluno-leitor pautada nas pistas linguísticas oferecidas pela presença dos pronomes de tratamento “você” e pronome possessivo “seu” que ratificam o discurso pessoal e direto com uma segunda pessoa próxima e íntima do locutor como estratégia de persuasão.

Esse bloco de questões pretende que o aluno perceba por meio dos pronomes utilizados no texto, o discurso pré-figurado com tom intimista e intimidador do locutor com o interlocutor, numa possível intenção de induzir e ratificar as ideias de pós-verdades veiculadas no enunciado. Essas questões associadas às questões de DS dialogam para que o estudante compreenda que a leitura vai além do que está no verbo-visual, mas construa interpretações pressupostas entre a associação dos fatores verbo-visuais e as informações sócio-histórico-ideológica-contextuais da produção (BELOTI et al., 2020) entrelaçados em elos dialógicos e produza sua réplica/resposta (MENEGASSI, 2010) com palavras que evidenciam seu ponto de vista como contrarresposta consciente do movimento discursivo do enunciado similar ao

que se lê num fluxo de conversa das intenções expressivas na entonação da fala do outro.

As próximas questões almejam a análise do aluno sobre o que está dito no texto e as relações axiológicas que certas palavras podem suscitar como valores ideológicos do locutor no discurso e presumir suas possíveis intenções. Perguntas como: **“7-Releia a frase: “depois que isto estiver em seu organismo você nunca mais será livre”, e responda: qual é a possível intenção do locutor com esse texto? 8- Quais palavras revelam o ponto de vista do locutor sobre o assunto do texto? Explique. 9- Na frase: “esgane-se lá em qual mais quiseram vacinas do Bill Gates”, parece haver erro de digitação. Qual seria o provável sentido dessa frase? O que o erro de digitação revela sobre o locutor? 10- O conteúdo do texto é uma informação ou uma opinião? O conteúdo do texto pode ser considerado notícia? Justifique”**, pretendem discutir a valoração na DVV em expressões tais “Você não será livre”, “Eles te controlarão”, “Vão te colocar doenças”, “Vai diminuir sua imunidade”, “Vão te localizar”, para ampliar a criticidade do aluno sobre a persuasão desencadeada no enunciado como suposta evidencia de fraude na informação. Queremos, com essas questões, que o estudante perceba que textos que oferecem informações carregadas de opiniões persuasivas, generalizadas, superficiais, subjetivas, bombásticas, com erros ortográficos são comuns ao estilo fake news e merecem descrédito e verificação, pois refletem, conforme Bakhtin (2003 [1979] , a entonação expressiva não como marca exclusiva da palavra, mas característica do conjunto do enunciado.

Na décima primeira questão **“11- É possível entrar em contato com o autor do texto, ou saber data e fonte da imagem apresentada? O que podemos inferir sobre essa estratégia de autoria e fonte apresentada no texto? Explique:”**, suscitamos uma reflexão de estrutura composicional da fake news que é comum evidenciar-se na ausência de fonte e autoria, contudo, objetivamos que o estudante perceba que a falta de um nome que assine pela fake e a fonte imprecisa da origem da informação são estratégias do projeto de dizer da falsa notícia como aquela que assume os dizeres de todo mundo em discursos “já ditos” em teorias conspiratórias oriundos dos boatos do dia a dia, além de não se comprometer com o que diz. Dessa forma, pretende-se que o educando perceba que a estrutura com ausência de título- discutida nas questões 2 e 3-, autoria, fontes imprecisas, complementação da linguagem verbal com a não-verbal são características recorrentes dessa e outras

fake news. Contudo, num plano de leitura dialógica, cabe ao professor mediador direcionar a atenção do aluno para a finalidade desse projeto enunciativo se compor assim, quais motivos estariam salvo-guardados e imbricados, para, conseqüentemente, se promover a réplica num posicionamento de crítica consciente frente ao discurso do outro.

A última questão de DVV do texto 1, certos de que poderíamos fazer mais perguntas e explorar infindáveis elos dialógicos deste enunciado, a questão 12 é uma possibilidade de encerramento, de síntese coletiva: **“12- Como poderíamos classificar esse tipo de enunciado? Com qual outro gênero textual esse enunciado se parece? Explique.”** Esse questionamento objetiva levar o aluno a reconhecer o texto como pertencente ao gênero de fake news e associá-lo ao seu cronotopo (JURACH et al., 2020) de boato, fofoca e disse me disse oriundos dos diálogos do dia a dia, para associar a tradição a que pertence o gênero em estudo e suas formas de dizer (BRAIT e PISTORI, 2012) em reforço para produção da réplica.

Pre vemos na questão 12 a classificação dos tipos de fake news, conforme Claire Wardle (2017), que deve ser conduzida como informação complementar pelo docente ou incentivada como pesquisa e compartilhamento pelos estudantes no momento de compor as respostas orais. Salientamos ser importante essa classificação, fake news de conteúdo fabricado, para embasar o educando sobre as formas típicas de engodo mais comuns das falsas notícias e versá-los na educação midiática.

Após as questões propomos coletivamente o registro sucinto das informações básicas do gênero estudado na atividade **“Vamos levantar as características desse enunciado juntos: Dimensão social: Campo de circulação; Espaço de circulação; Condição de recepção; Papel social do locutor; Papel social do leitor/interlocutor e Dimensão verbo-visual: Conteúdo temático; Estrutura composicional e Estilo.”**, como forma de sistematizar o conteúdo estudado.

Como continuidade do nosso PD, tomamos mais duas aulas de 50 minutos para leitura coletiva do texto 2 a seguir.

Figura 7: Texto 2.


XXXXXXXXXX
 20 de dezembro às 21:04 · 🌐

Os jornais não irão mostrar ou a TV!
 Para quem está em euforia com a vacina
<https://asociedadepolitica.wordpress.com/.../tiffany.../>

Merecemos um esclarecimento...vítima da vacina morre após toma-la.




ASOCIEDADEPOLITICA.WORDPRESS.COM
Tiffany Dover, enfermeira que passou mal ao tomar a vacina ao vivo nos EUA veio a óbito



 43
 52 comentários 200 partilhas

Fonte: Web²⁷.

Iniciamos nossa análise pelo bloco de questões que privilegiam o enfoque da DS do enunciado. Sugerimos expor o texto no projetor, pedir a leitura silenciosa e iniciar as perguntas pela contextualização do leitor real do momento (alunos e professor): **1- Vocês ouviram falar sobre a notícia de Tiffany Dover? O que vocês sabem sobre o caso Tiffany Dover?** Muito provável que estudantes do 7º ano des-

²⁷ Disponível em: <https://observador.pt/factchecks/fact-check-morreu-a-enfermeira-que-desmaiou-apos-receber-a-vacina-contra-a-covid-19/> - Acesso:15/02/2021

conheçam o caso citado no texto, pois foi veiculado poucas vezes na imprensa profissional, contudo, o intuito da pergunta é levantar os conhecimentos prévios dos estudantes e produzir interesse pela busca de informação que auxilie a compreensão do enunciado em discussão. Após constatação oral sobre o que os alunos sabem sobre o fato, propomos as questões de pesquisa e aprofundamento desse contexto: **“2- O texto é um discurso em reação a quais fatos anteriores? Pesquise em sites de imprensa oficial e responda. 3- Qual é o contexto partilhado pelo locutor e interlocutor para que esse texto seja compreensível? 4- Para quem é esse enunciado? Quem vai gostar desse texto? Com quem o texto estabelece um diálogo?”** Com essas perguntas queremos engendrar no aluno os elos dialógicos relacionados com o horizonte espacial comum, o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores e a avaliação comum (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 1926.), visto que todo enunciado se compõe em virtude do seu interlocutor, real ou presumido, pessoa física ou grupo social com quem se estabelece um diálogo num território de conhecimento partilhado por atos sociais regulares que suscitam avaliação comum. Dessa forma, queremos desencadear reflexões e refrações (VOLÓCHINOV, 2018) que analisem o contexto da constituição da informação veiculada no texto com o movimento antivacinas Covid-19 e seu auditório social simpatizante de teorias conspiratórias ou negacionista do Coronavírus que fizeram do desmaio da enfermeira Tiffany Dover um óbito para atender as expectativas daqueles que são contrários à vacina como num processo de co-participação (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 1926) ou co-produção (CURADO, 2010), evidenciados nos comentários do replicador do enunciado, também denominado de co-criador por Rojo e Melo (2017), explícito no topo da página da rede social nos termos “Os jornais não irão mostrar ou a TV! Para quem está em euforia com a vacina”.

É provável que os termos “antivacinas” e “negacionistas” tenham que ser sugeridos pelo mediador da leitura e postos em discussão entre os estudantes para complementação do contexto da leitura. Observamos que, possivelmente, somente as perguntas de leitura dialógica que explicitamos não darão conta do aprofundamento que os conceitos dialógicos oferecidos pelo Círculo podem trazer, é fundamental a interação real entre professor e educandos para percepção da conduta da aula de leitura e ampliação, a fim de relacionar todos os elos do discurso que são possíveis na produção de sentidos.. Para isso, é fundamental que o educador tenha uma concepção interacionista da linguagem conforme Geraldi (2011) e insti-

que a leitura dialógica dentro do contexto de sua sala de aula como esboça Rojo (2007), Silva (2008) e Ritter (2012).

Nas questões **“5- Releia a frase: “Merecemos um esclarecimento” e responda: qual é o papel social assumido pelo autor do texto? Explique: 6- É possível saber quem publicou o texto pela primeira vez e como isso colabora com o propósito desse texto? Explique:”** queremos trazer reflexões sobre os elos de posição de autoria ou voz social do discurso. Pensar sobre o papel social do autor e com quem ele dialoga, também esboçado nas questões 3 e 4, permite vislumbrar possíveis intenções do falante e produzir interpretação com respaldo crítico. Na quinta pergunta provocamos o leitor a pensar sobre a ausência de autor, aquele que assina o texto, como finalidade estratégica do discurso em questão, assim não é possível responsabilizar o autor da mentira, contudo, a voz social está lá, e atende ideologicamente um grande público (VOLÓCHINOV, 2018). Desse modo, não se lê somente as palavras do texto, mas até a ausência de palavras e omissão de dados do texto são investigados nos elos dialógicos como possibilidades de leitura.

As últimas questões do bloco de DS: **“7- Como esse texto chega até o interlocutor? A plataforma de circulação é confiável? Explique. 8- Qual é a finalidade do site que hospeda a notícia original? Pesquise a página inicial, pesquise sobre o site e levante informações sobre seu criador e seus propósitos e escreva brevemente aqui: Como essas informações colaboram para o seu posicionamento diante da mensagem do texto? Explique: 9- É possível considerar esse texto como uma fonte segura de informação? Explique:”** enseja desencadear observação sobre o campo de circulação e suporte midiático do texto como parte do projeto discursivo. Intentamos que os estudantes do 7º ano percebam que a relação entre o campo do discurso cotidiano e a circulação em meio digital nas redes sociais favorecem as finalidades discursivas das fake news de informar. Queremos que o aluno leitor perceba que o site que hospeda a notícia original não está comprometido com verdades, mas associado às polêmicas, pois, quaisquer que forem as motivações da “des” notícia, seja pela defesa da ideologia ou por propósitos mercadológicos, ela alavanca visualização pela temática bombástica e gera ganho em publicidade.

Nesta etapa de questões se promove a leitura crítica on-line definidas por Bratten e Stromso (*apud* CORCARELLI, 2017), pelas estratégias requeridas na pesquisa em comparar o conteúdo lido em diferentes textos e links, como o citado “A

sociedade política worpress” e similares como o “Coletividade Evolutiva”²⁸ suscitados na pesquisa com hashtags “Tiffany Dover, enfermeira, vacina” etc. A leitura também é promovida ao observar divergência nas informações dos textos (texto publicado em rede e texto original), pois a fonte citada na fake news não informa exatamente a morte da enfermeira, apenas a pressupõe, sem mais detalhes.

Na sequência, apresentamos as perguntas com foco na dimensão verbo-visual aplicadas ao texto 2, iniciando pelo conteúdo temático: **“1- Qual é o assunto tratado no enunciado? O assunto chama a atenção do leitor? Explique: Esse assunto poderia ser divulgado em outro gênero textual: notícia, reportagem, artigo de opinião etc.? Explique: O conteúdo do texto colabora para o propósito desse enunciado? Justifique:”**. Nessas questões nossa intenção é recolher informações dos educandos que propiciem a associação da fake news com temáticas de ibope social e possíveis notícias se fossem verdadeiras. Também queremos que reflitam que na ausência de um conteúdo chamativo ou polêmico, esse enunciado se desfaz, portanto, fica explícito, conforme explica Bakhtin (2003 [1979]), que a vontade discursiva do falante – no caso do texto 2- a vontade de embasar a desconfiança sobre as vacinas, alavanca considerações semântico-objetais (temáticas) polêmicas e bombásticas como a suposta morte da enfermeira após ser vacinada. Esse assunto se organiza em torno das especificidades do campo da comunicação, nesse caso, o campo do cotidiano em redes sociais de encontro à composição pessoal dos seus interlocutores, pessoas que compartilham os mesmos posicionamentos de pós-verdade.

Nossa intenção é fazer com que os educandos percebam que o texto não carrega um assunto/tema, mas o conteúdo temático do produtor escolhe em qual gênero quer se manifestar, pois a forma do enunciado atende à finalidade e propósito discursivo da vontade de dizer do locutor (BAKHTIN, 2003 [1979]). Essa forma de ver e analisar um enunciado só pode ser alcançada se houver mediação docente adequada para transpor as questões ao nível de entendimento dos alunos para aquilo que se quer atingir com a atividade de interpretação.

Sobre o aspecto da mediação docente, há que se esclarecer que muitos dirão que esse direcionar interpretativo de leitura feito na mediação com nossa seleção de

²⁸ Disponível em: <https://www.coletividade-evolutiva.com.br/2021/01/a-enfermeira-tiffany-dover-evidencias-indicam-que-ela-morreu.html> - Acesso: 15/02/2021

perguntas, ou na forma como o professor aplicar o PD, pode priorizar o ponto de vista docente e ser “autoritária”, uma vez que reflete as condições ideológicas interpretativas do mediador, contudo, se o educando for orientado a ler observando o texto em sua composição dialógica, ele consegue emancipar-se das ideologias do docente, tão logo vislumbre os elos que compõem a linguagem no enunciado em estudo e aplique sobre o discurso do seu orientador. Dessa forma, pressupõe que pela conduta da leitura dialógica se propicie leitura crítica com réplica autônoma do aluno (MENEGASSI, 2010).

Após discussão e investigação do conteúdo temático específico do enunciado, propomos a verificação da fonte da falsa notícia com a questão: **“2- Pesquise a fonte da notícia. Acesse link do site: <https://asociedadepolitica.com/tiffany-dover-enfermeira-que-passou-mal-ao-tomar-a-vacina-ao-vivo-nos-eua-veio-a-obito/>. O título no site é igual ao título da notícia no post? Os links de informações complementares sobre Tiffany Dover estão abertos para pesquisa e correspondem ao fato noticiado? Após verificação do link apresentado como fonte da notícia, reflita e explique: qual a utilidade do link para o conteúdo do texto?”**. Essa questão de dimensão verbo-visual pode ser aplicada na prática junto ao bloco de questões 2, 3 e 4 de DS que abordam o contexto de produção e possíveis interlocutores. Contudo, a questão em análise – 2 de DVV- pretende levantar considerações específicas da origem do enunciado como marca de expressividade das falsas notícias e levar o aluno ao hábito de verificação da fonte como um dos requisitos para promoção do letramento midiático, uma vez que as informações na fonte “asociedadepolitica.word.press” estão incompletas e se diferem da informação veiculada em rede social no texto 2. Pretendemos com a investigação da fonte que o estudante vá além de respostas mecânicas como: o título na fonte é diferente do apresentado no texto 2, os links de informações complementares não estão abertos para verificação ou direcionam para outras páginas que não acrescentam nada à informação. Nosso propósito da leitura dialógica é refletir sobre as intenções na composição dos discursos, dessa maneira, instigamos o estudante a considerar qual o possível propósito estilístico de uso de uma fonte que não ampara o conteúdo relatado e faça associação com a finalidade estratégica do discurso falso para suscitar confiabilidade naqueles leitores que não se propõem analisar além.

Nas questões a seguir: **“3- Quais elementos de linguagem verbal e visual do enunciado nos remetem ao gênero notícia? Qual o efeito de sentido que**

essa associação pode produzir no interlocutor? Explique. 4- O enunciado utiliza a linguagem formal ou informal? Explique. Como emprego desse tipo de linguagem pode influenciar você e outros tipos de leitores sobre o conteúdo do texto?”, pretendemos levantar alguns aspectos concernentes ao estilo modelado pela expressividade e valoração como denunciadores do gênero, segundo Bakhtin (2003) e Acosta Pereira e Rodrigues (2014). Ao responder essas questões, intentamos que o aluno leitor faça comparações entre os gêneros notícia e (des)notícia que suscitem a distinção entre ambas elencadas por Menger (2019), pela apropriação de alguns aspectos do jornalístico tradicional como os valores-notícia (FANTE et al. 2018), em contraposição à linguagem subjetiva, persuasiva enviesada mais por opinião de que por fato desencadeada na fake news. A aparente estrutura formal de notícia é percebida no emprego da manchete “Tiffany Dover, enfermeira que passou mal ao tomar a vacina ao vivo nos EUA veio a óbito”, com verbos no presente do indicativo e complemento da informação por imagens reais que perpassaram veículos de imprensa oficial e site para consulta da informação com suposta finalidade comprovativa em: “Asociedadepolitica.wordpress.com”. Esses recursos colaboram para essa “roupagem” de notícia, contudo, a divulgação da informação em rede social, articulada com a oração inicial “Merecemos um esclarecimento... vítima da vacina morre após toma-la”, em primeira pessoa, linguagem informal e com erro de acentuação no verbo “toma-la”, evidenciam valoração e estilo que fogem aos padrões jornalísticos tradicionais e expõem expressividades que suscitam dúvidas severas sobre a veracidade da informação e imprimem marcas do discurso fake, uma vez que, este, não se ampara em fatos comprováveis, assim parte para a estratégia da argumentatividade e suposições construídas na linguagem multimodal/híbrida para a defesa do ponto de vista creditado em pós-verdade.

Na sequência, sugerimos questões que aprofundem a análise na estratégia valorativa com o emprego de algumas palavras em detrimento de outras, a fim de reconhecer o posicionamento ideológico do locutor pelos “ecos” já-ditos e pré-figurados valorados (BAKHTIN, 2003 [1979]) que podem ser percebidos no texto a partir da provocação das perguntas: **“5- Qual efeito de sentido é produzido no texto com o uso da 1ª pessoa do plural em “Merecemos um esclarecimento...”? 6- Qual efeito de sentido é obtido pelo uso do termo “vítima da vacina”? O que o emprego desse vocábulo (vítima) revela sobre o posicionamento do autor sobre a vacina? Que outro termo você colocaria na oração para substituir “víti-**

ma” e tornar a oração mais impessoal? A mudança de vocábulo colabora com o objetivo informativo do texto? Explique:”. Pretendemos com essas questões estimular os estudantes a pensarem sobre o emprego do verbo na primeira pessoa plural em “merecemos” como instrumento discursivo para intimidar um suposto defraudador- aquele que esconde a informação questionada- e abarcar vozes no discurso como sendo a vontade de muitos, inclusive do leitor atual, conhecer a “verdade” pressuposta - que a enfermeira faleceu devido à vacina- e demonstrar um suposto interesse e apoio coletivo nessa afirmação.

Além disso, nosso propósito é desencadear reflexões pelo emprego do vocábulo “vítima” da vacina, como marcador de ideologia de grupos antivacinas esboçados em já-ditos no contexto pandêmico Covid-19 e também aferir a percepção do estudante sobre o valor das palavras em cada situação, tendo em vista que o discurso não reflete a situação extra-verbal como um espelho, mas analisa a situação produzindo e proferindo uma avaliação sobre ela (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 1926). Dessa compreensão, pretendemos observar a valoração como marca de regularidade estilística que pode evidenciar uma fake news devido à constância com que esse gênero usa vocábulos apelativos na composição dos seus discursos. Dessa forma, almejamos que o aluno leitor não apenas responda ao que lhe foi questionado, mas analise e expresse seu ponto de vista/sua avaliação sobre o que foi questionado sobre o texto e apresente uma réplica conforme Menegassi (2010) e Rojo (2004).

Dando continuidade à leitura dialógica, analisamos elos com co-autoria dada a observação de Volóchinov (2018) que o enunciado se forma entre dois indivíduos (materializados ou idealizados) e Rojo e Melo (2017, p. 1286) ampliam para o contexto midiático com o termo cocriador, ou seja, “o contemplador – que se apropria do texto/enunciado – torna-se co/recriador e curte, comenta ... ressignificando as valorações axiológicas” que intensificam apreciações ideológicas evidenciadas verbalmente na conta e discurso do compartilhador do texto 2 e para isso perguntamos: **“7- A conta que hospeda e divulga o texto principal faz comentários que reforçam os posicionamentos materializados nesse enunciado? Como eles se complementam?”**. A produção dessa resposta incide sobre o papel do compartilhador como aquele que colabora para o discurso central do texto 2, tendo em vista que a significação não pertence às palavras ou ao recorte do texto, mas ao contexto, desde os elementos da DS aos elementos que integram a DVV, dessa forma, pretendemos que o aluno leitor olhe o conjunto do discurso e perceba que a maioria das

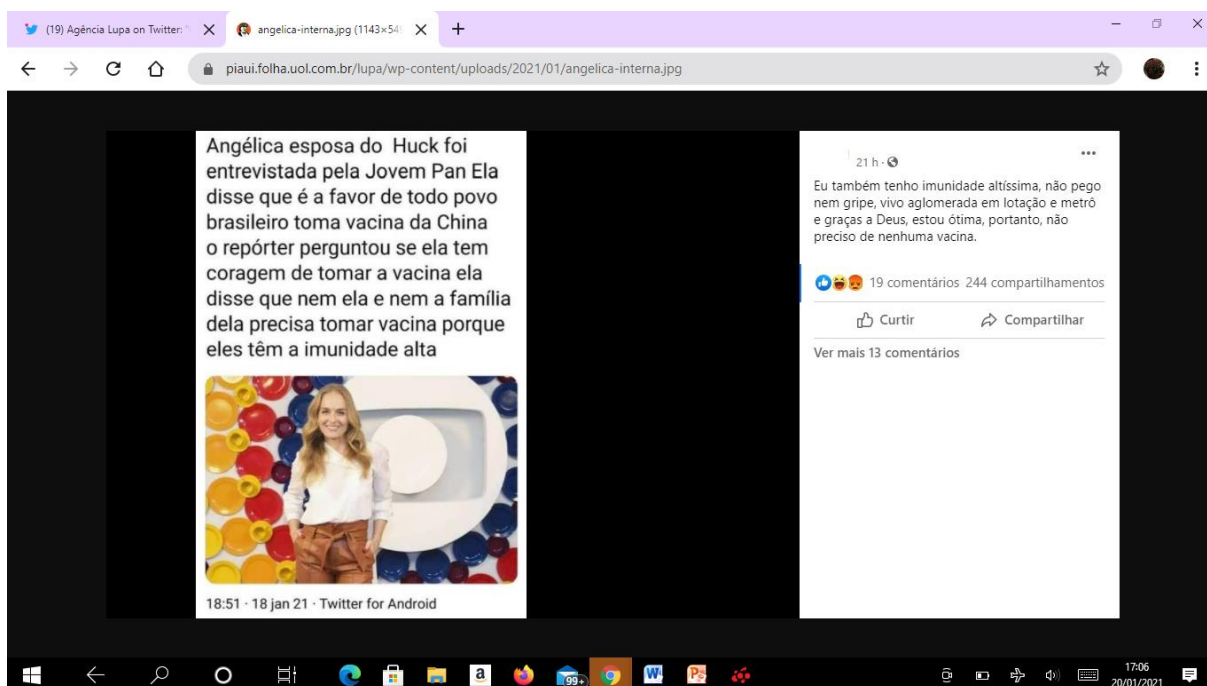
falsas notícias não circulam em veículos oficiais de imprensa que poderiam legitimar sua procedência, mas se valem das redes sociais e da autoridade colaborativa do perfil do compartilhador para apoiar e sustentar sua argumentatividade.

Na oitava questão de DVV: **“8- Descreva a estrutura do texto e explique de que forma ela contribui para expor o modo de dizer do autor.”** Intentamos discussão e apontamentos que caracterizem a estrutura composicional do texto como discurso não linear, persuasivo, informações que se completam pelos efeitos da linguagem multimodal, fonte e circulação ilegítima para contexto de informações confiáveis conforme Menger (2019). Além da caracterização estrutural do enunciado, pressupomos que o aluno leitor reflita sobre a associação entre a vontade discursiva do produtor (BAKHTIN, 2003 [1979]) e a forma como diz como aspectos da intenção do locutor e produza bases para leitura crítica.

Terminamos essa etapa de análise do texto 2 com uma pergunta que suscite uma réplica prática no estudante: **“09- A partir da observação do tema de curiosidade social, da estrutura do texto com poucas palavras e muitas insinuações, ancorado em informação pressuposta de site de notícias sobre imagens de episódio real, com linguagem que apela para que você acredite e compartilhe a informação, responda: como você reagiria em resposta a esse enunciado?”**. Propiciamos esse momento para verificação da conduta pessoal dos alunos frente à fake news, espaço para a réplica, conforme Rojo (2004) e Menegassi (2010), e oportunidade do estudante compartilhar sua compreensão por seus aspectos de seleção valorativa conforme Bakhtin (2003 [1979]).

Prosseguimos nosso PD com a análise do texto 3 nos moldes citados anteriormente, apresentação do texto em projetor, explanação oral das perguntas com respostas orais dos educandos para produção coletiva e participativa dos sentidos.

Figura 8: Texto 3.



Fonte: Web.²⁹

O primeiro bloco de questões contempla a DS e postula as verificações preliminares sobre o contexto sócio-histórico da informação e público leitor: **“1-O que vocês sabem sobre a artista e o logotipo que estampam o texto? 2- Observe a parte principal (que não é o comentário), pesquise, converse com os colegas e relate o que você descobriu sobre o contexto em que esse enunciado foi produzido. 3- Pesquise: Angélica deu entrevista à Jovem Pan sobre tomar a vacina? 4- O texto é uma reação resposta a quê, a quem? O que você sabe sobre a relação da Angélica com a vacina chinesa? Pesquise sobre isso e relate.”**. Essas questões objetivam vasculhar o contexto extraverbal do enunciado pelo que os estudantes já conhecem e ampliar por pesquisa na web. Sugerimos que a pesquisa seja feita nos celulares dos alunos via suporte de internet da escola ou no laboratório de informática. A ação prevê levantar informações que não estão visíveis no texto, mas fazem parte do contexto sócio-histórico e ideológico da produção no qual o estudante do 7º ano deve ser inserido para compreender o enunciado, a saber, o horizonte espacial compartilhado, conhecimento e a compreensão comum da situa-

²⁹ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/01/19/verificamos-angelica-vacina-covid/> - Acesso:20/01/2021

ção e a possível valoração compartilhada nesta situação (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 1926). Sem conhecimentos do “conjuntamente visto, conjuntamente sabido e conjuntamente avaliado” (ANGELO; CZEREVATY, 2019, p.9), a leitura fica reduzida a compreensão literal (ROJO, 2004). Portanto, o estudante deve ser estimulado à investigação do contexto da enunciação, pois sem ela não é possível relacionar Angélica, seu marido Luciano Huck, o grupo Globo de comunicação ao governo do PSDB de São Paulo, João Dória e os conflitos políticos que circundam esse enunciado.

Almejamos que o aluno leitor perceba, com mediação do professor, que o texto é uma possível reação resposta irônica ao apoio da Rede Globo, na qual Angélica e Huck trabalham, às vacinas contra a Covid-19 financiadas pelo governo de São Paulo por suposto despique político e desconfiança do envolvimento chinês na origem do vírus da Sars-Cov2. A produção dessa resposta, aliada às questões seguintes, pretendem suscitar os elos entre campo, gênero, locutor, interlocutor e valoração com promoção da leitura réplica conforme Rojo (2004) e percepção por parte dos estudantes que o enunciado reflete e refrata valores ideológicos do seu produtor (BELOTI et al. 2020). No caso do texto 3, é possível inferir que seu posicionamento explícito contrário ao grupo Globo e aliados do governo de São Paulo, indicam alinhamento com outras ideologias ou grupos políticos que têm interesse em depreciar a família de Luciano Huck e João Dória, apelidado de “João da Vacina”³⁰ nas redes sociais e suposto candidato à presidência do Brasil nas eleições de 2022 juntamente com Huck.

Na sequência, elencamos questões que analisem as condições de produção de Rodrigues (2001; 2005) e Acosta-Pereira (2008; 2012): **“5- O texto foi produzido para circular em qual meio e qual campo social de comunicação? 6- Quem pode produzir esse texto e para que ele serve?”**. Essas perguntas visam reflexões sobre finalidade e condições específicas de cada campo da comunicação (BAKHTIN, 2003 [1979]), e, associada as demais, preparam o aluno leitor para relacionar o conteúdo do texto ao seu projeto discursivo. No caso do texto 3, percebe-se que o campo da comunicação cotidiana, no meio midiático, autorizado a qualquer tipo de produtor, atende as finalidades dos falsos discursos antes no reduto da oralidade. Para se chegar a essa e outras conclusões críticas, observamos, por experiência prática em sala de aula, que é preciso mediação interacionista do docente e condu-

30 Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=161417152671772> Acesso em: 22/08/2021

ção dos estudantes à percepção dos elos entre finalidade e condições de produção com a intenção do locutor para produção de leitura crítica, do contrário, os estudantes tendem responder sem relacionar e num nível de adesão ao conteúdo literal (ROJO, 2004).

Conforme já mencionamos, o enunciado é um ato bilateral (VOLÓCHINOV, 2018) e, portanto, deve ser investigado sob dois aspectos, o que é possível identificar sobre o produtor do texto e com quem ele dialoga, ou seja, quem é seu interlocutor (pessoa física ou grupo ideológico), para isso indagamos: **“7- Para quem é esse texto? Quem vai gostar de ler o texto? Quem o texto pode atingir? Explique. 8- Qual é o papel que o autor espera do leitor de seu texto? Qual é a importância do leitor nesse tipo de texto?”**. O objetivo da questão é fazer com que o aluno leitor ocupe a possível posição de interlocutor desse enunciado (BELOTI et al. 2020), como por exemplo interlocutores que compartilham o mesmo posicionamento avesso à rede Globo, família Huck e vacinas de origem chinesa e, assim, perceba que esses interlocutores, com quem o texto dialoga, são co-produtores do discurso (CURADO, 2010) e formam o auditório social do enunciado e angariam apoio coral (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 1926) que sustentam tensões e disputa de força ideológica nos discursos do cotidiano que podem respingar nas eleições de 2022.

A partir das discussões suscitadas acima propomos encerrar as questões em DS com o arremate crítico da finalidade do texto provocada em: **“9- Quais as possíveis intenções desse texto?”**, para oportunizar ao estudante a elaboração de uma resposta que busque reunir todos os elos discutidos até então como contexto da informação, produtor, interlocutor, campo e meio de divulgação que atendem à intenção discursiva compreendida como manchar a reputação da família Huck e tudo que está ligado a ela.

Na sequência propomos questões de DVV que associadas às discussões de DS certamente possibilitam réplica autônoma nos leitores.

Iniciamos com indagação que remete os leitores ao aspecto do conteúdo temático: **“1- Qual é o assunto tratado no texto? 2- Esse conteúdo poderia ser abordado em outro gênero, como notícia ou entrevista? Explique.”**. A pergunta suscita resposta como “Angélica e sua família não precisam se vacinar contra Covid-19” e produzem avaliações quanto à viabilidade desse tema ser desenvolvido em outros gêneros como indagado. Dessas reflexões queremos tirar conclusões que o tema, no caso do texto 3, de interesse e curiosidade social por abordar um posicio-

namento polêmico de uma celebridade como Angélica, é arcabouço para a constituição valorativa do gênero fake news. Não quer dizer que esse tema não possa ser divulgado em uma notícia ou entrevista, porém, não se sustentaria, uma vez que a informação é falsa e não teria suporte de veículo oficial de imprensa. Dessa forma, é possível compreender que conteúdos temáticos são caracterizadores de gênero (BAKHTIN, 2003 [1979]) e a escolha de um gênero em detrimento de outro para compor o projeto de dizer é uma orientação de expressão valorativa (BELOTI et al, 2020). Perceber essas nuances implicam na formação do leitor crítico capaz de formular sua réplica e dialogar com o texto.

Destarte, continuamos com o foco nas evidências de estilo propostas nas questões: **“3- Observe detalhes na linguagem do texto e responda: qual é o posicionamento do autor em relação às vacinas e à família de Angélica? É positivo ou negativo? Com quais visões de vacinação o texto está alinhado? Explique. 4- A parte principal é escrita com o emprego do discurso indireto. Como o discurso indireto colabora para a composição dessa mensagem? Se o texto principal estivesse em discurso direto teria o mesmo valor informativo. Explique:”**. Tais indagações almejam que o aluno leitor parta do verbal para elencar reflexões nas pistas linguísticas imprimidas no enunciado. Por isso ensejamos que ele perceba apreciação negativa à vacina e a Angélica, uma vez que, para responder a pergunta, precisa associar a ideia de tomar o antiviral como ato de coragem, inferindo desconfiança do imunizante e suposta hipocrisia da apresentadora e sua família. É possível deduzir também que esse discurso está atrelado aos elos dialógicos “já dito” (BAKHTIN, 2003 [1979]) correlatos às teorias conspiratórias do momento Sars-Cov-2, que propagam discursos de medo da vacina: “coragem de tomar a vacina” e discurso de que a imunidade alta já combate a Covid-19: “eles têm imunidade alta” que incentivam a não vacinação.

Outro elemento estilístico a que se considerar é o emprego do discurso indireto na informação do texto. Esse recurso reproduz a suposta fala da Angélica sob o ponto de vista do locutor, dessa forma, acrescenta informações ou distorce informações de maneira sutil e ainda produz a sensação de conversa e proximidade com o interlocutor. Noutra forma, se o texto estivesse em discurso direto, provavelmente perderia essa capacidade subjetiva, irônica e distorcida que o narrador imprime com o discurso indireto.

Dessa forma, as indagações possibilitam levantar as marcas de expressividade e estilo verificáveis nos termos “coragem de tomar a vacina” e emprego do discurso indireto como estratégia de colocar palavras na boca da Angélica que ela não disse, podem destacar os posicionamentos ideológicos do locutor e aparelhar o aluno leitor para se defender das artimanhas desse tipo de enunciado.

Nas próximas etapas levantamos considerações quanto à estrutura composicional como arcabouço do projeto discursivo. É preciso ter o que dizer, tema, concomitantemente se escolhe como dizer, a forma, para que se atinja ao projeto enunciativo (BAKHTIN, 2003 [1979]). Nesses termos propusemos as questões: **“5- Identifique a estrutura completa do texto em análise. 6- De que maneira essa estrutura colabora com a finalidade com a qual o autor elaborou seu discurso? 7- A estrutura e a linguagem no texto principal são parecidas com qual tipo de gênero textual do dia a dia? Como isso influencia a capacidade de comunicação (discursividade) do texto? 8- Qual a estratégia visual empregada pelo autor na parte principal que chama a atenção do leitor? Explique o porquê ela chama a atenção do leitor e a relação entre a imagem e o texto verbal. 9- É possível identificar o autor ou coautor do texto? Como isso colabora para a informação do texto? Explique:”**. Com essas perguntas queremos que o leitor identifique elementos de estrutura composicional como: ausência de título, reprodução da informação a partir do discurso indireto, linguagem multimodal, sem autoria, co-criador no comentário (ROJO; MELO, 2017), suporte em redes sociais e campo do cotidiano colaboram para o projeto de dizer de informação falsa, pois essa estrutura aliada ao estilo linguístico persuasivo produzem informações por pressuposição e não comprovação conforme Menger (2019).

A sétima questão angaria observações de estilo e estrutura que remontam ao cronotopo da des-notícia (JURACH et al. 2020). Perceber esse plurilinguismo (ROJO, 2013), a versatilidade do gênero textual (BAKHTIN, 2003 [1979]) colabora para ampliação dos limites de leitura (BRAIT, 2012), pois permite reconhecer as intenções históricas constitutivas do enunciado como o boato e a fofoca e dessa forma subsidia a leitura crítica.

Na oitava pergunta pretendemos que os leitores observem a composição multimodal do texto, característica comum desse tipo de enunciado, através da disposição da imagem de Angélica bem no centro, com aparência alegre, saudável, e a logomarca da Rede Globo de televisão ao fundo, sugerindo que eles estão bem (An-

gética e Rede Globo), não precisam ser cobaias das vacinas, só o restante da população brasileira. Nesse enunciado e em outros do mesmo teor, é comum não haver títulos, e o chamariz do leitor ser a imagem do tema já que a informação é construída pela pressuposição rápida entre a linguagem verbal e não verbal.

A nona questão remete aos elementos estruturais da fake news como assinatura ilegítima ou falta de assinatura (MENGER, 2019). Para compor a resposta, queremos que o estudante reflita sobre a falta de um nome que assine pelo informe como uma estratégia de não responsabilização, e, com base nas aulas anteriores, perceba que a falsa notícia utiliza apresentar autoria do texto quando isso agrega valor à informação como recurso de autoridade com um falso perfil, no entanto, em outros momentos, utiliza o recurso da omissão do autor para fugir à responsabilidade. Contudo, prevalece a voz social do produtor, como aquele que representa os valores do cotidiano de um sistema ideológico presente (VOLÓCHINOV, 2018), no caso acima, valores depreciativos à vacina Coronavac, de origem chinesa e seus patrocinadores políticos.

As próximas questões abordam a versatilidade discursiva da fake news: **“10- A parte do texto principal tem a mesma relevância sem o comentário do replicador? É possível afirmar que o texto principal é constituído para ganhar força nos comentários que o sucederão? Explique. 11- Vamos pensar: enunciados como esses estão em suportes midiáticos, em redes sociais, e vêm com algum comentário do replicador. Como o texto do comentário colabora com o texto principal? Como eles se complementam, dialogam? Podemos considerar a autora do comentário como coautora?** Essas indagações suscitam alguns elos dialógicos versados nos novos meios de comunicação como a web. Para o aluno leitor almejamos que postule inferências de que o texto principal dialoga com o texto do replicador e pretende angariar argumentação nos comentários pre-figurados nele, e em outros, e, dessa forma, amplie sua influência persuasiva. Sobre isso, Rojo e Mello (2017) explicam que o co-criador potencializa os discursos em redes sociais. Outro fator a que se observar é o aspecto suscitado pela responsividade desencadeada nesse tipo de discurso. Conforme Bakhtin (2003 [1979], p. 275) todo enunciado tem “um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois de seu término os enunciados responsivos de outros” e almeja uma resposta. Nesse sentido Menger (2019) esclarece que os temas nas fakes news apresentam certa conclusibilidade predisposta pela repercussão instantânea e confli-

tos que geram nos meios virtuais que favorecem a resposta rápida em comentário ou em ação de disseminação. Dessa forma, devemos mostrar ao aluno leitor que o comentário do co-criador é um aspecto da responsividade solicitada no texto principal e representa um interlocutor que foi convencido da informação e arrebanhado como apoio coral intencional para ratificar a ideologia presente no discurso.

Para finalizar a leitura do texto 3 provocamos uma réplica prática: **“12- Se esse texto fosse compartilhado com você no Facebook, twitter, Whatsapp, o que você faria?”** Nesse momento, propiciamos espaço para o aluno reavaliar sua conduta diante dos enunciados falsos e elencar posturas positivas para combater esse tipo de texto como: após identificar, não disseminar o enunciado para tentar diminuir seu poder de alcance. Outro modo seria responder ao texto desmentindo-o, para isso deve-se estar preparado para os embates que surtirão na rede em tréplica, além do mais, cautela, pois mesmo com réplicas bem planejadas para desconstruir uma fake, a linguagem multimodal dela ainda detém força pela rapidez com que se comunica com leitores desavisados e pode continuar sendo compartilhada mesmo que o comentário ao lado esteja desmistificando-a. Contudo, esperamos respostas que colaborem com a desconstrução da fake news e diminuam sua força de propagação.

Continuamos nosso plano de leitura dialógica de fake news com o estudo do texto 4 e lembramos que não falamos para os alunos que se trata de uma falsa-notícia. Essa etapa foi pensada para o trabalho em duas aulas de 50 minutos, com exposição do texto em projetor, perguntas e respostas orais para produção de sentido coletivo.

Figura 9: Texto 4.



Fonte: Web. ³¹

Principiamos a mediação da leitura por perguntas da DS que ativem o conhecimento de mundo do leitor (ROJO, 2004) e recuperem o contexto real do aluno leitor: “1- **Alguém viu essa manchete? Seria possível conseguir a vacina com disfarce de idoso? Você teria coragem de tomar uma atitude dessas?**”. Essas perguntas visam aproximar o leitor do texto e colocá-lo no ponto estratégico de interlocutor comum conforme Beloti et al. (2020) para, então, fazê-lo observar o conjunto da enunciação com as demais indagações: “2- **Qual é o contexto sócio-histórico que proporciona visibilidade, interesse por esse texto?**” Essa pergunta almeja que o leitor levante informações sobre os acontecimentos que margeiam o conteúdo do enunciado tais como momento de pandemia, urgência na vacinação, vulnerabilidade dos idosos etc., e, assim, possa criar inferências críticas sobre a mensagem do texto e seu valor notícia. A proposição é inserir o estudante no contexto da enunciação para que ele vislumbre os elos dialógicos compartilhados pelo “horizonte espacial e ideacional”, e compreenda sentido global do enunciado (VOLÓCHINOV/BAKHTIN 1926, p. 7). De posse dessa informação elencada pelos filósofos do Círculo, podemos inferir que muitos problemas de leitura encontrados na sala de aula advêm do desconhecimento do contexto e das relações dialógicas de DS e DVV que constituem o discurso no plano da realidade do aluno leitor. Sendo assim, faz-se necessário ampliar práticas de leitura que subsidiem a compreensão

³¹ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/01/20/verificamos-jovem-vacinado-disfarce/>
Acesso: 22/01/2021.

também pelos conhecimentos daquilo que não está visível no texto, mas é parte dele.

Prosseguimos ampliando as reflexões na composição discursiva extraverbal: **“3- O texto circula em quais meios de comunicação? Em qual campo social? 4- Qual é a finalidade desse enunciado? Para que ele serve? 5- Quem pode produzir esse enunciado no suporte onde está divulgado? Como isso implica na informação divulgada? Explique”**. As questões de contexto de produção, meios, campo de divulgação e finalidade do texto pretendem que o aluno apresente respostas, a princípio, óbvias como: o texto circula nas redes sociais e na TV aberta, está no campo social jornalístico midiático e cotidiano e tem finalidade de trazer uma informação. Contudo, a questão 5 assevera despertar o estudante a desconfiar da informação pelo suporte em rede social em que foi divulgada e adotar uma postura de atenção e verificação mobilizadas nas competências de navegação e leitura, (COS-CARELLI, 2017), que contribuem para o letramento midiático.

A seguir indagamos sobre o papel social do produtor e do interlocutor para evidenciar as possíveis intenções do discurso: **“6- O texto é orientado para qual tipo de interlocutor? O leitor previsto é exigente ou de leitura rápida? Explique: 7- Qual papel social cabe ao produtor e ao leitor previsto na interação desse texto? Explique a importância dessa relação para o texto. 8- É possível determinar o autor e o local em que o texto foi produzido?”**. A produção dessas respostas faz o aluno pensar no interlocutor idealizado com quem o enunciado estabelece um diálogo. Esse interlocutor pode ser considerado o público adulto, que tenha interesse por jornal e por notícias da vacina contra a Covid-19 e, possivelmente, morador de Santa Catarina. Espera-se também que seja um leitor pouco exigente, que se contente apenas com a manchete da notícia, pois o enunciado está apenas nesse plano. O locutor do texto assume o papel social de uma instituição jornalística e dialoga com a população que se interessa por essa informação. O papel social dos interlocutores confere autoridade à informação, contudo, a incerteza gerada pelo suporte em rede social deve desencadear verificação do fato pelo leitor e promover criticidade.

Na sequência apresentamos as questões de DVV que incidem sobre o conteúdo temático: **“1- Qual é o assunto tratado no texto? Esse assunto poderia ser divulgado em outro gênero senão o aparente, a notícia? 2- O que esse tema/assunto tem de importante que mereça ser divulgado na estrutura que se**

expôs?”. Elencamos tais indagações para, a partir das discussões de DS, que o aluno leitor leia além da palavra, mas identifique o assunto de valor notícia dentro de um plano de intencionalidade que faz escolhas conscientes no projeto de dizer, assim, a matéria sobre o jovem tentar se vacinar disfarçando-se de idoso pode ser exposta na estrutura que se fez porque arrebatará interesse pelo fato de não ter vacina para todos e alguns quererem furar essa fila. Provavelmente, se o assunto fosse tratado fora do campo jornalístico midiático, perderia sua relevância. Dessa forma, compreende-se que o conteúdo temático associado ao gênero que elege para representá-lo é uma escolha valorativa (BELOTI et al.2020) e deve ser discutido com os estudantes na leitura dialógica como estratégia da fake news para enganar o leitor. Assim, é conferido espaço na aula para levantar a percepção das relações de interdiscursividade no enunciado, quesito para proficiência em leitura réplica conforme Rojo (2004).

A próxima questão vem de um princípio básico com conteúdo em web, a checagem: **“3- Antes de clicar na imagem ou abrir o vídeo (se estivesse disponível), faça uma busca rápida no navegador: jovem tenta se vacinar antes com disfarce de idoso. O que você descobriu?”**. Nessa etapa objetivamos a promoção da leitura crítica on-line, suggestionadas por Bratten e Stromso (apud Corcarelli, 2017) como observar, comparar e encontrar informações em diversas fontes, pois na pesquisa os alunos vão descobrir a mesma imagem, mas com outra manchete relacionada a roubo de banco. Outro ponto de análise na leitura é o fato da rede social não colocar o texto inteiro, só a manchete. Isso já sugere fraude na informação que se classifica como fake de manipulação de conteúdo conforme Claire Wardle (2017).

Após constatação de que o texto é uma des-notícia, passamos a analisar a valoração perceptível no discurso e ampliar a criticidade do aluno leitor: **“4-Por quais recursos linguísticos e não-linguísticos pode-se inferir se o autor está ou não acreditando na prioridade estipulada pelo Ministério da Saúde para a vacinação contra Covid-19?”**. Essa questão deve ser respondida com mediação do professor, para fazer os estudantes perceberem, mesmo nas poucas palavras do texto, que a escolha do tema no gênero como se fez é uma opinião valorada. A escolha de um jovem como protagonista na fake é outra opinião valorada, pois pode evidenciar que o autor desacredite dos grupos prioritários para vacinação, aprecie a urgência da vacinação em toda sociedade, ou ainda ironiza o tamanho desespero da sociedade em tempos de pandemia. Certo é, o autor não gastou seu tempo manipu-

lando o conteúdo de uma notícia sem ter o que dizer, e isso deve ser levado em conta em um plano de leitura dialógica, o dito e o presumido pelo fato de muitos desejarem a imunização contra Covid-19, mas poucos terem acesso a ela.

Assim encerramos nossa análise de PD, projetada tendo em vista o público do 7º ano do EFII, possível de ser aplicada em outras séries mais avançadas, com propósito de promover a leitura perpassando a análise do enunciado em sua constituição extraverbal e verbo-visual como produtora de sentidos presumidos por elos de dialogicidade. Acreditamos que suscitar essas relações de interdiscursividade manifestadas no texto sobre vacinação no Brasil ao engajamento com que os enunciados fakes se estabelecem é um convite à reflexão sobre a consciência coletiva e individual, amplia nossas capacidades de produzir refrações e promove a tomada de consciência de nós e do mundo pela linguagem como afirma Volóchinov (2018).

4.3. Módulo 3 – contrapalavra do aluno

O objetivo desta seção é requerer a responsividade crítica do estudante aos dizeres do texto enunciado, após instrumentalização da leitura dialógica, em específico à identificação de uma fake news. A proposta é possibilitar um momento de manifestação da contrapalavra com o objetivo de desenvolver a leitura réplica. Compreendemos por contrapalavra conforme Ângelo e Menegassi (2011, p.210) como evidência da “palavra minha”, resultado da ressignificação da palavra do “outro”. Para isso solicitamos aos estudantes o estabelecimento de critérios de checagem e desconstrução de falsas notícias. O tempo estimado para desenvolver esse módulo é de quatro aulas.

Sugerimos, como recurso dessa verificação, a indicação da fake news a seguir, “Bebê de dois anos de idade MORRE durante os experimentos da vacina Covid-19 da Pfizer em crianças”, por estar alinhada ao contexto das falsas notícias trabalhadas anteriormente em nosso PD.

Figura 10: Texto sugerido para contrapalavra.



Fonte: Web³².

Quadro 8: Transcrição do texto indicado para contrapalavra.

“Bebê de dois anos de idade MORRE durante os experimentos da vacina Covid-19 da Pfizer em crianças.

Sexta-feira, 30 de abril de 2021 por Ethan Huff

(Natural News) Seis dias depois de receber uma segunda dose da vacina experimental contra o coronavírus Wuhan (Covid-19) da Pfizer, um bebê de dois anos faleceu nos testes clínicos da empresa para criança, [indicam novos relatórios](#).

Os testes em andamento incluem mais de 10.000 crianças com idades entre cinco e 11 anos em um dos grupos e outras 10.000 crianças com até seis meses”

Fonte: Autora.

De posse do texto, propomos aos estudantes um contexto comum de encontro com a falsa notícia, como em grupos de WhatsApp do colégio, por exemplo. Incentivamos uma discussão coletiva em sala de aula e apontamento de critérios de investigação do enunciado duvidoso recebido hipoteticamente no aplicativo mensageiro. Após análise da fake news, propomos a produção de um post editado sobre a mesma fake news em que os estudantes apontam os aspectos fraudulentos da mensagem. O propósito do post é promover a síntese dos conceitos trabalhados anteriormente sobre des-notícia, confrontar falsos enunciados e conscientizar dos

³² Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/05/07/verificamos-bebe-morreu-teste-pfizer/>
Acesso em 12/09/2021

impactos negativos da desinformação. Após a produção do post editado sobre a fake, propomos divulgá-lo nas redes sociais do colégio e comunidade escolar.

Salientamos que a proposta didática no módulo 3 abre espaço para a contrapalavra oral e redigida, promove o letramento midiático através da pesquisa de verificação da mensagem e edição de texto, além de possibilitar espaço para a criatividade na elaboração do post, tendo em vista que existem diversos conteúdos que podem ser divulgados no formato post. Para isso, prevemos pesquisa na internet e em aplicativos como Canva³³ que nos auxiliam nessa jornada, certos que a mediação do professor e os recursos tecnológicos da escola são de suma importância nesse processo.

Com a proposta de contrapalavra, encerramos o módulo III e nossa proposta de leitura dialógica, na expectativa de resultados satisfatórios no desempenho do nosso aluno leitor.

³³ Disponível em: <https://www.canva.com/> Acesso em 16/11/2021.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve origem na problematização suscitada no contexto de sala de aula, no ensino de língua portuguesa, no ensino fundamental II de escola pública do Norte do Paraná, cuja prática de leitura mostrava-se insuficiente para proficiência crítica e autônoma.

Em busca de subsídios que melhorassem a mediação e ensino de leitura, dispomo-nos a estudar e sob orientação do quadro de professores da Universidade Estadual de Maringá do mestrado profissional -PROFLETRAS- fomos conduzidos à compreensão da linguagem como interação e do enunciado como projeto arquitetônico do diálogo.

No percurso de estudos fomos impactados e absorvidos pela pandemia do Covid-19 que reorganizou a condução do nosso protótipo didático -PD - que a princípio era destinado à implementação nos parâmetros da pesquisa-ação com alunos do sétimo ano, passou a ser idealizado para os professores no trabalho de leitura com alunos desta série, sob escopo interpretativista de pesquisa. Dentro deste quadro contextual também fomos afetados pela avalanche de fake news que usurparam as informações verídicas sobre a pandemia e fabricavam desserviços. Desta forma, alinhamos nosso protótipo didático de leitura ao gênero “des” notícia como forma de promoção à leitura e contribuição social contra os embaraços informativos vinculados às novas mídias de comunicação.

De posse dessas informações e das reflexões encontradas nas obras do Círculo (BAKHTIN 2003, [1979]), (VOLÓCHINOV 2018), (BAKHTIN/VOLÓCHINOV 1926) e seus estudiosos contemporâneos vislumbramos possíveis implementações de prática dialógica de leitura como propulsora da leitura réplica/crítica, conforme Menegassi (2010), que instigaram a pergunta de pesquisa: “Como desenvolver a leitura réplica em alunos do 7º ano do EFII a partir do trabalho dialógico?”

É importante destacar que após os estudos sobre a concepção dialógica evidenciada no Círculo de Bakhtin, foi necessário definir fake news como gênero discursivo para corroborar com nosso PD de leitura, uma vez que os estudos sobre esse enunciado ainda estavam em construção. Contudo, com base em Bakhtin (2003 [1979], p. 268): “Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para

outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero”, ficou evidenciado os elementos de expressividade como tipificadores do gênero, os quais podem ser considerados num projeto de leitura dialógica. Assim, concluímos que toda informação enviesada por temas polêmicos, estilo intersubjetivo, estrutura não linear e multimodal no campo informativo midiático do cotidiano, em circulação nas redes sociais, pode ser considerada uma fake news. Isso não significa, necessariamente, que seja falsa, mas soa nas estruturas típicas daquilo que é discurso falso.

Após estudo e reflexão sobre a leitura dialógica e as características mais estáveis do gênero fake news, emergimos com nosso objetivo geral de pesquisa que orientou nossa prospecção pedagógica: “propor um PD de leitura dialógica que possa contribuir com o desenvolvimento da leitura réplica/crítica de alunos de 7º ano”.

A fim de perseguirmos tais objetivos, foi necessário internalizar os conceitos fornecidos por Rodrigues (2001; 2005) e Acosta-Pereira (2008; 2012) sobre dimensão social e dimensão verbo-visual com base nos escritos de Beloti et al (2020) que despontam com diversas possibilidades de perguntas que suscitam os elos dialógicos entre o verbal e o extraverbal.

Sob essas orientações teóricas, ao tentar caracterizar e compreender o PD de leitura dialógica elaborado, percebemos que fazíamos confusões entre questões de DS e questões de DVV, por isso dispomos as perguntas em duas colunas em paralelo com foco e progressão em cada dimensão de forma que ficassem visíveis as áreas de composição do enunciado tanto para nós- professor pesquisador- quanto para o professor que utilizasse as atividades, para distinguir qual dimensão estaria produzindo as leituras e mesclá-las a posteriori. Além disso, ficou evidente que essa distinção entre as dimensões serviria para amparar o trabalho pedagógico do professor e fazê-lo visualizar as possibilidades de elos que podem ser suscitados num plano de leitura dialógica, não necessariamente esgotarem as questões de DS para ir para DVV, porque estas áreas se entrelaçam. Portanto, podemos fazer questões de conteúdo temático (DVV) logo após questões de contexto histórico-social de produção, ou questões de estrutura composicional após contexto de produção, e assim por diante, mas devemos priorizar o início com a DS porque ela não é complemento da DVV, ela é a causa do enunciado se manifestar em formas típicas como relatado pelos teóricos do Círculo.

Nesse sentido, no que tange ao primeiro objetivo específico, “Compreender como os aspectos sociais e ideológicos das dimensões social e verbo-visual dos enunciados podem ser contemplados no interior do PD proposto para o trabalho pedagógico da leitura dialógica em um possível processo de aprendizagem de alunos de 7º ano” concluímos que organizar as questões em dois blocos paralelos priorizando aspectos da dimensão social e da dimensão verbal-visual contribuíram para nossa própria internalização do conteúdo e colaboraram para a prática didática das dimensões que o dialogismo requer em leitura. No PD não previmos impedimento para alternância entre questões de DS e de DVV, apenas aludimos ao conjunto de indagações possíveis que o docente deve saber explorar para atingir os aspectos constituintes do enunciado, pois o educando merece saber desses constituintes e eles devem ser esclarecidos durante uma aula de leitura dialógica, mas tudo está a depender também da boa compreensão teórica do próprio professor mediador conduzir esses questionamentos.

Outro fator que orientou a composição do PD foi o número expressivo de questões levantadas a fim de provocar a leitura réplica no estudante. Sabemos que mais questões podem ser elaboradas e estamos à espera dessa contribuição, pois nos moldes de PD de Rojo (2012), contribuições são bem vindas e necessárias para aperfeiçoamento do material. Contudo, o número alto de questões requeridas por motivos dialógicos motivou-nos a optar por uma implementação projetada para a oralidade, pois consideramos, mediante experiência docente, que as aulas de leitura ficam mais dinâmicas e proveitosas quando os alunos percebem que suas contribuições serão via oral em detrimento da escrita, pois não há que se preocupar com a elaboração da resposta redigida, por isso suas proposições tornam-se mais produtivas e curiosas sobre o texto.

Nosso segundo objetivo de pesquisa: “caracterizar um protótipo didático de leitura dialógica que promova a leitura réplica”, nos traz, em primeiro plano, sua organização geral em três módulos, o inicial de contraposição entre gêneros, notícia e fake news, no segundo módulo com aprofundamento da leitura pela observância das DS e DVV e, por último, o módulo específico para contrapalavra que requisita uma réplica escrita em função da desconstrução de uma fake news.

Além da sua organização, é potencial e promissor a consideração da mediação adequada. Julgamos que a ausência de implementação limitou nossos resultados de pesquisa, pois caso fosse aplicado o PD e as perguntas postas em prática,

poderiam ser ampliadas e adaptadas com menos prejuízo semântico em detrimento da realidade do educando do sétimo ano, pois no momento de análise do PD percebemos que muitas questões precisavam ser mais claras e ainda continuar dialógicas, adaptadas ao nível do interlocutor do EFII.

A conclusão acima foi observada ao responder algumas de nossas questões. Na composição das respostas verificamos que também poderíamos responder literalmente, sem reflexão, como por exemplo: Quem produziu essa informação? O que é possível saber, inferir (pensar) sobre ele? (Texto 1, Módulo I). Somos tentados a responder o mínimo como: “A informação foi produzida pela Gazeta do Brasil, jornal de notícias on-line”. E daí? Responder a isso não torna o leitor proficiente em leitura crítica/réplica porque tocou num possível ponto de DS. O trabalho é mais árduo, devemos relacionar o campo e o modo de circulação do enunciado com a finalidade do discurso. Nesse aspecto, fez-nos aprofundar as questões e instigar respostas mais reflexivas, no entanto, observamos que os termos mais significativos para salientar os elos dialógicos poderiam ser desconhecidos para um público do 7º ano e até mesmo para alguns educadores. Assim, nos fez concluir que a mediação adequada para adequação das perguntas ao nível de entendimento do público leitor estudantil é imprescindível. E imprescindível é que o educador mediador conheça o dialogismo e a interrelação entre verbal e extraverbal para provocar a leitura no aluno, do contrário, corre-se o risco de resposta literal e mais cansativa que as perguntas e respostas das aulas tradicionais cuja solução estava clara no texto.

Dessa forma, percebidos os aspectos de fragilidade do PD em face da mediação adequada, também destacamos contribuições positivas. Consideramos que a prática de leitura na perspectiva dialógica é eficaz para promoção da réplica/crítica, tendo em vista todos os elos suscitados para produção de sentidos nas relações sociodiscursivas entre campo de atividade humana, condições de produção, circulação e recepção e os fatores verbo-visuais de conteúdo temático, estrutura composicional e estilo os quais ampliam e fundamentam a refração do aluno leitor. Das reflexões provocadas pelas questões em DS e DVV surtiu ao leitor dialogar com o texto (ROJO, 2004) porque promove a produção de sentidos pelo embate de apreciações do ponto de vista do aluno e o ponto de vista no conjunto do enunciado.

Podemos afirmar, portanto que nosso objetivo geral foi alcançado e torna-se concreto no apêndice desse trabalho para pesquisas posteriores, futuras implementações e colaborações. Contudo, também nesse aspecto, dependemos do professor

mediador em apreender conhecimentos de mídia para articular o conteúdo do PD e as novas tecnologias que são sugeridas no referencial do nosso trabalho. Sem a participação singular desse profissional a prática tende ao mecanicismo.

Por fim, nossa conclusão retórica é que leitura pelo viés dialógico produz leitura réplica/crítica, mas depende do papel do grande mediador, o professor, conhecer e estimular a visão do aluno sobre os elos dialógicos possíveis em um texto/enunciado. Entendemos que o tema da pesquisa não é finito, mas levanta considerações importantes sobre a necessidade de novas práticas de leitura no EFII e formação continuada para professores, cujos resultados da nossa pesquisa ficaram explícitos na dependência deste profissional.

Para reforçar a conclusão acima, vale relatar que, como profissional da educação, experimentamos um grande avanço cognitivo pessoal embasado no referencial teórico do dialogismo, que antes era mal compreendido e até depreciado por nós quando nos deparávamos com questões no livro didático como: “Quem é o possível leitor desse texto?”, e nosso aluno respondia “a sociedade” e dávamos por encerrada a discussão, não fazendo ponte entre o projeto discursivo de DS e DVV, reproduzindo assim uma prática insignificante e carente de leitura réplica. Por isso consideramos nossa evolução pessoal um resultado humilde, mas compensador para aqueles que serão nossos alunos doravante na certeza de que práticas dialógicas promovem leitura e aprendizado para todos os envolvidos no processo.

6 REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R. **O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração**. 229 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis-SC, 2008.

ACOSTA-PEREIRA, R. **O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda**. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis-SC, 2012.

ACOSTA-PEREIRA, R. **A análise de textos-enunciados como prática precedente à elaboração didática**. In: TAFFARELLO, M.C.M. (Org.) Revista de estudos sobre práticas discursivas e textuais. São Paulo, v.14, n.3, p.4-29, nov., 2014.

ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, A. M.de. O cronotopo nos estudos dialógicos da linguagem. In: FRANCO, N.; PEREIRA, R. A.; COSTA-HUBES, T. da C. (Orgs.) **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 89-108.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo e RODRIGUES, Rosângela Hammes. **Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin**. Letras, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147–162, jan./jun. 2010

ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES R. H. **O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

ANGELO, C. M. P.; CZEREVATY, P. C.. **Valoração e Entonação no Dialogismo do Círculo de Bakhtin**. 2019 Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/c28289a7b2a3c4c8827ac4d595bbf31f.pdf> Acesso em: 22/08/2021

ANGELO, C. M.P.; MENEGASSI, R. J. . **Práticas leitoras de alunos do segundo ciclo do ensino fundamental**. Signum. Estudos de Linguagem, v. 10, 2007, p. 67-88.

ANGELO, C. M.P.; MENEGASSI, R. J. . **Manifestações de compreensão responsiva em avaliação de leitura**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.14, n.1, p. 201-221, jan./jun. 2011

ANGELO, C. M.P.; MENEGASSI, R. J. . **Perguntas de leitura na prática docente em sala de apoio**. RBLA, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 661-688, 2014.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981. [1963]

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, M; VOLÓCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

BELOTI, A. et al. Conceito de valoração em perspectiva enunciativo-discursiva: proposta teórico-metodológica pra a prática da leitura. In: FRANCO, N.; PEREIRA, R.A.; COSTA-HUBES, T.da C.(Orgs.) **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 109-135.

BORTONI-RICARDO, S. M. Postulados do paradigma interpretativista. In: **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 31-40.

BRAIT, B.; PISTORI M. H. C. **A produtividade do conceito de gênero em BAKHTIN e o círculo**. Alfa, São Paulo, 56 (2): 371-401, 2012

BRAIT, B. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, R. de O. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016, p.13-30.

BRANDÃO, D. de A.; GOMES, R. **Tecnologias digitais para o ensino: elaboração de um protótipo digital com o gênero notícia**. Redin: Revista educacional Interdisciplinar. São Paulo: v.7, nº 2, 2018, p.1-13.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CAMBRIDGE **English Dictionary. Fake news**. Cambridge: Cambridge University Press 2018. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/fake-news>

COSCARELLI, Carla Viana. Navegar e ler na rota do aprender. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola, 2017, p. 61-80.

CURADO, O. H. F. Linguagem dialógica: práticas de leitura e produção de texto. In: OSORIO, E. M. R. (Org.). **Mikhail Bakhtin: cultura e vida**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p.141-151.

D'ANCONA, Matthew. **Post-truth: the new war on truth and how to fight back**. Londres: Ebury Press, 2017.

FANTE et al.(2018) **Fake news e Bakhtin: gênero discursivo e a (des) apropriação da notícia** . Ameaças ao Ciberjornalismo - repositório-aberto.up.pt 2018

Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/119348> Acesso em 23/05/2020

Fantin, M. (2008). **Os cenários culturais e as multiliteracies na escola. Comunicação E Sociedade**, 13, 69-85. Disponível em [https://doi.org/10.17231/comsoc.13\(2008\).1145](https://doi.org/10.17231/comsoc.13(2008).1145) Acesso em 04/02/2021

Fantin, M. **Alfabetização midiática na escola**. In Anais do 16.º Congresso de Leitura do Brasil COLE, Campinas: Unicamp.2007.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: Armazém da Cultura, 2018.

Freire, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 7.a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.

FREITAS FILHO, A. R.; TEIXEIRA, P.F. **Guerra da pós-verdade: a batalha político-midiática do Movimento Brasil Livre** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 22, n. 45, p. 163-178, 2º quadrimestre de 2018.

GERALDI, J. W. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In GERALDI, J.W. (org). **O texto na sala de aula**. 1ª.ed. - São Paulo : Ática, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas, 2010. Disponível em : https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf

JURACH, J. M. et al. Cronotopo sob o viés dialógico: parâmetro norteador para a investigação de enunciados. . In: FRANCO, N.; PEREIRA, R. A.; COSTA-HUBES, T. da C. (Orgs.) **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 161-185.

LIVINGSTONE, Sônia. **Media Literacy and the challenge of new information and communication Technologies**. London: LSE Research Online, 2004.

MARCHEZAN, Renata. **Pós-verdade e “fake news”**: uma abordagem bakhtiniana. Caderno de Resumos do XIV Abralín em Cena: Fake news e Linguagem. UNESP- Araraquara, 2019.

MEDVIÉDEV, P. N./BAKHTIN, M. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Grillo. Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MENEGASSI, R. J. **Práticas de avaliação de leitura e a formação do leitor: reconstruindo conceitos no professor**. Leitura. Maceió-AL, 2009, no prelo.

MENEGASSI, José Renilson. O leitor e o processo de leitura. In: GRECO, Eliana Alves, GUIMARÃES, Tânia Braga (orgs.). **Leitura: Aspectos teóricos e práticos**. Maringá: Eduem, 2010. p.35-59.

MENEGASSI, R. J. et al. A leitura Dialógica de Fábulas. In: FRANCO, N.; PEREIRA, R.A.; COSTA-HUBES, T.da C.(Orgs.) **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 187-212.

MENGER, J. B. **O impacto da desinformação em discursos de pós-verdade: as fake News como gênero discursivo à luz de estudos dialógicos do círculo de Bakhtin**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

NEWS. In: **Oxford: advanced learner's dictionary**. New York, 2010.

NASCIMENTO et al. COMO IDENTIFICAR FAKE NEWS: ENSINO DO GÊNERO NOTÍCIA ATRAVÉS DO TWITTER. In: Organização: SANTOS, J.G.P. ; MACEDO, K. S. S. B. ; REIS, M. J. G. dos S. **Multiletramentos e diversidade linguística**. Grau Zero — Revista de Crítica Cultural, v. 8, n. 1, 2020 | P. 15 – 40.

Disponível

em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/8923/7695> Acesso em: 14/06/2021.

PINTO, E. C. da S.: ACOSTA PEREIRA, R. a Prática de análise linguística sob a perspectiva dialógica: encaminhamentos teóricos-metodológicos para o professor de Língua Portuguesa. In: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA PEREIRA, R. (Orgs). **Práticas de linguagem na esfera escolar**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 102-125.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais Imigrantes Digitais**. De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001)

RITTER, L. C. B. **Práticas de leitura/análise linguística com crônicas no Ensino Médio: proposta de elaboração didática**. Tese de doutorado. UEL, Londrina, 2012.

RODRIGUES. R. H. **A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo-SP, 2001.

RODRIGUES. R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p.152-183.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

Disponível em: http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2013121153a8f1155045828c12733b68e/Letramento_e_capacidade_de_leitura_pra_cidadania_2004.pdf . Acesso em: 04/11/2020

ROJO, R. **Gêneros do discurso no círculo de Bakhtin – ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas**. Proceedings of the 4th International Symposium on Genre Studies. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4. Anais... Tubarão, SC: UNISUL, 2007. p. 1761- 1775. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237701508_GENEROS_DO_DISCURSO_NO_CIRCULO_DE_BAKHTIN_-_FERRAMENTAS_PARA_A_ANALISE_TRANSDISCIPLINAR_DE_ENUNCIADOS_EM_DISPOSITIVOS_E_PRATICAS_DIDATICAS . Acesso em: 06/01/2021.

ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: parábola Editorial, 2012.

ROJO, R. H. R. (Org.) **Escola conectada:: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. (Estratégias de ensino; 40).

ROJO, R. H.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1º Edição- São Paulo; Parábola Editorial, 2015.

ROJO, R.; MELO, R. de. **Letramentos contemporâneos e a arquitetura Bakhtiniana**. D.E.L.T.A., 33.4, (1271-1289) 2017.
Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502017000401271&lng=pt&tlng=pt Acesso:01/10/2020

ROJO, R. Conferência: **Protótipos Didáticos e Gêneros Digitais**. In: Webinar PROFLETRAS 2020 #2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I3QMVJH8Rcg>> Acesso:10/02/2021

SILVA. E. T. **Unidades de leitura – trilogia pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2008

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217

TEZZA, Cristovão. **Entre a Prosa e a Poesia: Bakhtin e o Formalismo Russo**. Copyright © 2003 by Cristovão Tezza. Todos os direitos reservados

www.cristovaotezza.com.br Primeira edição: Editora Rocco, 2003. E-book produzido por Tovo Textos em julho de 2013 [2003]

THEISEN, Jossemar de Matos. **O letramento digital e a leitura online no contexto universitário**' 28/07/2015 257 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS, Pelotas Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UCPEL

TRAQUINA, N. **“O que é jornalismo?”** Quimera, Lisboa. 2002.

TRAQUINA, N. **“A tribo jornalística: uma comunidade transnacional”**, Editoriais Notícias, Lisboa. 2004

VICENTE, Renata Barbosa; MELO Istárlet Kétila Santos de. **FAKE NEWS: UM ESTUDO DO GÊNERO TEXTUAL**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 12, nº 02 - ago/dez, 2020 ISSN: 2176-9125
Disponível em: <http://revlet.com.br/artigos/595.pdf> Acesso em: 14/06/2021

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2^o Edição, 2018.

UNESCO, Yearbook. Media and Information Literacy: Reinforcing Human Rights, Countering, Radicalization and Extremism. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2016.

ZUCKERMAN, Ethan. **Cada macaco no seu galho**. Tradução Paulo Migliacci. Folha de S. Paulo, São Paulo, 24 set. 2017. Ilustríssima, p. 6-7.

WARDLE, C. **Fake News. It's Complicated**. First Draft, 16 de fev. 2017. Disponível em: . Acesso em: 15/06/2021 mai. 2020.

7 APÊNDICES

Apêndice A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DO 7º ANO EFII

Prezado (a) aluno (a):

Este questionário tem como finalidade levantar dados que fornecerão uma melhor compreensão do tema que desenvolveremos em nossa pesquisa de mestrado, no programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS- UEM.

Peço que leia com atenção cada questão, colocando um X para as alternativas que melhor responderem à pergunta feita

Muito obrigada!

1. Em que fontes de notícias você costuma ficar informado?

- () rádio
- () televisão
- () internet
- () jornal ou revista impressos

2. Como você costuma se informar?

- () pela leitura sobre os fatos
- () por escutar sobre os fatos
- () por assistir/ver os fatos

3. Quais os temas de notícias chamam tua atenção? Você pode assinalar mais do que uma opção.

- () política
- () esportes
- () vida das celebridades
- () saúde
- () educação
- () jogos eletrônicos
- () bizarrices
- () violência
- () religiosas

4. Quando você recebe uma notícia do seu interesse via whatsapp, Facebook, Instagram, twitter já compartilha?

- sim
 não

5. Qual a sua reação quando lê uma notícia polêmica veiculada (mostrada) em fontes inseguras (autores ou sites desconhecidos)?

- desconfia se a informação é verdadeira ou não
 continua lendo pois acredita que não é porque a autoria da notícia é duvidosa que não devemos lhe dar algum crédito.
 na maioria das vezes você pensa: se está escrito, se tem foto, se tem áudio e imagens, deve ser verdadeiro.

Apêndice B:

Protótipo didático: FAKE NEWS: LEITURA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA COM O GÊNERO (DES)
NOTÍCIA PARA O 7º. ANO

Link de acesso ao Protótipo Didático em pdf: <https://drive.google.com/file/d/11-wFVz9tNuFcXruL9uhmUL5RnVstEKys/view?usp=sharing>